



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CULTURA
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO E CULTURA

LUCIETE CARDOSO POMPEU

CANTOS E ESCRITURAS DE DEVIR-MULHER: ativismos feministas na educação.

CAMETÁ (PA)

2024

LUCIETE CARDOSO POMPEU

CANTOS E ESCRITURAS DE DEVIR-MULHER: ativismos feministas na educação.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura – PPGEDUC, da Universidade Federal do Pará – UFPA, Campus Universitário do Tocantins/Cametá – CUNTINS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação e Cultura.

Linha de Pesquisa: Culturas e Linguagens
Orientadora: Profa. Dra. Gilcilene Dias da Costa

CAMETÁ (PA)

2024

LUCIETE CARDOSO POMPEU

CANTOS E ESCRITURAS DE DEVIR-MULHER: ativismos feministas na educação.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura – PPGEDUC, da Universidade Federal do Pará – UFPA, Campus Universitário do Tocantins/Cametá – CUNTINS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação e Cultura.

Data de realização: 17/07/2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Gilcilene Dias da Costa

Orientadora e Presidenta da banca – PPGEDUC/UFPA

Profa. Dra. Maria Lucilena Gonzaga Costa Tavares

Avaliadora interna – PPGEDUC/UFPA

Prof. Dr. José Valdinei Albuquerque Miranda

Avaliador interno – PPGEDUC/UFPA

Profa. Dra. Vilma Nonato de Brício

Avaliadora externa – PPGCIT/UFPA

CAMETÁ (PA)

2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

P788c Pompeu, Luciete Cardoso.
Cantos e escrituras de devir-mulher: : ativismos feministas na
educação. / Luciete Cardoso Pompeu. — 2024.
106 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Gilcilene Dias da Costa
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Cametá, Programa de Pós-Graduação em
Educação e Cultura, Cametá, 2024.

1. Educação. 2. cartografia. 3. Devir-mulher. 4. Ativismo
feminista. 5. Canto.escritura. I. Título.

CDD 370.82

Para Lucinete dos Anjos Cardoso, quem me
ensinou a força da mulher.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu guia nesta caminhada.

À Literatura, que me transportou desde a infância, em especial, às autoras feministas, companheiras de luta.

Agradeço, *In Memoriam*, a Estelina dos Anjos e Venâncio Cardoso, meus avós maternos, pelo cuidado, amor e infância feliz no Rio Pacacanga.

Aos meus pais, Lucinete dos Anjos e Juarez do Carmo, por serem pais maravilhosos que enfrentaram as dificuldades da vida para que seus filhos pudessem continuar estudando. Sou imensamente grata e reconheço a luta cotidiana pelo alimento e pelo futuro de seus filhos.

Ao meu noivo, meu grande amor, Romario Ribeiro, que tem meu “sim”. Foi meu ouvinte, conselheiro e me incentiva dia após dia. Meu amor por você é inefável.

Aos meus irmãos (Luciane e Juailson), sobrinhos e afilhados, pelas lembranças vividas e por compartilharem a vida comigo de maneira tão generosa e amável.

Às mulheres e homens da minha vida (tias/tios, amigas/amigos, primas/primos, colegas).

Agradeço à rede de apoio que trago comigo. Em especial, Lauriane Carvalho, Kamilla Lobo e Karine Marques por serem abrigo às minhas angústias e felicidade.

Aos meus colegas de turma, que se tornaram amigos: Luiz, Kliciane e Nizandria. Vocês têm minha amizade e admiração.

Ao SUMANAS, coletivo de mulheres que me apresentou os feminismos. Mulheres de luta, hoje fazem parte de quem sou, agradeço a cada companheira.

À CAPES, pelo fomento à pesquisa, importante suporte para que eu pudesse me dedicar à dissertação.

À Professora Gilcilene, pela admiração e carinho. Obrigada pela acolhida, orientações e ativismos que abriram caminhos nesta pesquisa para mulheres, suas artes, suas lutas.

À banca examinadora, com admiração e carinho, Profs. Valdinei Miranda, Lucilena Gonzaga, Lucélia Bassalo, Vilma Brício, pela disponibilidade na leitura e contribuições a este trabalho.

À Universidade Federal do Pará – Campus Universitário do Tocantins/Cametá, por viabilizar um Programa de Pós-Graduação essencial na formação de educadores e educadoras da região.

Meus agradecimentos à coordenação e aos(as) professores(as) do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura por toda a acolhida, orientações e partilha de conhecimentos.

A todas as pessoas que fizeram parte dessa trajetória e que, de alguma maneira, contribuíram para essa conquista.

*Quando eu morder
a palavra,
por favor,
não me apresseem,
quero mascar,
rasgar entre os dentes,
a pele, os ossos, o tutano
do verbo,
para assim versejar
o âmago das coisas.*

Conceição Evaristo (2008, p. 123)

RESUMO

Esta Dissertação de Mestrado em Educação e Cultura situa-se em um contexto de extrema urgência às lutas feministas frente aos avanços da violência contra a mulher e das práticas conservadoras patriarcais que excluem a sua participação na sociedade em escalas alarmantes. No âmbito desta pesquisa, focalizamos os nascimentos políticos e os ativismos feministas de mulheres universitárias e egressas que percorreram e percorrem sua formação acadêmica e atuação profissional em meio às reverberações coletivas de suas lutas por visibilidade e participação feminina na sociedade. Desse modo, apresenta as seguintes questões: como nascem os ativismos feministas em âmbito acadêmico? Que enfrentamentos e linhas de fuga cruzam esses percursos? Em que momentos o devir-mulher atravessa essa formação? Como cartografar os devires políticos e feministas nascidos dessa movimentação? O estudo tem por objetivo cartografar os ativismos feministas de acadêmicas e egressas da UFPA/CUNTINS, no fazer das suas artes de lutar, aprender e ensinar. O percurso teórico se baseia filosofia da diferença de Deleuze e Guattari (1992) (1995) (1997) (2006) (2012), em aliança com os estudos feministas de Woolf (2014), hooks (1994) (2019) (2021), Louro (1997) entre outras, buscando reverberar os ativismos feministas, com visibilidade às artes de lutar e educar nos espaços acadêmicos, profissionais e sociais. Os caminhos metodológicos seguem as pistas da cartografia rizomática de Deleuze e Guattari (1995), tendo por recorte a pesquisa-intervenção com mulheres estudantes e egressas da UFPA/CUNTINS (sede Cametá), que estejam atuando na rede escolar e/ou realizando trabalhos comunitários, de modo a evidenciar o sentido político, educativo e artístico de suas ações, lutas e alianças coletivas, estando a pesquisa entrelaçada à experiência formativa da própria pesquisadora-ativista-cartógrafa. Os resultados sinalizam a força de um devir-mulher a atravessar a vida de muitas mulheres, um convite a pensar os ativismos feministas como um contínuo nascimento político, isto é, do entrar ao sair da universidade, uma construção que se faz com ações conjuntas, artes, debates, diálogos e intervenções capazes de provocar nascimentos políticos e feministas em nossas vidas pessoais e profissionais, bem como participar ativamente na construção de uma sociedade democrática e justa aos direitos e às lutas de múltiplas mulheres.

Palavras-chave: Cartografia. Educação. Devir-mulher. Ativismo feminista. Canto-escritura.

ABSTRACT/RESUMEN

Esta propuesta de Investigación de Maestría en Educación y Cultura se sitúa en un contexto de extrema urgencia a las luchas feministas frente a los avances de la violencia contra la mujer y de las prácticas conservadoras patriarcales que excluyen su participación en la sociedad en escalas alarmantes. El estudio tiene por objetivo cartografiar los agenciamientos colectivos y educativos de mujeres estudiantes y egresadas de la UFPA/CUNTINS, en el hacer de sus artes de existencia y luchas colectivas vivenciadas en sus itinerarios formativos y profesionales. Presenta las siguientes cuestiones: cómo nacen las alianzas y las insurgencias feministas en las trayectorias formativas de mujeres estudiantes y egresadas en la UFPA/CUNTINS? En qué momentos el devenir-mujer atraviesa esa formación? Cuáles son sus enfrentamientos, cómo crean sus líneas de fuga en medio de la educación, el arte, la resistencia? Cómo cartografiar los devenires políticos y feministas nacidos de ese movimiento? A través de una perspectiva filosófica cartográfica, basada en la filosofía de la diferencia de Deleuze y Guattari (1992) (1995) (1997) (2006) (2012), en alianza con los estudios feministas de lobo (2014), hooks (1994) (2019) (2021), Louro (1997) entre otras, se busca problematizar los procesos formativos en la enseñanza superior con respecto a la participación de la mujer en esos espacios, dando visibilidad a las insurgencias feministas y a las líneas de fuga nacidas del encuentro con el arte, la intelectualidad y la lucha política feminista agenciada en los espacios académicos y sociales. En términos metodológicos, la investigación seleccionó 3 (tres) mujeres estudiantes y 5 (cinco) mujeres egresadas de la Universidad Federal de Pará/cuntins (sede Cametá), que estén actuando en la red escolar y / o realizando trabajos comunitarios, a fin de cartografiar sus prácticas activistas, artísticas y pedagógicas en medio de los movimientos de "nacimientos políticos de devenir-mujer" vivenciados a lo largo de su formación académica y actuación profesional, de modo a evidenciar el sentido político, educativo y artístico de sus acciones, luchas y alianzas colectivas, la investigación está entrelazada con la experiencia formativa de la propia investigadora-activista-cartógrafa. Se concluye, provisionalmente, que la fuerza de un devenir-mujer puede estar en el presente que fluye partículas de multiplicidades de vida en muchas mujeres, una invitación a pensar los activismos feministas como un continuo nacimiento político, es decir, del entrar al salir de la universidad, una construcción que se hace con acciones conjuntas, artes, debates, diálogos e intervenciones capaces de provocar nacimientos políticos y feministas en nuestras vidas personales y profesionales, así como a participar activamente en la construcción de una sociedad democrática y justa a los derechos y a las luchas de múltiples mujeres.

Palabras clave: cartografía. Devenir-mujer. Insurgencias feministas. Activismo feminista. Escritura-canciones.

LISTA DE FIGURAS

Figure 1 "Captura do salto" Registro próprio da exposição casa das onze Janelas, Bélem.....	12
Figure 2- Capa de dissertação de Christiane Costa Lira (PPGEDUC, 2021).....	23
Figure 3- encontro devir- Arquivo do Sumanas.....	33
Figure 4- Ação Sumanas - Imagem de arquivo do coletivo.....	34
Figure 5 Oficina de cartazes e luta- Arquivo do Sumanas.....	37
Figure 6 capa do livro de beel hooks.....	43
Figure 7- arte (Registro da entrevistada “Amarilis”, que também e pintora).....	47
Figure 8- arte-movimento: Registro da narradora “Margarida”, que participa de um grupo de capoeira Angola.....	48
Figure 9- leitura: Registro da narradora “Camélia”, que tem nos livros a abertura para o feminismo.....	49
Figure 10- Ato: Registro da entrevistada “LIS”, em uma caminhada em defesa da vida da mulher.....	50
Figure 11-Ação. Arquivo próprio, mostra a entrevistada “Dahlia” na conferência de políticas para mulheres do Estado do Pará.....	51
Figure 12- Narradora Rosa e Alice (filha em seu colo) e Ayla (na barriga) defendendo a dissertação “Aprende brincando: a criança atuando entre o povo assurini do trocará, município de Tucuruí-PA 2017”.....	52
Figure 13- intervenção, narradora “Magnólia”.....	53
Figure 14- registros próprios, de encontros do SUMANAS com participação da pesquisadora.....	54
Figure 15- Álbum da música na pele.....	61
Figure 16- Imagem do Arquivo SUMANAS, mostra uma roda de conversa com outras mulheres.....	68
Figure 17- coletivo. Imagem arquivo do SUMANAS.....	70
Figure 18- Vista panorâmica do Campus Universitário do Tocantins/Cametá.....	75
Figure 19- Diálogo em terra indígena, entrevistada “Rosa”.....	79
Figure 20- oficina de arte e formação feminista.....	81
Figure 21-Caminhos. Registro disponibilizado pela narradora “Amarilis”.....	83
Figure 22- intervenção feminista- professora “Rosa” em evento.....	90

Figure 23 - Imagem disponibilizada pela entrevistada “Margarida”.....	95
Figure 24- trajetos, registro disponibilizado pela narradora “Íris”.....	97

SUMÁRIO

1. CANTOS E ESCRITURAS DE DEVIR-MULHER	12
2. CAMINHOS CARTOGRÁFICOS: GOTAS, RIOS, FORÇA-CABANA	22
3. CAMINHOS DE NASCIMENTOS DE DEVIR-MULHER	31
4. CAMINHOS DE ÁGUA: AUTOINVENÇÃO DE SI	40
5. CAMINHOS ESGUIOS: ENFRENTAMENTOS E RESISTÊNCIAS	60
6. CAMINHOS INSURGENTES: PRÁTICAS E VIVÊNCIAS	71
7. CAMINHOS DE EDUCAR: ADMIRÁVEL MUNDO NOVO	85
8. REVERBERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	102
APENDICE B - PERGUNTAS REALIZADAS ÀS EGRESSAS E ALUNAS	104
ANEXO A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	105

CANTOS E ESCRITURAS DE DEVIR-MULHER

Adentrei na sala... (pensamento inicial da narradora pesquisadora). Serei aqui porta-voz da minha experiência. Nas minhas primeiras palavras, direi que me encontro em constante deriva, não como alguém que vaga sem direção, mas sim como alguém que salta para desprender-se. Um ato de coragem para o novo, que me/nos movimenta para outras maneiras de ver, sentir e viver no mundo. Como bem disse Roberta Stubs (2019, p. 29) “Em risco de queda, dei um salto, já era início da travessia. Minha primeira sensação, a de estar dando um salto no vazio, me lançando em fluxos desconhecidos que já diziam de uma travessia cujo fim e finalidade eu desconhecia parcialmente”. A citação de Stubs, convida a olhar para a experiência pessoal ou testemunho pessoal, lançado no acompanhar os movimentos que atravessam “em minha vida e na vida de outras pessoas” e por isso sigo experimentando, compartilhando e sentindo, pois, não escrevo sozinha, estou acompanhada de muitas outras, no plural, em devires de um corpo-experiência.

Figure SEQ Figure * ARABIC I "Captura do salto" Registro próprio da exposição casa das onze Janelas, Bélem



Salto...

Diante do desconhecido, um salto corajoso de segundos repletos de cogitações...

A distância se estende...

E o coração, ah, esse se agita desenfreadamente...

O tempo... contrai-se entre o lançar-se e a imersão...

O que nos espera além deste salto audaz?

Nas águas incertas do rio, mergulhar é descobrir.

(Luciete Cardoso, 2022).

Em devir, vivemos cotidianamente diferentes experiências, somos atravessados por situações, palavras, sensações e pensamentos. Contudo, o que realmente fica conosco? Será que você absorverá essas experiências? É a partir desses acontecimentos que escrevo para refletir, descobrir e construir-me. Ser múltipla, com aberturas que possibilitam constante renovação em corpo/subjetividade.

Começo esta pesquisa abordando "o momento que nos transforma", que nos faz ver e mudar conscientemente o que estava estático. Considere esse momento uma abertura, um salto de um corpo em devir, que permanece à deriva, avançando até encontrar algo para se segurar. Afinal, é preciso estar à deriva para chegar a algum lugar. Assim, me lanço em minha escrita como um despertar, pois somos tocados, atravessados, e a partir disso surgem devires-outros. "Mas e então, o que vem depois?". Para Larrosa (2021, p. 7): "Se alguma coisa anima para a escrita é a possibilidade desse ato de escritura, a experiência em palavras, que nos permite libertar-se, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo". Devires-outros que mostram a importância da experiência e do ato de escrita como possibilidade de libertação e transformação de si mesmo.

Esta pesquisa é um ato de escrita em movimento, das linhas de sensibilidade que se conectam com a vida, atravessadas por desdobramentos como mulher, ribeirinha, pesquisadora, ativista e professora. Somos/sou corpo que, ao experimentar, encontra barreiras, dúvidas e aberturas, levadas por fluxos que tocam e se ramificam. De acordo com Deleuze e Guattari (2012, p. 17), "não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados". Sou/somos múltiplas, o que significa uma renovação constante, em que novas possibilidades e formas de ser e de existir emergem a cada momento. Somos corpos que não temem a aventura de criar-se.

À deriva... *Em complementaridade com o devir um mesmo corpo outro corpo, em de corpo aberto para o mundo*¹. Um corpo em experiência, em processo infinito de outramento². De maneira semelhante, de acordo com Deleuze e Guattari (1995, p. 20) "Devir é um verbo tendo toda a sua consistência; ele não se reduz, ele não nos conduz a "parecer", nem "ser", nem "equivaler", nem "produzir". Um corpo em devir, em transformação... um experimentar que vem com o acontecimento, de encontros e com a ação, isto é, "é preciso surgir para devir?", deixo a refletir.

¹ Roberta Stubs. 2019, p. 58.

² Essa ideia está diretamente relacionada às propostas e análises da filósofa indiana Gayatri Spivak (1985, 2010). A autora inaugura o uso do termo "outramento", que descreve o processo pelo qual o discurso colonialista produz seus outros.

Nesta perspectiva, é no ato de viver, no processo de experimentar, no salto em direção à incerteza e na busca pelo desconhecido que encontramos o nosso interior. Que emerge, como uma linha de fuga nos impulsionando. Nessa trajetória, de arriscar-se ao novo traz a incerteza do que já conhecemos e a certeza de que estamos sempre em evolução, e esta percepção se torna o ponto de ancoragem.

Escrever em devir-mulher é, nesse sentido, lançar-se na escrita de si. A partir de um olhar para a própria experiência de como nos tornamos mulher sob a ótica do empoderamento³ e da resistência. Escrever, escrever-se e (re)viver. Contar a própria história, valorizar as vivências das mulheres no seu (re)significar com o mundo.

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir: ao escrever, estamos num devir-mulher, num devir-animal ou vegetal, num devir-molécula, até num devir-imperceptível. (Deleuze, 1997, p. 11)

Viver em devir é deslocar-se do que limita, uma passagem que abre insurgências de transformação, que atua em prol de aberturas potenciais políticas e práticas de resistência. De acordo com essa perspectiva, estamos sujeitos a transformações. Nesse contexto, “a experiência é algo que (nos) acontece é que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. (Larrosa, 2021, p. 10)”. Então, a experiência como um ato de cantar a si. No entanto, como enfatiza Larrosa, nem sempre somos capazes de dar forma a essa experiência e transformá-la em algo significativo, como um canto. Pois, para que possamos nos transformar e evoluir, é preciso estar aberto ao encontro e à experiência, e ser capaz de dar forma a esses elementos, convertendo-os em algo novo e significativo.

Assim, esta dissertação é meu canto de experiência, que surge do acontecer devir-mulher, com a escritura de uma pesquisadora. Vale frisar, que o devir-mulher que adormecia em mim, foi desperta como caloura da Universidade Federal do Pará Campus Cametá, no Curso de Letras Língua Portuguesa, no ano de 2018, em que vivenciava a vida acadêmica sem projeções sobre o feminismo, até que surgiu o acontecimento de uma participação em uma reunião do coletivo de Mulheres SUMANAS⁴.

Adentrei na sala... e estavam sentadas um grupo de oito (8) mulheres, entre elas, convidadas, professoras, concluintes e eu, uma caloura. Na referida reunião houve um

³ Muitas vezes, estar imerso na realidade opressiva impede uma percepção clara de si mesmo enquanto oprimido. Trecho de: "Empoderamento" por Joice Berth (2019, p. 18).

⁴ SUMANAS – coletivo de mulheres formado na Universidade Federal do Pará, Campus Cametá.

momento de troca de experiências, uma conversa aberta sobre assédio, violência, família, machismo e estrutura patriarcal. Este é o ponto do acontecimento que mudou a mim, pois foi a primeira vez que me reconheci como ligada a problemas comuns enfrentados por outras mulheres. E isso ocasionou um desvelar na minha existência, na forma de agir, nas persistências machistas no ambiente familiar, educacional e em minhas relações. Ressalto, contudo, que foi somente no espaço da sala que entendi se tratar de uma reunião do coletivo chamado Sumanas, que posteriormente ao encontro me juntei como participante e passados alguns anos, ainda faço parte.

Atualmente, o SUMANAS atua com três participantes ativas⁵ das que estavam a mais tempo, as demais acabaram por afastar-se devido ao deslocamento para suas cidades e para carreira profissional. Contudo, não podemos deixar de ressaltar a importância do coletivo na participação ativa no espaço formal e informal, através de ações realizadas pelo coletivo como roda de conversa, formações, debates e intervenções. Na dissertação de uma das fundadoras do coletivo e narradora nesta pesquisa, podemos observar em seu relato o encontro das multiplicidades⁶ de mulheres e a importância deste coletivo para muitas delas.

Antes da criação do Coletivo de Mulheres, muitas professoras observavam a problemática do silenciamento de várias estudantes, muitas vezes entendido como timidez.

Logo que adentrei o espaço da universidade, eu também entendia dessa forma sobre a minha timidez e de outras estudantes, mas, aos poucos nos construímos como feministas, com a criação do coletivo de Mulheres Sumanas, as epistemologias feministas a partir das teorias feministas pós-estruturalistas, também surgiram como descobertas para nós. Pois, não buscamos criar uma identidade feminista somente, como é atribuído ao nome do Coletivo de Mulheres Sumanas que se confunde com o feminismo popular, mas abarcar feminismos múltiplos plurais, inclusivos, para além de binarismos.
(Dahlia⁷, 2019, p. 17, egressa UFPA/CUNTINS)

Nesse sentido, abrangendo uma multiplicidade de mulheres universitárias vindas de comunidades do campo, ribeirinhas, quilombolas, urbanas, o coletivo participou e ainda continua a participar, através das integrantes presentes, e das que integram os espaços de eventos, debates, seminários, entre outras, na promoção de rodas de conversa e eventos na intenção de debater os medos, as incertezas, a violência, a submissão da mulher, a fim de

⁵ O coletivo SUMANAS, após o período da pandemia, modificou o seu quadro, pois, as integrantes que finalizaram seus cursos e pós-graduação retornaram às suas localidades. Consequentemente, o número de integrantes diminuiu após o período pandêmico, reduzindo a movimentação das rodas de conversas.

⁶ O princípio da multiplicidade segundo Deleuze e Guattari (2011, p. 23) só ocorre quando o múltiplo é tratado como um substantivo independente, sem relação com o uno, seja como sujeito, objeto, realidade, imagem ou mundo.

⁷ Nesta pesquisa, propõe-se preservar os nomes das narradoras, utilizando nomes escolhidos pela pesquisadora. A escolha se deu de modo a impedir que sejam identificadas como alunas ou ex-alunas da instituição em estudo. Dessa forma, busca-se destacar as narradoras por meio de suas colocações, profissões e experiências, sem revelação de sua identidade.

liberar as forças de ação do devir-mulher. Construir a si mesma, e ir contra um mundo anterior, dentro de si. Olhar para si está intrinsecamente ligada à desconstrução de ideias, valores e padrões que foram internalizados ao longo do tempo. Quando falamos em uma sociedade construída em raízes patriarcais, isto se faz cotidianamente. Ademais, o conceito de "construir a si mesma" que trago se faz pelo devir baseado em Gilles Deleuze e Félix Guattari (2012, p. 20), na multiplicidade, na singularidade e na constante transformação. É a auto invenção de si, em novos pensares, que acontece e rebela contra aquilo que delimita, reproduz e oprime para dar-se lugar a novos olhares e ações. O corpo-experiência,

A partir do momento que entrei no Campus na faculdade, que eu comecei a ver coisas de uma maneira mais ampla e mais óbvia que antes eu não conseguia ver, comecei a buscar mais informações, através até mesmo da pesquisa que faço parte. Foi aí que fui começando a perceber o quão importante é a luta feminista e como ela se deu e como ela se dá, como ela pode vir a ser mais e mais (como posso dizer) empático. (Camélia, discente UFPA/CUNTINS)

Essa assertiva da narradora nos faz entender, que, tomar consciência do que estava encoberto é começar a ver uma mesma coisa, porém com uma perspectiva diferente. Dar um salto rumo à deriva, e encontrar-se, juntamente a muitas outras. Isso implica em dar um passo em direção à desconstrução de preconceitos e estereótipos arraigados, abrindo espaço para uma nova visão. Pode significar rejeitar a si mesma, referência a uma possível resistência interna que as pessoas podem enfrentar ao abraçar o feminismo. Isso ocorre porque essa mudança de perspectiva pode desafiar opiniões e valores enraizados, exigindo uma seleção das antigas formas de pensar e aceitar a possibilidade de uma transformação pessoal.

Nessa perspectiva, a luta feminista nos alcança em um determinado momento, entretanto, esse percurso não ocorre instantaneamente; ocorre-se no cotidiano e na individualidade. Sobre isso,

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (Larrosa, 2021, p. 25)

A arte do encontro, do acontecer, da interrupção, a arte dos novos pensares, novas ações, do aprender, do ensinar, do olhar, de persistir, de transformar-se, a arte de escrever... o texto enfatiza que essa jornada de autodescoberta é um processo contínuo, que exige reflexão constante e ações consistentes para alcançar uma verdadeira transformação social e pessoal.

Com isso, enfatizo um movimento de escritura de si, como nota a tantas outras que estiveram comigo e são parte do que me tornei, até aqui.

Nesse contexto, o ingresso no PPGEDUC-UFPA- Campus de Cametá me possibilitou a escrita sobre mulheres da região Tocantina, mulheres feministas, mulheres ribeirinhas, mulheres cabanas... que ressoa em mim, como mulher feminista e ribeirinha, e em tantas outras. Mas, o que aqui se faz é um movimento cartográfico de mulheres, que dividem memórias de vivências antes, durante e depois de seus percursos formativos e profissionais. Nesse sentido, o estudo torna-se uma potência de luta contra a violência, contra a invisibilidade, o silenciamento e as ações machistas que acompanham cotidianamente o feminino.⁸

E é nesse cenário que questionamos: quem fomos antes de nos tornarmos mulheres?⁹ Os caminhos, experiências e multiplicidades visam trazer a valorização das vozes, das realidades e da esperança de uma luta contínua, realizada na UFPA/CUNTINS através de graduandas e egressas desta universidade a partir da educação, da arte e resistência a fim de impulsionar e mostrar que na região Tocantina também se produz pesquisa, ativismo e luta. Em busca de tentar contribuir junto a outras pesquisas, para nossa valorização, na coletividade e sororidade em meio a uma estrutura patriarcal. Evidenciando as múltiplas vivências das mulheres que aqui existem, sejam elas negras, ribeirinhas, periféricas, entre outras, que enfrentam formas específicas de opressão e marginalização. Entendemos que o devir-mulher para essas mulheres vai além de uma simples extensão do conceito tradicional de mulher, pois implica olhar para as complexidades e particularidades de suas trajetórias para ouvir e dar visibilidade às suas lutas e conquistas.

Feito estes percursos iniciais, a presente pesquisa de dissertação intitulada **“CANTOS E ESCRITURAS DE DEVIR-MULHER: ativismos feministas na educação.”** apresenta as seguintes questões: como nascem os ativismos feministas em âmbito acadêmico? Que enfrentamentos e linhas de fuga cruzam esses percursos? Em que momentos o devir-mulher atravessa essa formação? Como cartografar os ativismos feministas de acadêmicas e egressas?

⁸ Trabalho o termo “feminino” como uma tomada do ser e existir da mulher, na multiplicidade, em contraposição ao papel da mulher historicamente consolidado em uma única forma (submissa, cuidadora, delicada).

⁹ Simone de Beauvoir, em seu livro “o segundo sexo”, teoriza que ser mulher não é simplesmente um estado dado pela natureza, mas uma experiência que se desdobra ao longo do tempo. Ela nos instiga a refletir sobre nossa existência prévia à identificação como mulheres e a considerar como as influências sociais, culturais e históricas moldaram nossa compreensão de nós mesmas como mulheres.

O estudo tem por objetivo geral cartografar os ativismos feministas de acadêmicas e egressas da UFPA/CUNTINS, no fazer das suas artes de lutar, aprender e ensinar. E, de forma mais específica, mapear as ações políticas-formativas vivenciadas por mulheres estudantes e egressas da UFPA/CUNTINS; relacionar os nascimentos de devir-mulher em suas práticas ativistas, artísticas e pedagógicas ao encontro com o pensamento intelectual feminista; e, por fim, demonstrar as experiências feministas formativas dessas mulheres a partir do espaço formal e informal do ensino superior e em outros espaços de atuação.

O percurso teórico se baseia filosofia da diferença de Deleuze e Guattari (1992) (1995) (1997) (2006) (2012), em aliança com os estudos feministas de Woolf (2014), hooks (1994) (2019) (2021) entre outras, buscando reverberar os feminismos, educação e sororidade; Louro (1997), sobre educação e gênero; Ribeiro (2019), sobre lugar de fala, entre outras intelectuais e ativistas que impulsionam os caminhos percorridos nesta pesquisa. Os caminhos metodológicos seguem as pistas da cartografia rizomática de Deleuze e Guattari (1995), tendo por recorte a pesquisa-intervenção com mulheres estudantes e egressas da UFPA/CUNTINS (sede Cametá), que estejam atuando na rede escolar e/ou realizando trabalhos comunitários, de modo a evidenciar o sentido político, educativo e artístico de suas ações, lutas e alianças coletivas, estando a pesquisa entrelaçada à experiência formativa da própria pesquisadora-ativista-cartógrafa.

Adentrando neste espaço, buscamos o conceito de “devir-mulher” em Deleuze e Guattari, que, nesta dissertação se refere a um nascimento pessoal e coletivo, que visa criar linhas de fuga de subjetividades insurgentes que escapem às normas e hierarquias opressivas, aliado ao “tornar-se mulher” de Simone de Beauvoir, quando vislumbra a transposição das barreiras impostas pelo patriarcado, a fim de erguer socialmente a imagem da mulher. Assim, considera-se o processo de “devir-mulher” como uma transgressão gradual e contínua das subjetividades femininas, que envolve o questionamento e a desconstrução de padrões culturais e sociais que reforçam a subordinação das mulheres ao patriarcado.

Neste sentido, entende-se que uma formação feminista durante a universidade pode ser uma etapa importante desse processo, pois, as mulheres vivem práticas que permitem entender e analisar as estruturas de poder e de opressão que estão presentes em suas vidas, bem como a de outras mulheres, tendo a possibilidade de experimentar nascimentos políticos, feministas, educativos que orientem a sua formação acadêmica e profissional e o existir na luta com outras mulheres.

Para tanto, esta pesquisa percorre uma pesquisa-intervenção cartográfica, baseada na cartografia filosófica de Deleuze e Guattari (1995), relacionada à educação, buscando acompanhar e vivenciar os processos de produção de subjetividades femininas/feministas nos processos educativos que ocorrem fora do currículo em meio a graduação e pós-graduação. Com Deleuze e Guattari, em seu livro "Mil Platôs", percorremos uma cartografia em busca das multiplicidades e intensidades das relações que o compõem. Para os autores, a cartografia pode ser uma prática política que permite subverter as hierarquias e as normas que regulam os territórios existenciais.

Nestes percursos, a cartografia possibilita três caminhos e olhares interligadas: a *cartógrafa-pesquisadora-ativista*, que adentra a pesquisa por meio de uma perspectiva cartográfica baseada na filosofia da diferença de Deleuze e Guattari (1995) em aliança aos estudos feministas. A experiência, que procura falar a sua própria palavra, olhar com atenção e impulsionar a diferença, o novo, a subjetividade e subversão. Isto é, ao mergulhar no universo da pesquisa, abandona-se as certezas. A pesquisadora desprende-se de ver as coisas como aprendeu a ver. Para Deleuze (2012, p. 2), “o objetivo não é responder a questões, é sair delas”. Assim, ao cartografar em meio aos questionamentos já precedidos sobre o nascimento do devir-mulher na formação acadêmica, pretende-se lançar-se ao desconhecido, à deriva, movendo-se em direções que surgirem. Deleuze (2006, p. 238) afirma que é do aprender e não do saber que as condições transcendentais do pensamento devem ser extraídas. Isto é, abandonar os aparelhos do saber.

Para sua realização seguimos, nesta pesquisa-intervenção, a feitura de registros diários, conversas e entrevistas semiestruturadas. De acordo com Câmara (2019, p. 106), “na entrevista semiestruturada, o roteiro segue algumas questões principais, mas o entrevistador tem a liberdade de explorar questões específicas que surgem durante a entrevista, possibilitando a descoberta de novas informações”. Assim, permitem que o entrevistado forneça informações específicas sobre sua experiência ou registro em relação ao tema de pesquisa. Também, enquanto pesquisadora segue um roteiro de perguntas pré-definido, entretanto, tem a flexibilidade de fazer perguntas adicionais ou explorar mais profundamente as respostas das entrevistadas.

Por fim, a última etapa é a abordagem das narrativas das entrevistadas em diálogo com a pesquisadora e as intelectuais feministas. Nesse sentido, esta última etapa da pesquisa cartográfica não se limita à busca de respostas pré-determinadas. Leva em conta a

subjetividade que emerge a partir da análise das relações que se estabelecem entre as narradoras e diferentes forças que seguem no contexto educacional.

Assim, entendemos a relevância dessa pesquisa ao olhar para as experiências dentro da educação. Pois, é importante reconhecer a individualidade e o valor das pesquisas no baixo Tocantins. Nesse contexto, falar de devir-mulher, a partir da formação acadêmica e atuação profissional é olhar para a educação sob um outro novo ponto de vista, de outra maneira, a partir das existências das mulheres que estão no processo formativo e profissionais, isto é, a partir de agenciamentos.

Neste traçado, de tal modo, a ressignificar a educação ao olhar as experiências por meio do nascimento do devir-mulher que emergem na educação, ou seja, para pensar a educação ligada a problemas de gênero. Um processo que corrobora ao pensar as artes de existência e as lutas coletivas vivenciadas em percursos na educação do baixo Tocantins na sua individualidade e ressoar de novas conexões. Para o autor Larrosa (2021, p. 38), “para explorar as possibilidades de um pensamento da educação elaborado a partir da experiência, é preciso fazer, me parece, duas coisas: reivindicar a experiência e fazer soar de outro modo a palavra experiência.”

O autor desperta um pensar sobre nossas próprias pesquisas e nos mostra a necessidade de abordar a educação a partir de uma perspectiva diferente, buscando novas formas de compreender e significar. Assim, explora-se o que a palavra “experiência” nos permite pensar, dizer e fazer na educação, ao movimento de (re)pensar a educação através da vivência de seus sujeitos, tanto em termos de sua valorização, quanto na necessidade de mostrar quais seus enfrentamentos neste processo.

Esta dissertação de mestrado encontra-se composta de sete seções, cada uma captura o que escapa no pesquisar o tema. A primeira seção, intitulada "CANTOS E ESCRITURAS DE DEVIR-MULHER", explora a dimensão da escrita de si, que é a base para a abordagem de cantos-devir. Essa abordagem transcende a mera escrita acadêmica, envolvendo a experiência pessoal da pesquisadora, cuidadosamente entrelaçada com os princípios dos estudos feministas. A escrita de si emerge como uma ferramenta poderosa para expressar a identidade das mulheres em direção à sua e emancipação.

A segunda seção, intitulada "CAMINHOS CARTOGRÁFICOS", aborda a metodologia subjacente à pesquisa. Apresentamos uma cartografia que orienta o estudo, delineando os métodos de pesquisa que orientaram a realização de entrevistas, leituras e as

interseções na trajetória de uma pesquisadora-cartógrafa. A ênfase recai na importância de traçar os caminhos da pesquisa, de forma a acompanhar as nuances do devir-mulher.

A terceira seção, "CAMINHOS DE NASCIMENTOS DE DEVIR-MULHER", explora as diversas maneiras pelas quais o desabrochar feminista pode ocorrer e como esse desabrochar pode repercutir na formação e nas práticas ativistas. É uma exploração crucial dos rizomas do devir-mulher e de como o movimento feminista pode impactar a vida das mulheres de maneira multifacetada.

A quarta seção, "CAMINHOS DE ÁGUA: AUTO INVENÇÃO DE SI", concentra-se ao ato de transformação pessoal e na importância de olhar para as próprias experiências como parte integrante desse processo de autotransformação. Aborda as transformações individuais como parte do percurso em direção ao devir-mulher coletivo.

A quinta seção, "CAMINHOS ESGUIOS: ENFRENTAMENTOS E RESISTÊNCIAS", destaca os obstáculos enfrentados pelas mulheres em suas jornadas, incluindo violências, sexismo e opressões que afetam profundamente suas vidas. Essa seção ressalta a necessidade de consideração e enfrentamento desses desafios na busca pelo devir-mulher.

A sexta seção, "CAMINHOS INSURGENTES: PRÁTICAS E VIVÊNCIAS", explora as experiências das mulheres e sua atuação no processo educativo. Mostra como suas práticas e seu agenciamento contínuo em um movimento de luta diária para a formação de futuras gerações de mulheres. Atemp-se nas práticas e lutas que interferem em suas vidas, profissões e aspirações futuras.

Por fim, a seção sétima, "CAMINHOS DE EDUCAR: ADMIRÁVEL MUNDO NOVO", ressalta a esperança feminista que se renova pela educação a cada nova geração. Revela a ideia de uma luta contínua que impulsiona o avanço na sociedade, permitindo que as mulheres desfrutem de vidas plenas e livres de limitações. Esta seção encerra a dissertação com a perspectiva de uma educação que acena a um "admirável mundo novo", mais igualitário e promissor, tecido por um compromisso contínuo e com o devir-mulher coletivo.

2. CAMINHOS CARTOGRÁFICOS: GOTAS, RIOS, FORÇA-CABANA

A Cartografia dos rizomas, conceito de Deleuze e Guattari, oferece uma perspectiva valiosa para relacionar a compreensão da experiência feminina no diálogo com outras mulheres, que nos faz perceber que compartilhamos e aprendemos umas sobre as outras. Esse encontro é como um movimento de rio, onde as águas fluem em múltiplas direções, interconectando histórias e vivências.

Nesse sentido, nestas páginas de pesquisa que fluem como o rio, traz consigo as gotas de várias direções, isto é, as narradoras são gotas que percorreram caminhos até seu encontro com a pesquisa. Através desse encontro suas narrativas, potências e singularidades irão se entrelaçar como alunas e egressas da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins Cametá, em devir de si ao dizer as suas trajetórias pessoais, acadêmicas e profissionais, que se entrelaçam e se transformam no percurso de suas vidas, construída a cada nova experiência.

Nestes caminhos percorridos por todas nós, se reconhece que cada mulher carrega em si sua individualidade. Contudo, nós somos atravessadas em muitos momentos por experiências que se conectam, esse movimento de cabeça a dizer "te entendo" durante a conversa é como a maré que se agita em resposta ao fluxo do rio, demonstrando empatia e compreensão mútua. Assim, ouvir com acolhimento também faz parte desse cenário, pois ao compartilhar experiências, há a possibilidade de reconhecer-se nas histórias de dor e resistência que acompanha as mulheres nas diversas situações ou obrigações que lhes são atribuídas. Como bem fala Carolina Maria de Jesus, "eu sou mulher e tenho dó das mulheres que sofrem".

Sobre isso, nesta pesquisa se apresenta mais sensível, ao se propor ouvir diferentes narrativas que desperta em nós díspares reações, essa identificação pode gerar temores e incertezas, mas também proporciona uma sensação de conexão e comoção ao perceber que, em algum momento, existem similaridades com as protagonistas das narrativas partilhadas. Esta interação proporciona uma reflexão sobre os acontecimentos que permanecem estáticos em relação à vivência das mulheres dentro de um contexto proposto. Ao compreender como se normalizam posições opressivas e como são percebidas por essas narradoras se constrói uma força-água-mulher que inunda, move, avança e segue caminhos ainda indefinidos.

Nas linhas de fuga, no experimentar por linhas cartográficas ligam mulheres em devir-poesia e pesquisar. Agenciamentos de um pensar devir-junto ao mesmo tempo

devir-único em “Eu-Mulher”, ser mulher e reconhecer-se em outras... rios mulher atravessam e conectam...

Uma gota de leite

m

e

e

s

c

o

r

r

e

entre os seios.

Uma **mancha de sangue**
me enfeita entre as pernas.

Meia palavra mordida
me foge da boca.

Vagos desejos insinuam esperanças.

Eu-mulher em **rios vermelhos**
inauguro a vida.

Em baixa voz
violento os timpanos do mundo.

Antevejo.

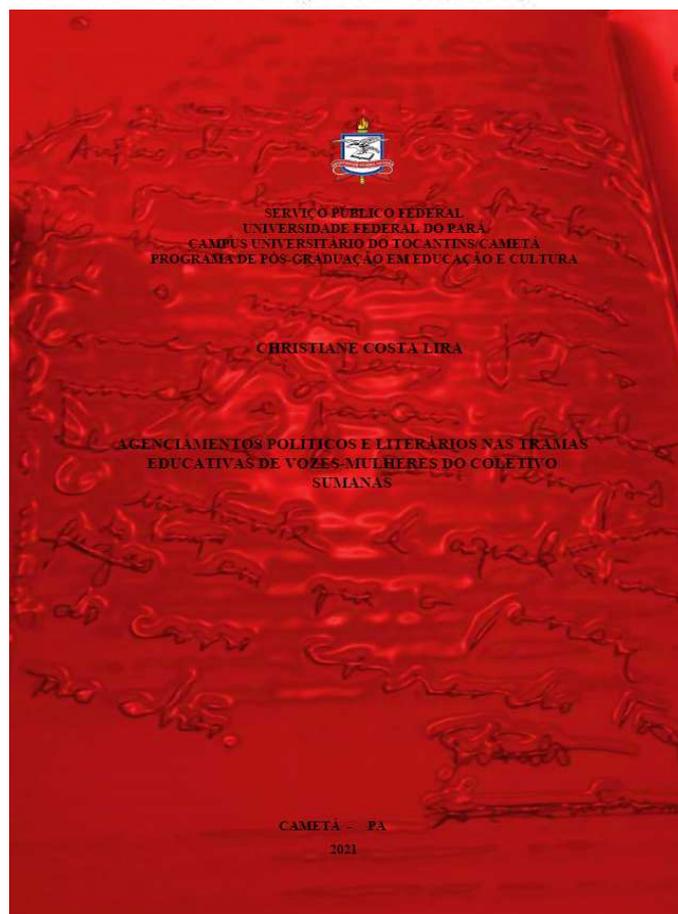
Antecipo.

Antes-vivo

Antes – agora – o que há de vir.

As conexões em linhas de fuga que atravessam tanto a pesquisadora quanto a entrevistada, conforme evidenciado no poema e na capa, de Christiane Costa Lira essa arte gráfica foi produzida pela participante do movimento Sumanas, que é também uma das narradoras desta pesquisa, trazida aqui para mostrar o devir em experimentação, criação e invenção cartográfica. Na sua pesquisa com a arte, com a literatura da Conceição Evaristo e Clarice Lispector. Ao trazer a ideia de “rios de sangue”, que atravessar o corpo-experimentação. Para a autora,

Figure SEQ Figure * ARABIC 2- Capa de dissertação de Christiane Costa Lira (PPGEDUC, 2021)



Somos chamadas a estar no mundo e não apenas passar pela Terra, as relações humanas solicitam viver e construir pontes de passagem na existência. Conceição Evaristo e Clarice Lispector não foram (ou são) meras escritoras que apenas passaram/passam pelo mundo sem um olhar atento, sem refletir o vivido. Pelo contrário, elas ultrapassam esses limites fronteiraços do ser, ser-escritora, ser-mulher, ser-artista, pois pensam e escrevem com sangue correndo nas veias, com versos e acenos pensando nas pessoas de seus presentes. (Lira, 2021, p. 104)

Os rios-mulheres ligam as mulheres a tantas outras antepassadas. Eu, rio mulher ribeirinha, sangue ancestral de dor e negações, sigo junto à maré de mulheres que acompanham e seguem rios de sangue. Nesses rios de subjugação, percebemos que ainda somos conectadas a um mundo que, atualmente, ainda se encaminha em direção às questões feministas. Este peso que recai sobre nossos ombros é desigual e impiedoso. Com isso, antes de projetar o passo, é necessário olhar para as dores-mulheres, que atravessam gerações e se esvaecem diariamente por meio da força das mulheres em práticas contínuas que promove/busca avanços.

Tal assertiva coaduna com a perspectiva que é ressaltada por Conceição Evaristo e Clarice Lispector (através da dissertação da Christiane Costa Lira), no que se refere a poética no poema retratado, mostra o percurso e a carga do feminino, ou seja, das dores vivenciadas ao longo de um caminho doloroso, marcado pela ideia de fêmea-matriz, que considera ainda a mulher como reprodutora entre o corpo e sua existência, ainda persistem princípios opressores relacionados à procriação, ao trabalho, ao cuidado e à manutenção da vida. A sobrecarga feminina, tanto no passado quanto no presente, nos mostra uma constante carga de expectativas e responsabilidades que as mulheres enfrentam.

Em nossos dias, elas continuam a ser cobradas em diversos aspectos, como mulheres, mães, em suas carreiras e na vida pessoal. No entanto, essa sobrecarga histórica e contemporânea muitas vezes resulta em violências e sofrimento. E, justamente, nesse sentido, que olhamos para os enfrentamentos em meio a educação. Haja vista, que é necessário dar as alunas e egressas da UFPA/CUNTINS, visibilidade a sua experiência acadêmica e profissional atravessadas em devir-mulher, promovendo aprendizados, superações e mudanças.

Na academia as alunas são como a maresia que acompanha o rio, trazendo novos ares e possibilidades. Nesse movimento fluido e dinâmico, elas constroem sua identidade e ampliam seus horizontes, aprendendo com suas próprias jornadas e com as histórias compartilhadas, unindo-se como uma corrente de força, onde suas vozes e experiências se entrelaçam em uma rede de apoio e conhecimento. Ainda, pensando nos caminhos da graduação e formação, entendemos que esta jornada educacional não é apenas uma mera aquisição de conhecimento, mas um momento de descoberta pessoal e empoderamento.

Durante a graduação, especialmente em áreas em que as mulheres historicamente foram sub-representadas, o processo de formação pode assumir um papel significativo na construção da identidade e autoestima da mulher. Conforme a narradora aponta,

O campus como falei anteriormente ele realmente dá esse impulso inicial para as mulheres, e eis a importância de se ter uma linha de pesquisa que fale sobre isso. Porque a faculdade na vida de todo universitário é um período em que se abre realmente, e para ideias no sentido mais amplo, então, a questão do feminismo e das pautas feministas elas também são colocadas de forma mais ampla, então, isso serve como um despertar para muitas mulheres, como pra mim e acho que a agente tá nesse processo e a faculdade realmente ajudou. E tanto que fazemos parte da mesma linha de pesquisa que tem o tema a mulher e sua importância e sua inegável luta. (Amarilis, discente da UFPA/CUNTINS)

A fala da entrevistada coaduna com a perspectiva que apontamos em favor da vivência acadêmica em incentivo às lutas feministas. Nesse contexto, a formação acadêmica pode oferecer às mulheres a oportunidade de se reinventarem, de desafiar estereótipos e expectativas sociais, haja vista que é um momento em que a mulher pode explorar suas potencialidades, interesses e aspirações, rompendo barreiras e superando desafios em um ambiente muitas vezes marcado pela desigualdade de gênero.

Além disso, estes agenciamentos de "autoinvenção de si" possibilitam o protagonismo das mulheres em moldar suas próprias vidas e carreiras e de se afirmarem como profissionais qualificadas e capacitadas, independentemente das pressões sociais e culturais que possam enfrentar. Evidenciando a participação das mulheres neste espaço como uma força poderosa para a autonomia e a emancipação feminina.

Ademais, notamos que, embora vividas na coletividade, é essencial reconhecer que as experiências das mulheres são diferentes, ou seja, na graduação podemos ver esse retrato em seus processos de formação que variam amplamente, dependendo de fatores como cultura, classe social, etnia, orientação sexual e outras dimensões da identidade. Por isso, faremos um retrato de percepção a partir do olhar da pesquisadora desta pesquisa em relação as narradoras, em um movimento de evidenciar as particularidades de seus devir-mulher.

ROSA, 35 anos, Mulher-feminista-negra, Mãe e professora de história, entoa sobre a graduação como um caminho para a liberdade, o reconhecimento em sua essência de mulher feminista e, acima de tudo, do feminismo negro. Além disso, demonstra que a resistência na universidade transcende a mera construção do saber, representando a oportunidade de ascender em sua condição social, de mulher negra e ribeirinha. Em jornadas percorridas desde que adentrou os caminhos do curso de história, movida pelo anseio de estudar, inseriu-se em um grupo de pesquisa que lhe suscitou o desejo de aprofundar-se nos estudos acerca das minorias e das opressões. Eis que se iniciam as leituras sobre a cultura afro-brasileira,

considerada por ela como "a menina dos olhos", aqui se revelando um genuíno sentimento de gratidão por tais pesquisas. Posteriormente, seu caminho se volta à temática educacional indígena, despertando em si a chama de buscar justiça social para esses povos, almejando contribuir através de sua pesquisa. Após defendê-la com excelência, dá prosseguimento ao mestrado, mas agora com uma nova perspectiva, como mestranda ribeirinha, e a oportunidade de cursá-lo em Cametá, lugar pelo qual pausa para expressar sua gratidão e valorização do mestrado no Campus Cametá, ao mesmo tempo que lembra com pesar das amarras que tentavam restringir suas possibilidades de busca por novos horizontes. Tal fato, a meu ver, mostra a razão pela qual sua pesquisa no mestrado se volta em torno da educação: os saberes das crianças Asurini. É um reflexo de sua dedicação ao ato de educar e do valor que atribui desde sua infância, enxergando-o como um meio de transformar vidas de maneira profundamente positiva. Ao concluir o mestrado, lança-se ao mercado de trabalho, tornando-se professora de história e agarrando a oportunidade de atuar em uma instituição privada de ensino, onde ela se encontra atualmente, tornando esse espaço um lugar de educação uma possibilidade de resistência e comprometimento para as minorias.

CAMÉLIA, 30 anos, mulher feminista, filha, irmã, discente e pesquisadora, possui uma trajetória fascinante de autodescobrimento e força, demonstrando valor em seus desejos e sentimentos, e reconhecendo-se como feminista ao longo desse processo. Ela se percebe como alguém em constante evolução no caminho do feminismo, encontrando-se em concordâncias e discordâncias, transmitindo entusiasmo ao refletir sobre sua jornada percorrida. Contudo, carrega consigo as marcas de uma família que também trilhou esse processo ao seu lado. Com o passar do tempo, suas indagações se aprofundam, denunciando as situações que lhe causavam dor, enquanto sua família buscava entendê-la. Precisou resistir e reconhecer-se como uma mulher em busca da liberdade de fazer suas próprias escolhas. Todavia, afirma que a verdadeira transformação se deu/dá durante a graduação, quando reconheceu práticas machistas presentes em seu cotidiano, das quais ela mesma acabava por propagar inconscientemente. O contato com diversas leituras lhe ensinou e abriu seus olhos para a multiplicidade de possibilidades de existência, levando a afirmar sua identidade sem se anular. Em suas palavras, transparece o encanto pela sua área de pesquisa, descobrindo no conhecimento uma forma de se aprofundar na compreensão da condição feminina e valorizando a escrita, poesia e história das mulheres como ferramentas de empoderamento e representatividade.

AMARILIS, 24 anos, Mulher feminista, filha, pesquisadora, artista... com a clareza das palavras se coloca como feminista, mas pouco integrada, se diz entrando no processo a

pouco tempo. Mas que nunca fechou os olhos para luta feminista ao longo do tempo. Nesse sentido, coloca o Campus como impulso inicial, para que as ideias, as descobertas na questão do feminismo e pautas feministas fossem colocadas como um despertar para muitas mulheres, como ela ainda nesse processo. Dentro de seu seio familiar ela teve uma boa relação, são cinco filhas e somente um homem, seu pai como referência lhe ensinando a ser independente e a buscar uma educação para sua ascendência. Porém, observou mais externamente a cobrança para ser mais feminina, devido sua escolha de estilo. Então, foi necessário se impor e ir percebendo como era refém muitas vezes. Assim, o contato com a universidade possibilitou, um mundo desconhecido, em que as protagonistas eram as mulheres, e a história que elas contavam, ela se identificava. E como artista a atenção ao que rodeia e aos detalhes do que está aos nossos olhos faz do interesse pelo feminismo mais uma de suas formas de expressão que transcende pelas palavras.

LIS, 22 anos, Mulher feminista. estudante e pesquisadora. A mulher que vivencia a luta em suas práticas, ao adentrar espaços que possuem uma luta também teórica sente a falta de intervenções, evidenciando a lacuna percebida ao adentrar ambientes que carecem dessas abordagens. Tendo em vista, que antes mesmo de ingressar na universidade, a narradora já participava de rodas de conversa, atos e manifestações, o que despertou nela um desejo interno por mudanças. Esse impulso se traduz em ações cotidianas, como a organização de rodas de conversa e escritórios, como meios de promoção, discussão e práticas. A preocupação com a garantia destes espaços que façam discussões é uma preocupação da narradora, que se vê inserida em formação do movimento feminista a partir destes acontecimentos. A graduação também lhe proporcionou o contato com o feminismo que prima as questões da mulher-mãe, sem apoio. Através da bolsa alcançada que acompanha os filhos enquanto a mãe está em sala de aula, isto é, atuando dentro de um projeto que ampara muitas mulheres, o que podemos reconhecer como na prática uma forma de colaborar com a luta de muitas mulheres.

MAGNÓLIA, 29 anos, Mulher feminista, mãe, militante, pesquisadora e ribeirinha. Vinda do interior, reconhece as dificuldades de uma vida com possibilidades negadas, mas isso não a impossibilitou de que seus passos seguissem em marcha pelo feminismo, em meio a fatos convividos seu pensamento passou por diferentes opiniões. Dentro do ambiente acadêmico aprendeu que as estruturas patriarcais podem gerar a violência em suas diferentes formas. Contudo, foi aí também que viu a força feminina ascender e lutar contra as opressões na intenção de garantir o direito das mulheres de viver livremente sem assédios. As conversas, rodas de diálogos, disciplinas, manifestações e formações se somam e geram agenciamentos.

A reivindicação se adaptava conforme os novos desafios surgiam, alcançava-se e algo novo surgia. Diante de tudo isso, uma mulher se formou, mais sábia, mais potente, mais compreensiva e mais furiosa. Mas, nada disso preparou para uma nova transformação... ser mãe... aí a narradora reiniciou tudo de novo, porque aquele mundo que ela imaginou, agora se projetava em meio a uma vida que se integrava em seus pensamentos e corpo. O acontecimento refez muitos conhecimentos aprendidos, teve que reaprender, adaptar e reivindicar outras lutas, agora como uma mãe que sente as dificuldades enraizadas em nossa sociedade que fazem com que cobrem da mulher o acúmulo de ocupações e papéis.

ÍRIS, 27 anos, mulher feminista, filha e pesquisadora, revela-se uma mulher forte, em sua jornada vemos a força da mulher, a coragem percorrendo rios e estradas na busca pela realização de seus sonhos e pela vivência de uma transformação profunda. Durante sua graduação em um polo acadêmico, não se limitou ao ambiente acadêmico, mostrando-se participativa nos movimentos, diálogos, organizações de eventos e no aprofundamento da escrita feminina. Mesmo em um contexto que poderia parecer distante, ela mergulhou de cabeça, desenvolvendo-se em iniciativas que promovem a igualdade de gênero e diversidade. Ao concluir a graduação, não parou, mas sim intensificou sua busca por conhecimento e formação. Buscando uma vaga no mestrado, obteve sucesso, dando continuidade e expansão à sua luta e expressão das questões feministas. O mestrado tornou-se um espaço para aprofundar as reflexões, certezas e olhar de maneira mais crítica, proporcionando um espaço para aprimorar suas habilidades e ampliar sua compreensão sobre as complexidades do feminismo. Sua trajetória revela não apenas uma pesquisadora comprometida, mas uma mulher que busca vivenciar e contribuir para o avanço das lutas das mulheres.

MARGARIDA, 29 anos, feminista e mulher negra, filha e capoeirista, encontrou desde cedo, ao crescer no interior, a necessidade de se distanciar da localidade, pois todas as oportunidades eram escassas. Longe de casa, trabalho e estudo se entrelaçam, tornando a busca pelos sonhos uma rotina. Naquele momento, sua dedicação estava voltada para adentrar o curso de enfermagem. Os desafios diários, enfrentados como barreiras ou impulsos, nunca a detiveram. Inicialmente, ingressou na universidade no curso de Educação do Campo, mas logo sem identificação desejou outro, o curso de história. A mudança foi assertiva, e finalmente, a narradora descobriu-se vivenciando sua verdadeira vocação. A sua formação representou a continuidade de uma jornada de autodescoberta. Atuante em eventos e movimentos de mulheres, ela destacou a presença e importância da mulher negra, ressaltando sua ausência em tais espaços e instituições. Sua contribuição para o ambiente acadêmico é além dos currículos e produções. Após a graduação veio a pós-graduação, a realização do

mestrado, refletia a luta que começou quando “deixa” sua família. Durante esse período, envolveu-se em escritas, pesquisas e estudos feministas, além de realizar ações como workshops, minicursos e apresentações em eventos, contribuindo de diversas maneiras para sua própria formação, para a comunidade, o programa e para aqueles que a viam como representação. Atualmente, encontra-se em sala de aula, como professora em duas escolas públicas vivenciando e colocando em prática suas aspirações, saberes e contribuições para a sociedade mais igualitária. Essa trajetória, iniciada nos dias passados, reflete-se na narradora, que continua a percorrer seu caminho com dedicação e força da mulher preta.

DAHLIA, 42 anos, feminista, militante, mãe, professora, filha e pesquisadora, desempenha o papel de narradora nesta pesquisa sobre mulheres. A captura de seu viver me fez perceber que sua vida tem uma série de descobertas e (des)construções, permeadas pela experiência de testemunhar relatos de luta de mulheres que atravessaram mudanças tanto externas quanto internas. Ao longo de sua trajetória, não apenas sentiu as violências simbólicas da vida, mas também se rebelou contra elas, conseguindo avançar rumo à conquista de sua própria liberdade. Desde o encontro com a universidade, onde se apresentou não apenas como uma estudante, mas como mãe e mulher que se erguia a cada novo dia, ela tem trilhado um caminho de autodescoberta e afirmação. O processo de liberdade pessoal e construção de uma nova identidade permeia a forma como ela se movimenta, experimenta e ousa na vida cotidiana. Sua escrita reflete a vivência de uma jornada que se entrelaça com eventos, atos e produções sobre as mulheres e sua luta contínua. Ao adentrar a pós-graduação, aprofundou-se nas pesquisas e fortaleceu laços com coletivos, consolidando seu compromisso com a escrita e a força da mulher na busca pela desconstrução do machismo. Após concluir o mestrado, abraçou a educação como professora, vivenciando-a como um espaço de constante aprendizado e empoderamento. Sua narrativa se entrelaça com a jornada de muitas mulheres que, assim como ela, busca contribuir para a desconstrução de padrões machistas e para a construção de um mundo melhor.

Portanto, reitera-se que esta pesquisa é embasada na compreensão das vivências acadêmicas e profissionais de alunas e egressas. Com isso, destaca o processo de constituírem a si mesmas, ou seja, no contexto do ensino superior, um espaço historicamente dominado por sujeitos do gênero masculino. Ao compartilharem suas histórias, elas se tornam sujeitos reflexivos, conforme descrito por Dubar (2004), atores em busca de uma unidade de si mesmos por meio de suas lógicas de ação, sujeitos que se narram por meio de eventos e de suas biografias, apresentadas como narrativas de si mesmas. Nesse processo, torna-se evidente que as alunas e ex-alunas que também são professoras adotam a palavra “Mulher”,

para retratar muitos de seus acontecimentos “mulher na universidade”, “mulher como professora”, “mulher como organizadora”, entre outros. Esta delimitação evidencia como nestes espaços se reforça estereótipos e violência marcada ao gênero.

Embora esta pesquisa tenha selecionado fragmentos específicos das narrativas das alunas e egressas, estes compõem uma expressão narrativa que aborda questões sobre quem são, como se identificam, como se percebem e como traduzem suas experiências, bem como se relacionam com o universo do ensino e da aprendizagem em seus respectivos cursos e contextos. Elas narram seus agenciamentos coletivos e educativos entrelaçados, a seu campo de atuação, e como se percebem fazendo parte desse universo e contribuindo para a construção mais igualitário.

Dito isto, acrescentamos que o processo de autodescoberta das mulheres como uma construção de si é compreendido no contexto da narrativa de suas vivências, que vai além de uma história de suas relações com o feminismo, familiares, instituição educacional e relações pessoais. Para Dubar (2004) trata-se de uma construção de identidade, moldada pelas mulheres ao longo de uma série de eventos e experiências socioeclesiais, selecionadas por elas mesmas para se narrarem e se definirem. Dessa forma, ao se narrarem, as alunas e egressas constroem uma narrativa de si e devir-mulher, evidenciando ações, lutas e alianças coletivas que são alinhados com sua reflexão pessoal e com a percepção que têm sobre a construção de si. Por fim, através dessas memórias vividas e contadas, buscamos evidenciar seus enfrentamentos em linhas de fuga em meio a educação, nas dinâmicas que se estabelecem nas relações de gênero quando essas mulheres se inserem nos cursos em instituições nas ações conjuntas, artes, debates, diálogos e intervenções.

3. CAMINHOS DE NASCIMENTOS DE DEVIR-MULHER

Rizoma-nascer, rizoma-fruto. O que nasce precisa ser nutrido, cuidado e encaminhado. Somos ensinados. Aprendemos a falar, andar, ler, dançar e como se comportar. Conforme se desenvolve, as experiências vão se transformando.

A multiplicidade é apenas losango que muda de natureza segundo as quatro modalidades do rizoma. Como tal, ela tem várias linhas de fuga, que se seguem umas às outras de acordo com o ritmo de seus movimentos, elas ligam ou desligam as multiplicidades. É uma questão de multiplicidades simultâneas, de conjuntos contínuos ou descontínuos, de coordenadas múltiplas e de dimensões n-dimensionais. O rizoma é a produtividade semelhante à multiplicidade, mas também à sua própria destruição. Não tem começo nem fim, sempre começa no meio, por meio da multiplicação de conexões. É feito de uma só vez, como um tecido com múltiplos fios, que podem ser interrompidos em qualquer lugar, mas também pode ser continuado de acordo com as suas próprias leis. (Deleuze; Guattari, 1995, p. 36)

Nesse sentido, os autores utilizam a imagem do rizoma para descrever o processo de vida humana. Eles afirmam que, assim como um rizoma, o indivíduo se desenvolve de forma não linear, em múltiplas direções e de maneira imprevisível, mostrando as multiplicidades de nossa vivência. Ademais, relacionamos a nossa existência desde o nascer, como um processo que precisa ser nutrido e encaminhado, o que significa que é necessário oferecer condições favoráveis para que o desenvolvimento ocorra de forma saudável e equilibrada. Isso inclui não apenas aspectos físicos, mas também emocionais, sociais e culturais.

Como mulheres, entendemos que desde cedo fomos ensinadas a nos comportar de acordo com as normas e valores da sociedade em que vivemos. Somos instruídas a falar, andar, ler, dançar como mulher e assim por diante. Essas experiências moldam nossa forma de ver e interagir com o mundo.

A ideologia supremacista masculina encoraja a mulher a não enxergar nenhum valor em si mesma, a acreditar que ela só adquire algum valor por intermédio dos homens. Fomos ensinadas que nossas relações umas com as outras não nos enriquecem, mas, pelo contrário, deixam-nos ainda mais pobres. Fomos ensinadas que as mulheres são inimigas "naturais" umas das outras, que a solidariedade nunca irá existir entre nós porque não sabemos nem devemos nos unir. E essas lições foram muito bem aprendidas. Precisamos, por isso, desaprendê-las, caso queiramos construir um movimento feminista duradouro. Precisamos aprender a viver e trabalhar em solidariedade. Precisamos aprender o verdadeiro sentido e o verdadeiro valor da irmandade. (hooks, 2021, p. 79)

Para hooks, apesar de o que está estabelecido, os indivíduos não são apenas um produto do meio em que vivem. Eles têm a capacidade de criar conexões e novos caminhos. Isso significa que, ao longo da vida, é possível mudar e transformar-se de maneiras

imprevisíveis e inesperadas. Isto é, somos influenciados por diversos fatores internos e externos. É nesse sentido que devemos estar abertos a novas possibilidades e experiências que possam transformar a trajetória de nossa vida.

Nessa perspectiva, as insurgências feministas desafiam a noção tradicional de uma estrutura hierárquica. Em vez disso, possibilita-se espalhar e se conectar em múltiplas direções, sem uma ordem predefinida. Isto é, o processo de desenvolvimento individual é influenciado por uma série de fatores interconectados, incluindo experiências e influências. Assim, a participação de mulheres nestes espaços, em encontro com a arte, com a intelectualidade e a luta política feminista é positiva à medida que o indivíduo é exposto, ele ou ela pode mudar e se desenvolver de maneiras únicas e imprevisíveis. No entanto, para a autora essas mudanças não ocorrem de forma autônoma. Isso significa que o indivíduo não apenas aprende a falar, andar, ler e se comportar por conta própria, mas é orientado e apoiado por aqueles ao seu redor.

Com isso, podemos pensar o desenvolvimento individual e coletivo em entrelaçamento com o devir-mulher. Que ilustro através da autora bell hooks (2021, p. 29) “feministas são formadas, não nascem feministas. Uma pessoa não se torna defensora de políticas feministas simplesmente por ter nascido do sexo feminino”. Assim, como todas as posições políticas, uma pessoa adere às políticas feministas por escolha e ação. Para ela, o feminismo não é algo inato ou natural, mas sim uma construção social e política, baseada em uma análise crítica das relações de poder entre homens e mulheres na sociedade.

Acredita-se que todas as pessoas podem se tornar feministas, independentemente de seu sexo, gênero, classe social, raça ou outras características pessoais. As lutas feministas atuam como uma forma de resistência coletiva contra a opressão e a discriminação baseada em gênero e outras formas de opressão interconectadas, como a opressão racial, de classe e de sexualidade. Assim, uma prática diária social e de transformação.

Com efeito, levantam-se questionamentos: em que momento o devir-mulher nos atravessa? A força potência do pensamento devir mobiliza mudanças em cada pessoa? E como alcançar o devir-mulher coletivo de nossas ações? Ao pensar em como podemos nos tornar mais livres, mais autênticas e mais articuladas, podemos começar a criar formas de ser e de agir que sejam mais ativistas e libertárias. Isso pode envolver o questionamento das normas de gênero que nos são impostas, e a busca por maneiras de nos expressarmos e nos relacionarmos de forma mais igualitária.

Somos atravessadas por linhas de fuga que, segundo Deleuze (2006, p. 186), “a linha é o traço de vida que percorre os corpos, e a vida só pode ser compreendida por meio de

linhas”. Com isso, as linhas são elementos constitutivos das coisas e dos acontecimentos, e estas coisas comportam sua geografia, seu diagrama e sua cartografia. Em outras palavras, são linhas que nos compõe. Logo, somos trespassados por linhas, em um mover que se experimenta, circula, trabalha. Por conseguinte, causa devir-deslocamento, devir-desvio, devir-mudança.

Figure 3- encontro devir- Arquivo do Sumanas.



Assim como a figura (3) expõe um piquenique organizado pelo coletivo Sumanas, podemos pensar em movimentos devir que se constroem a partir de experiências únicas e da interação, propiciando espaços interventivos, diálogos, conhecimentos e possibilidades outras de devir. Reconhecemos no outro e em nós mesmos potenciais de mudanças e aprendizados.

Nesse sentido, como captar os devires-políticos e feministas nascidos dessa movimentação? As insurgências feministas surgem atravessadamente as linhas de fuga

transformadoras, isto é, ao pensar nas ações e espaços vividos como devir. Para Deleuze e Guattari (2012, p. 19), “o devir não produz outra coisa senão ele próprio. É uma falsa alternativa que nos faz dizer: ou imitamos, ou somos. O que é real é o próprio devir, o bloco de devir, e não os termos supostamente fixos pelos quais passaria aquele que devém”.

Figure SEQ Figure * ARABIC 4- Ação Sumanas - Imagem de arquivo do coletivo



A imagem acima (figura 4), com integrantes do coletivo, não mostra apenas a realização de uma tarefa manual; elas estão engajadas em um processo contínuo de transformação e criação de novos significados. A faixa, que será utilizada nas intervenções de lutas feministas, simboliza essa ideia de devir, pois não é um objeto estático, faz parte da experiência política. Ela carrega em si um significado e é um elemento em constante mudança, carregado de possibilidades de ação e transformação.

Segundo Deleuze e Guattari, o devir é um processo autônomo que não imita ou segue modelos fixos; é uma criação contínua de novas realidades e modos de existir. Assim, as mulheres, ao trabalharem juntas nessa atividade, estão criando um espaço interventivo onde o potencial para mudança e resistência feminista é constantemente renovado.

Para elucidar, pensaremos o nascimento do devir-mulher como um devir que decorre em um devir contínuo, sem buscar afixar uma necessidade de apontar o descobrir-se enquanto mulher em uma sociedade patriarcal, mas sim, no seu movimento inventivo, o que flui a partir disso. Assim, o sujeito vem a contribuir com o processo de sua própria formação a partir dos conhecimentos, das práticas ativistas e capacidades de agir que é capaz de construir socialmente. Isto é, devir não por filiação, aprisionados nos seus aspectos repetidos historicamente, mas devir por alianças, na interação coletiva com outros.

Atentemos, então, para o conceito de devir-mulher relacionado ao espaço formativo como espaços agora desterritorializados, como platôs, que surgem e crescem.

A mulher não tem uma essência ou uma identidade fixa. Ela se torna mulher, ela devém mulher, isto é, ela se constrói como mulher ao longo de um processo contínuo de criação e transformação. Esse processo de devir-mulher não é linear ou previsível, mas envolve uma série de intensidades e encontros imprevisíveis que moldam a mulher em constante movimento. (Deleuze; Guattari, 1995, p. 35)

Logo, define-se o “devir-mulher” de Deleuze e Guattari como potencialidade da subjetividade feminina, em vez de reduzi-la a um conjunto de características fixas e essenciais. O que nos permite explorar a multiplicidade feminina, pois, possibilita a ideia de que a subjetividade feminina não é algo dado ou fixo, mas sim uma construção em constante devir, em constante transformação.

O conceito de “*devir-mulher*” nesta pesquisa implica que as mulheres não devem ser encapsuladas em formas de agir, pensar, vestir, amar e viver. Ao mesmo tempo, afirma-se que são capazes de se tornar o que desejam, sem serem limitadas pelas amarras patriarcais e pelos papéis de gênero impostos pela sociedade, ou seja, a subjetividade feminina pode ser livre e criativa, capaz de produzir novas formas de pensamento e ação.

Vale ressaltar, de maneira similar, através de um olhar feminista, de acordo com hooks (2021, p. 3), que: “O feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão”. Esse conceito tem uma relação direta com o despertar das mulheres. A esse respeito, o feminismo é um movimento social que busca combater a opressão e a desigualdade de gênero, lutando pela igualdade de direitos e oportunidades para as mulheres.

Todos os caminhos percorridos até aqui foram importantes para reconhecer a subjetividade feminina como algo em constante transformação, em que o conceito de

“devir-mulher” abre espaço para as experiências das mulheres. Isso é importante porque muitas vezes as mulheres são estereotipadas e limitadas sendo invisibilizadas em suas experiências reais. Então, é preciso despertar os olhos para o que muitas vezes é usado para justificar a desigualdade entre homens e mulheres e a própria percepção das coisas e das ações.

Ademais, de acordo com o exposto, consideramos Deleuze e Guattari em vizinhança com a educação, pois reconhecemos o devir, por meio, das práticas e vivências neste espaço de formação. Percebemos, então que criam “possibilidades” na educação e por meio desta se abre linhas de fuga que rompe com o que estava estático e posto.

Inclusive, este movimento produz o “mudar” nesse contato com algo. Para Deleuze (1997, p. 10), “devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade”. Neste sentido, devires fluem de práticas, encontros, alianças e partículas de multiplicidades dispersas, em movimento, por dentro, por cima, pelos lados, é rizoma.

Estando entrelaçada à experiência formativa o “devir-mulher” pode ser visto como um convite para as mulheres se libertarem das limitações impostas pela sociedade e para explorarem seu potencial criativo e transformador, à medida que as mulheres se organizam em suas práticas, em movimentos que buscam a construção de uma sociedade democrática e justa aos direitos e as lutas das mulheres.

Figure SEQ Figure * ARABIC 5 Oficina de cartazes e luta- Arquivo do Sumanas



A figura (5) captura a ação transformadora realizada pelo coletivo e estudantes, em suas multiplicidades, em busca de um bem comum, de defender a vida e os direitos das mulheres, e de reconhecer a educação e a política como partes integradas desse processo de alcançar uma sociedade equitativa. Por isso, compreendemos a educação como estrutura libertadora nesse processo, já que nesses movimentos produz linhas de fuga pelo devir que toca. De tal modo, aproximamos a pesquisa cartográfica à potência do devir-mulher. E nesse devir-pensamento o caminho se transforma. Pois, já não é o mesmo corpo. Este atravessado pelo devir-encontro, encaminha-se com novos olhares, ações e pensamentos.

De acordo com Deleuze devir não é imitação, não se faz em afianças, não se fixa a uma unicidade. Logo, nos ajuda ao pensar como criam linhas de fuga em meio a educação? Aquilo que surge advém de um encontro. A imprevisibilidade, as linhas e potência são pontos de um surgir que nos atravessa, tendo em vista que o contato não vem sozinho, sem incitação. É a relação entre, aquilo que vem/passa e o que está. O que se pode capturar? O que vem, corrompe? Quais as potências de um encontro-devir?

Por fim, esses questionamentos são relevantes para que possamos pensar nas insurgências femininas a partir do devir-mulher em que se possa realizar a quebra com um determinado modelo, com suas certezas e a partir disso devir outras. Para Deleuze e Guattari, este seria a entrada para outros devires, como a criança, o vegetal, o animal, pois está envolta mais perto pela dualidade homem/mulher. Atravessadas por experiências, por anulações, por aquilo que passa, a mulher no constituir-se encontra estes momentos, que se forma com diversos movimentos feministas. Com isso, as mulheres também têm que devir-mulher, de maneira a escapar à sua condição de ser definida em relação ao homem, à medida padrão. O Corpo-experiência, que vai além, perpassa possibilidades de existência, e por meio destes os resquícios escapam, e desse encontro surgem novos elementos.

A captura das insurgências ocorre na reflexão diante daquilo que nos é determinado. É necessário desobedecer, questionar e inquietar-se diante das injustiças e silenciamentos. O devir-mulher, ou tornar-se, só se concretiza através do reconhecimento de novas formas de existir, abdicando o eu do passado em rumo ao devir que se desenvolve.

Costumava observar minha avó, uma mulher brilhante, e ficava imaginando o que ela poderia ter sido se durante a juventude tivesse tido as mesmas oportunidades que os homens. Hoje, diferente do que acontecia na sua época, há mais oportunidades para as mulheres — houve mudanças nas políticas e na lei, que foram muito importantes.

Mas o que realmente conta é a nossa postura, a nossa mentalidade. E se criássemos nossas crianças ressaltando seus talentos, e não seu gênero? E se focássemos em seus interesses, sem considerar gênero? (Adichie, 2012, p. 15)

A citação de Chimamanda Ngozi Adichie nos convida a refletir sobre como as expectativas sociais e os estereótipos de gênero limitam o potencial das crianças desde cedo. Este pensamento ecoa a necessidade de uma mudança profunda na mentalidade coletiva, que pode contribuir para a construção de uma sociedade onde todos tenham as mesmas oportunidades, independentemente de seu gênero.

É importante destacar que, ao longo da história, as mulheres tiveram sua existência moldada por normas e expectativas sociais. A geração que hoje se levanta em defesa das mulheres ainda carrega a história de avós, mães e tias cujo destino foi afetado por algum tipo de violência ou opressão, que negou sua verdadeira potencialidade. Isso significa que, cotidianamente, precisamos estar atentas a nós mesmas, pois muitos comportamentos enraizados nos fazem temer ser quem realmente desejamos ser, forçando-nos a seguir papéis que não nos cabem.

Estou tentando desaprender várias lições que internalizei durante a minha formação, mas às vezes ainda me sinto vulnerável quando me deparo com expectativas de gênero. Na primeira aula de escrita para uma turma de pós-graduação, fiquei apreensiva. Não com o conteúdo do curso, já que estava bem-preparada e gosto da matéria. Estava preocupada com o que vestir. Eu queria ser levada a sério. Sabia que, por ser mulher, eu automaticamente teria que demonstrar minha capacidade. E estava com medo de parecer feminina demais, e não ser levada a sério. Queria passar batom e usar uma saia bem feminina, mas desisti da ideia. Escolhi um terninho careta, bem masculino, e feio. (Adichie, 2012, p. 15)

Além disso, é essencial reconhecer que a luta pela igualdade de gênero não se trata apenas de enfrentar desigualdades explícitas, mas também de desafiar as sutilezas das expectativas sociais que perpetuam essas desigualdades. A narrativa de Adichie demonstra como essas pressões sutis podem influenciar profundamente as decisões das mulheres, afetando sua autoestima e expressão pessoal. Quando uma mulher se sente obrigada a alterar sua aparência ou comportamento para ser respeitada profissionalmente, isso revela uma cultura que ainda valoriza traços masculinos como sinônimo de competência. Portanto, a desconstrução dessas expectativas é crucial para que todas as pessoas, independentemente de gênero, possam expressar seu verdadeiro eu sem medo de discriminação ou desvalorização.

A desconstrução dessas expectativas é crucial para que todas as pessoas, independentemente de gênero, possam expressar seu verdadeiro eu sem medo de

discriminação ou desvalorização. Assim, devir-mulher também é dar um basta; é interromper estímulos que retraem a subjetividade feminina, tanto em espaços formais quanto não formais.

Decidi parar de me desculpar por ser feminina. E quero ser respeitada por minha feminilidade. Porque eu mereço. Gosto de política e história, e adoro uma conversa boa, produtiva. Sou feminina. Sou feliz por ser feminina. Gosto de salto alto e de variar os batons. É bom receber elogios, seja de homens, seja de mulheres (cá entre nós, prefiro ser elogiada por mulheres elegantes). Mas com frequência uso roupas que os homens não gostam ou não “entendem”. Uso essas roupas porque me sinto bem nelas. O “olhar masculino”, como determinante das escolhas da minha vida, não me interessa. (Adichie, 2012, p. 15)

A desconstrução das expectativas sociais em relação ao gênero é um processo necessário e transformador. É essencial que mulheres e homens possam expressar suas identidades autênticas sem serem constrangidos por padrões de comportamento e aparência impostos pela sociedade. Portanto, fomentar um espaço onde todos se sintam valorizados e respeitados, independentemente de suas características pessoais, é um passo fundamental para uma sociedade mais justa e inclusiva.

4. CAMINHOS DE ÁGUA: AUTOINVENÇÃO DE SI

*O mar vagueia sob os meus pensamentos.
 A memória bravia lança o leme:
 “Recordar é preciso”.*
*O movimento de vaivém nas águas-lembranças
 dos meus marejados olhos transborda-me a vida,
 salgando-me o rosto e o gosto.
 Sou eternamente naufraga.
 Mas os fundos oceanos não me amedrontam
 e nem me imobilizam.
 Uma paixão profunda é a boia que me emerge.
 Sei que o mistério subsiste além das águas.*
 Conceição Evaristo

Os caminhos de água... percorrem a autoinvenção de si. As águas fluem por diferentes oceanos, igarapés, furos e direções em busca de alcançar seu destino. Nesse percurso inúmeras gotas se unem até formarem um rio/oceano. No movimento de vaivém, cada gota traz consigo uma experiência singular, carregando as águas-memórias de marés tranquilas ou as marés turbulentas impulsionadas por ventos calmos ou intensos. Contudo, em algum momento se encontram e se fortalecem em conjunto.

A água-devir-mulher flui... de diversas maneiras, eternas naufragas se juntam como gotas de chuva que caem no rio e se reúnem a tantas outras. Neste momento de encontro, enxergo a poderosa imagem do despertar feminista. Juntas... pois, é também na coletividade que o feminino reconhece sua força, sua condição e sua diversidade. A memória lança o leme que as puxa até as profundezas. Para emergir, é preciso olhar para si e considerar suas próprias vivências e as de outras mulheres que, como boias, ajudam a sustentar rumo ao caminho. O confronto com sua própria realidade é desafiador, mas importante para entender o mistério que subsiste além das águas.

Corpos-água, é ser múltipla. Ao navegar junto a outras mulheres, nos conectamos com as que vieram antes de nós, traçando os caminhos que hoje nos permitem lançar-nos à deriva, guiadas pelas precursoras. Entretanto, é na força dessas lembranças e na conscientização das adversidades enfrentadas pelas mulheres do passado que encontramos a motivação para lutar por um futuro mais igualitário. Ao abraçarmos as multiplicidades que antes eram negadas, não estamos apenas falando das mulheres de agora e as de antes, mas também preparando o

caminho para as gerações futuras, onde as águas profundas das dores e restrições do passado se transformam em rios de oportunidades e liberdade para todas as mulheres.

Esta pesquisa é um rio de encontros, seja pela pesquisadora, entrevistadas, e seus leitores. Iniciemos assim pela vazante... água devir-mulher, termo que traz uma multiplicidade, como cabanas, amazônidas, de várzea, pescadoras, trabalhadoras, costureiras, donas de casa, matriarcas, sonhadoras, entre outras. Mulheres que vivenciaram o extinguir de suas oportunidades dia após dia, inseridas em um sistema patriarcal que dominava seus corpos e futuro, invisibilizadas e silenciadas, porém enchente após enchente, continuaram resistindo e nutrindo suas forças umas nas outras. Em suma, a observação das mulheres de outrora revela uma luta ancestral, passada de geração a geração, a fim de alcançar a liberdade financeira, educacional e social.

Enchente... água-devir-mulher, em referência à multiplicidade das mulheres ribeirinhas e à possibilidade-devires de existir como mulher. Um caminho traçado pelo apoio das que vieram antes de nós e pela força de nossas mães, avôs, tias, entre outras. Se há a possibilidade de escolha e acesso à educação, ascensão social, cultural etc., muito disso se deve à resistência de mulheres que “decidiram que suas filhas iriam ter acesso ao que elas não tiveram”. A enchente é tempo de sair, empurrar o casco, o barco, é tempo de navegar, ir em frente. As enchentes trazem esperança, levam a novos lugares e possibilitam maior liberdade.

Nesta maresia, é preciso ir de encontro a ideia que “prende” as mulheres ao lar. Em complementariedade a isso, a autora Virginia Woolf, em seu livro “Profissões para Mulheres”, fala sobre o “Anjo do lar”¹⁰. Que a encontrou durante suas primeiras escritas, a reflexão da autora nos leva a pensar sobre o que levamos em nosso pensamento que nos impede de prosseguir.

Era ela que costumava aparecer entre mim e o papel enquanto eu fazia as resenhas. Era ela que me incomodava, tomava meu tempo e me atormentava tanto que no fim matei essa mulher. Vocês, que são de uma geração mais jovem e mais feliz, talvez não tenham ouvido falar dela – talvez não saibam o que quero dizer com o Anjo do Lar. Vou tentar resumir. Ela era extremamente simpática. Imensamente encantadora. Totalmente altruísta. Excelente nas difíceis artes do convívio familiar. Sacrificava-se todos os dias. Se o almoço era frango, ela ficava com o pé; se havia ar encanado, era ali que ia se sentar – em suma, seu feitio era nunca ter opinião ou vontade própria, e preferia sempre concordar com as opiniões e vontades dos outros. E acima de tudo – nem preciso dizer – ela era pura. (Woolf, 2013, p. 4)

Para a autora, a figura da mulher (Anjo do lar) interrompe a liberdade do pensamento autônomo, tornando-se necessário eliminá-la. Para além disso, faz refletir a respeito da

¹⁰ Faz referência a um poema de Coventry Patmore (1823-1896) em que Virginia Woolf explica se tratar de uma idealização do papel doméstico das mulheres

subjugação feminina e quantas mulheres todos os dias ficam com a menor parte, o “pior” pedaço. Neste ínterim, é importante se distanciar desse lugar, para aceitar-se como capaz e autônoma. Isto é, pelo reconhecimento de si mesma e pela aceitação do “vir a ser”, do transformar-se, Woolf (2003, p. 5) destaca: “Se eu não a matasse, ela é que me mataria. Arrancaria o coração de minha escrita. Pois, na hora em que pus a caneta no papel, percebi que não dá para fazer nem mesmo uma resenha sem ter opinião própria, sem dizer o que a gente pensa ser verdade nas relações humanas, na moral, no sexo.” Nesse contexto, ela se vê em um dilema em sua jornada, simbolizado pela metáfora do "Anjo do Lar", que representa as expectativas sociais e as pressões internalizadas que as mulheres enfrentam, especialmente no ambiente doméstico e familiar, para serem altruístas, conciliadoras e conformes.

Em complemento, expressa a urgência de se libertar dessa figura internalizada que limita a expressão individual e a liberdade de pensamento. Já que, essa figura o "Anjo do Lar", interferia em sua vida criativa, representando uma voz interior que a desviava de sua própria expressão e liberdade.

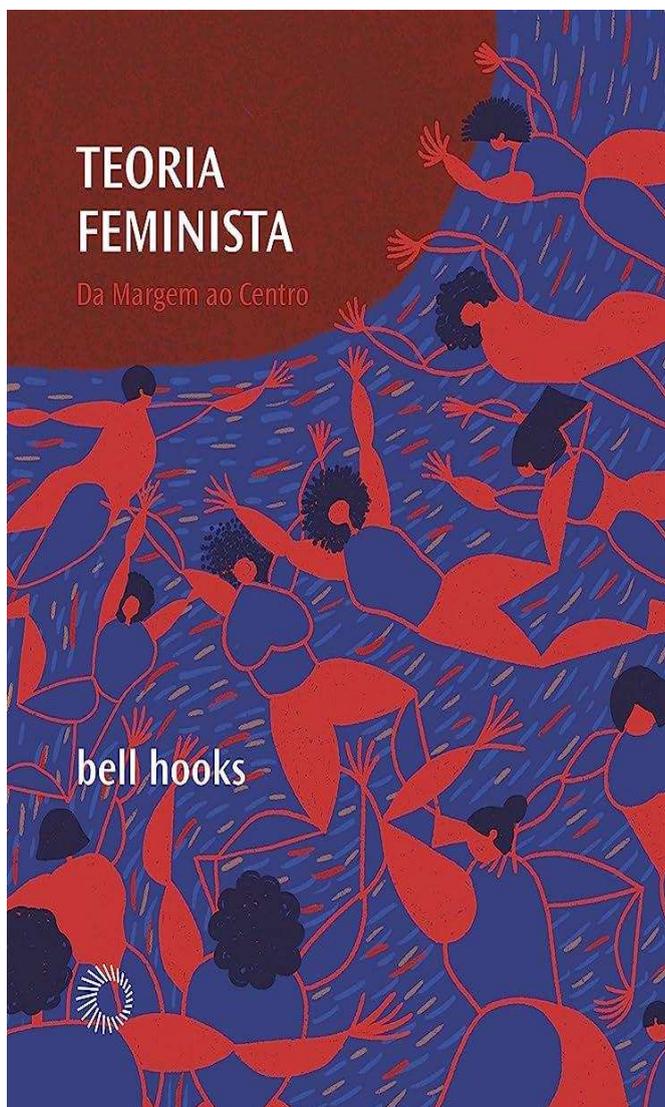
É muito mais difícil matar um fantasma do que uma realidade. Quando eu achava que já tinha acabado com ela, sempre reaparecia sorradeira. No fim consegui, e me orgulho, mas a luta foi dura; levou muito tempo, que mais valia ter usado para aprender grego ou sair pelo mundo em busca de aventuras. Mas foi uma experiência real; foi uma experiência inevitável para todas as escritoras daquela época. Matar o Anjo do Lar fazia parte da atividade de uma escritora. (Woolf, 2013, p. 5)

Matar representa o ato de interromper. Ao confrontar essa figura, Woolf sugere a necessidade de as mulheres se libertarem das restrições impostas pela sociedade e reivindicarem seu espaço e voz no mundo. Assim, ao afirmar que matar o "Anjo do Lar" é essencial para preservar sua própria integridade como escritora, ela destaca a importância de desafiar as normas sociais e culturais que restringem a voz e a autonomia das mulheres. Além de que, o matar a si ressalta a luta contínua das mulheres para afirmar sua identidade e encontrar espaço para sua expressão pessoal, tanto na literatura quanto em outras esferas da vida. Em nossos dias, proporciona um olhar particular ao considerar as influências culturais e sociais que moldam nossas próprias percepções e limitações, destacando a importância de desafiar essas barreiras para alcançar sua própria voz e autonomia.

Nota-se, ao pensar no exemplo da autora nas expectativas sociais e culturais que tais aflições continuam a acompanhar e influenciar experiências, manifestando-se em sentimentos de inadequação e autodúvida, que se segue da pressão para se conformar-se aos padrões idealizados de feminilidade, juntamente com a busca incessante por aceitação externa, o que contribui para a perpetuação dessas inseguranças. Em síntese, as mulheres ainda enfrentam o desafio de equilibrar suas próprias necessidades e desejos com as expectativas impostas sobre

elas, o que muitas vezes resulta em uma luta interna constante por validação e reconhecimento.

Figure SEQ Figure * ARABIC 6 capa do livro de bell hooks



*Nas margens dos rios e nas marés,
Mulheres se erguem, unidas e
guerreiras,
Em caminhos sinuosos enfrentando
enchentes, tempestades, maresias.*

*Com tecidos de coragem e união,
sustentamos, ombro a ombro, mão
na mão,
Juntas, a força das guerreiras...*

*Em cada desafio, a coragem se
renova!
Seja sol ou lua, nossa força ecoa.*

*Quando a vida nos ameaça,
Resistimos, nos amparamos, nos
entrelaçamos...*

*Nós, firmamos no rio da vida,
autoras da história,
Transformamos gotas em rios de
luta e vitória.
(Luciete Cardoso)*

Os percursos vividos são lembretes de muitos “eu’s”, no plural. Inventar-se muitas vezes é ser atravessado a cada nova etapa de vida.

A palavra feminismo me encontrou em 2018, quando estive em uma reunião do Coletivo de mulheres SUMANAS. Logo depois um novo eu despertei. Pois, não se pode ignorar aquilo que se vive, entendo com isso que acendemos a partir de diferentes acontecimentos, como algo que segue seu curso. Contudo, essa jornada me levou a uma reflexão sobre a complexidade e diversidade do movimento feminista. Uma das questões cruciais que emergem desse encontro é a pluralidade de perspectivas dentro do

feminismo. E com isso, a noção de que não podemos reduzir o feminismo a uma única concepção:

não cabemos todas em uma única concepção teórica, existem muitos caminhos, por isso, o correto é dizer que existem vertentes feministas ou **feminismos** e não feminismo. Em comum, nós feministas acreditamos, queremos e lutamos pra que mulheres e homens tenham os mesmos direitos. E compartilhamos alguns sonhos. Não todos. Existe o feminismo marxista, o feminismo liberal, o feminismo negro, o feminismo interseccional, o feminismo radical, o feminismo lésbico, o transfeminismo, o anarcofeminismo, o emancipacionismo (D'ávila, 2019, p. 29)

Falar sobre feminismo é falar sobre liberdade, e o que todas as vertentes do feminismo compartilham, uma luta contínua por igualdade de direitos entre mulheres e homens. Essa é a base sobre a qual construímos nossos sonhos e nossas lutas. No entanto, mesmo nesse ponto comum, há nuances e divergências. Como as mulheres são diversas e múltiplas, os feminismos atuaram de formas distintas. Como o marxista que enfatizou a luta de classes e a relação entre o capitalismo e a opressão de gênero, enquanto o feminismo liberal busca a igualdade por meio de reformas políticas. O feminismo negro se concentra em experiências de mulheres negras e em como o racismo se entrelaça com o sexismo. O feminismo interseccional destaca a importância de considerar diversas identidades e formas de opressão. O feminismo radical questiona as estruturas patriarcais profundamente enraizadas na sociedade. O feminismo lésbico coloca o amor e a sexualidade no centro de sua luta, entre outros. Como mencionado na entrevista da narradora:

Então, eu penso que o feminismo, aliás feminismos. Porque são múltiplos feminismos. Então, dentro da minha pesquisa eu falo sobre essa questão de ser ética. Porque se a gente for pensar, às vezes o feminismo, né? Com bagagens do feminismo marxista, como ouvi na minha qualificação, como ela me disse assim que enquanto as mulheres, as feministas brancas, estavam lutando pelos direitos civis. As feministas e mulheres negras, elas ainda estavam lutando pelo direito de existir. Tá entendendo? elas estavam nas cozinhas das mulheres brancas. Então, são questões para a gente pensar, e aí depois eu fui reconstruindo toda a minha pesquisa. E falando nessa questão do feminismo ético, por quê. não importa a cor da nossa pele, não importa, a gente tem que se unir. Isso que falta para o feminismo. A gente tem que se unir, se apoiar nele. (Dahlia, entrevistada professora e integrante do coletivo Sumanas)

Segundo Dahlia, devemos pensar na multiplicidade e nas questões que envolvem o feminismo, para que a união seja de fato ética. Dito isto, levantamos uma pequena parte de uma discussão tão rica e múltipla, em que podemos considerar uma diversidade na forma de pensar e dar voz a uma pluralidade, que, cada vertente traz, enriquecendo o debate e ampliando nossa compreensão das dinâmicas complexas de gênero. Isto é reconhecer que não somos iguais, que existe marcadores que influenciam o nosso percurso feminista.

Nesta dissertação não se aborda especificamente esta discussão, contudo, é necessário mencionar os feminismos, pois ao falar de narradoras tão únicas entre si, vemos que suas diferenças e marcadores influenciam no processo de devir-mulher, do torna-se mulher.

Em 2016 ingresso na turma de história, nesse período veio grandes TRANSFORMAÇÕES, por exemplo contato com a capoeira Angola, contato com a professora Aline, que é uma professora a primeira que eu vi discutindo sobre GÊNERO, sexualidade, sobre FEMINISMO. Nós fizemos um trabalho, era até um trabalho falando sobre sexualidade, sobre gênero em Cametá. Convidamos algumas pessoas, eu lembro... foi como um seminário interno, com algumas pessoas. Ai começaram as transformações DE PENSAMENTO, pensar que existia uma vertente feminista ou várias vertentes feministas, foi o primeiro contato. Saber diferenciar gênero e sexo e depois na questão do continente africano com o Professor Augusto Leal, então minha cabeça foi mudando e eu começo a formar O QUE SOU HOJE.

(Margarida, egressa, professora de história)

A entrevistada argumenta pelas palavras destacadas “Transformações” “gênero, feminismo”, “de pensamento” e “o que sou hoje”, que a vivência teve grande relevância na construção do seu “eu”, o que nos leva a inferir que o contato com o ambiente acadêmico (não somente ele), espaços de diálogos, de arte, e suas respectivas experiências foram decisivas na construção de um devir-mulher. Nesse sentido, acreditamos que apesar de pessoal e única para cada pessoa, as experiências são linhas de fuga que agenciam um devir-mulher.

Numa sociedade brasileira, de herança escravocrata, machista e desigual, salientamos que tomar consciência é nossa responsabilidade como feministas, reconhecer as diferenças, dialogar e trabalhar juntas na busca por um futuro em que todas as mulheres e homens tenham os mesmos direitos e oportunidades, independentemente de sua identidade de gênero, raça, orientação sexual ou classe social. Esse pensamento de diálogo, é resultado de um percurso de atuação das mulheres há muito, que incorporaram as multiplicidades e as individualidades dentro das demandas da sociedade.

Afinal, gerações de mulheres lutaram para que a gente usasse calça, votasse, pudesse se divorciar. E, se você é uma mulher branca, lutaram também para que você

trabalhasse fora de casa, porque esse papo de luta pelo trabalho é luta de mulher branca. As mulheres negras lutaram por sua liberdade diante da escravidão e seguem lutando para que o Estado as enxergue. (D'Ávila, 2019, p. 16)

Podemos ver com essa citação de D'Ávila como estas demandas foram ampliadas, como a própria representação em espaços públicos e sociais que foram/são emergidos. Mas podemos pensar essa discussão a partir de um único espaço? A resposta é negativa, uma vez que, “torna-se mulher”, não acontece de uma única forma. Contudo, aqui vamos olhar por meio de duas evidentes formas de liberdade feminina, a educação e o trabalho, isto é, para uma liberdade mais efetiva em nossa sociedade. Através da educação (formação) que nos possibilita o acesso ao conhecimento e o trabalho que nos garante um emprego, a garantia financeira que nos emancipa, com condições de subsistência melhores.

Nessa perspectiva, podemos encontrar na educação, como descrito:

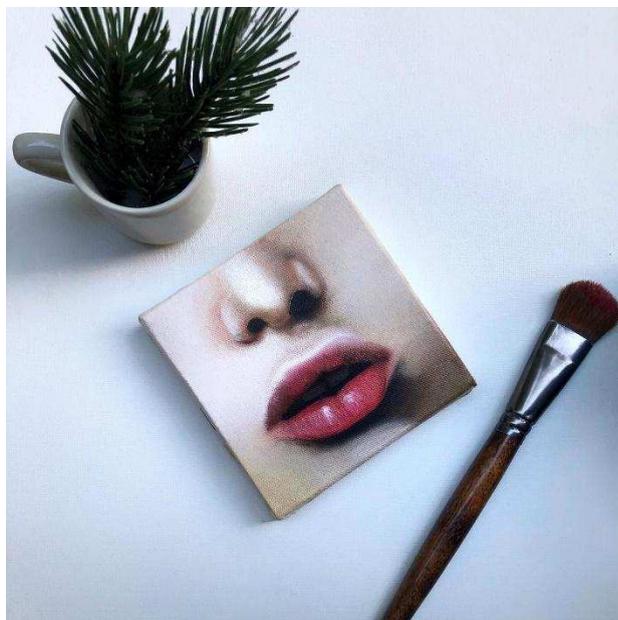
O campus como falei anteriormente ele realmente dá esse impulso inicial para as mulheres, e eis a importância de se ter uma linha de pesquisa que fale sobre isso porque a faculdade na vida de todo universitário é um período em que se abre realmente, para ideias no sentido mais amplo, então, a questão do feminismo e das pautas feministas elas também são colocadas de forma mais ampla, então, isso serve como um despertar para muitas mulheres, como pra mim e acho que a agente tá nesse processo e a faculdade realmente ajudou tanto que fazemos parte da mesma linha de pesquisa que tem o tema a mulher e a sua importância e sua inegável luta. (Amarilis, discente da UFPA/CUNTINS)

O que acontece, o que lhe acontece, o relato aqui ressalta a importância do ambiente acadêmico, representado pelos espaços experienciados no campus universitário UFPA-CUNTINS, como um espaço que proporciona um impulso inicial para as mulheres em seu despertar para as questões do feminismo e das pautas feministas. Também, mostra a relevância de se ter uma linha de pesquisa dedicada a esse tema, destacando como a universidade abre portas para uma compreensão mais profunda das questões de gênero e da luta das mulheres, e espaços dentro do meio acadêmico para que as mulheres possam discutir o feminismo, como a narradora cita um espaço de empoderamento e transformação.

Contudo, não devemos compreender como o único caminho a ser percorrido. A relação com o feminismo não se faz em via única, se faz dos encontros, das vivências, das diversidades e predisposição de aceitar as transformações em diferentes espaços. Como destaco a partir do lugar de cada uma em suas artes de existências. Assim, busco aqui destacar algumas individualidades das entrevistadas, que se sobressaíram em minha percepção. E não considero estas aqui evidenciadas como características únicas em cada mulher entrevistada, muitas compartilham entre si paixões e percepções do mundo.

Seja na arte...

Figure 7- arte (Registro da entrevistada “Amarilis”, que também é pintora)



O olhar artístico, atento aos detalhes, aos processos, às nuances, às pinceladas e à singularidade, torna a narradora uma observadora da arte, assim como do corpo feminino na sua criticidade, e particularidades da história do feminismo. Os detalhes da luta sob a perspectiva artística também podem ser representados, e se revelam por meio do seu olhar sobre o mundo. Conhecer o feminismo é, ao mesmo tempo, conhecer a si mesma, e deixar-se envolver pela arte, por meio de uma abertura que entrelaça a artista feminista com a mulher que extrai sua percepção do mundo a partir de suas vivências e da arte como potência.

Através desse olhar, a narradora transcende a superfície da arte e mergulha nas camadas mais profundas da expressão artística. Esta se torna uma observadora da arte, mas não se limita a isso, relaciona as questões que permeiam o feminismo, que se revela nas particularidades e complexidades das experiências femininas ao longo do tempo, sobre a luta feminina, desvelando os detalhes muitas vezes negligenciados e as histórias não contadas.

A partir desse olhar se captura o feminismo como uma forma de expressão e resistência, uma vez que à medida que a narradora se envolve com o feminismo e a arte, ela se aprofunda em sua própria identidade. Ela reconhece que a arte não é apenas uma forma de expressão externa, mas também uma maneira de explorar seu próprio eu interior. A abertura entre a arte e o feminismo, faz com que essas duas forças contribuam para se entender melhor.

Seja na expressão corporal coletiva...

Figure 8- arte-movimento: Registro da narradora “Margarida”, que participa de um grupo de capoeira Angola

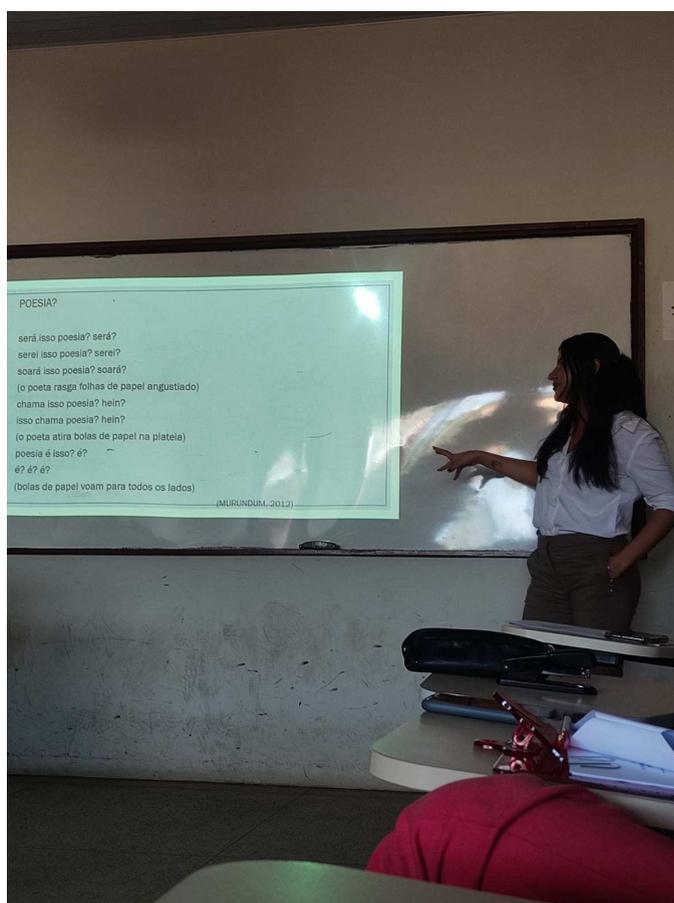


Ancestralidade. Musicalidade. Canções. Entrelaçamentos. O corpo se move com o batuque do tambor, com o som do chocalho, com o canto que ecoa palavras de resistência. O corpo que se entrelaça, não está sozinho, este é acompanhado a todo momento. A roda que se faz, versa palavras de força, de sofrimento e de esperança. O mover-se na capoeira, nas pesquisas, no trabalho. A narradora expressa a história de seu povo na expressão corporal, na voz, na escrita e na união entre os seus. Eu's, professora, capoeirista, historiadora, mulher feminista, mulher negra. inspiração. Ação...

Movimento é ação, educação é ação. A ginga que percorre a capoeira, lhe acompanha em sala de aula, no aprender e no educar. A mulher negra feminista que encontrou na capoeira, nas pesquisas e no ensinar, a ligação com a ancestralidade e na busca de traçar o caminho para que os seus possam também adentrar na capoeira, na educação, no fazer sua escolha sem se preocupar com sua liberdade e vida.

Seja na Literatura...

Figure 9- leitura: Registro da narradora “Camélia”, que tem nos livros a abertura para o feminismo.



A palavra, a poesia, a literatura. Imersão, palavras em páginas. Interpretação. Encontro, visões. As páginas que abrigam uma diversidade de saberes possibilitam, a potência de elevar o pensamento feminista por meio das vozes das mulheres. A leitura pode nos trazer o (re)encontro com autoras, que permitem um diálogo com nossas precursoras, aqueles que, há muito tempo, batalharam para que nossas opressões fossem retratadas, debatidas, questionadas e superadas. Em devir, por meio desse processo de conhecimento, a narradora descobre a si mesma, ao mesmo tempo em que se envolve no movimento feminista.

Em linhas que se atravessam a literatura se aproxima do feminismo, e têm o poder de contribuir para que as mulheres possam expressar suas vozes e experiências e assim propiciar um olhar crítico e situado no mundo. Por fim, a narradora ao se conectar com sua própria identidade e a se envolver no movimento feminista. Isso ressalta a dimensão pessoal e transformadora da literatura e do pensamento feminista, ao mesmo tempo em que a narradora se torna parte da luta por igualdade e justiça de gênero.

Seja nas práticas interventivas...

Figure 10- Ato: Registro da entrevistada “LIS”, em uma caminhada em defesa da vida da mulher



Em caminhada, acompanhada, reivindicando, em ato para participar, contribuir e mudar. Palavras fortes que significam muito quando se fala do feminismo. A união feminina em busca de liberdade, justiça e melhores condições são efetivadas em ações com as quais a narradora participa. Os espaços, as práticas feministas são ações e estas podem ser encontradas de diferentes formas. A ação desperta algo que está imóvel em nós, e podemos dar liberdade através da voz, da escrita, da pesquisa, ou de nosso corpo.

Seja na defesa constitucional...

Figure SEQ Figure * ARABIC 11-Ação. Arquivo próprio, mostra a entrevistada “Dahlia” na conferência de políticas para mulheres do Estado do Pará



Política de mulheres para mulheres, para se comprometer, se doar, se fortalecer. Resistir. Representar. A caminhada da mulher que lidera outras mulheres se faz muitas vezes da sobrecarga do corpo e da mente. Contudo, a participação nessas atividades torna-se essencial para o debate estrutural, uma vez que essas ações trazem mudanças e provê a inclusão de muitas mulheres que carecem de inúmeras formas de apoio.

Seja na pesquisa...

Figure SEQ Figure * ARABIC 12- Narradora Rosa e Alice (filha em seu colo) e Ayla (na barriga) defendendo a dissertação “Aprende brincando: a criança atuando entre o povo assurini do trocará, município de Tucuruí-PA 2017”



*A menina embala a boneca
A boneca se transforma em livro
O livro abre um mundo novo
A menina cresce e o mundo real a encontra*

*Menina-boneca-menina-mundo
Olha para si, brinca, solta, aprende a viver...
Larga o livro, pega a boneca
Pega a boneca, larga o livro
O mundo se abre, o mundo se fecha*

*A menina contempla o mundo, enfrenta-o,
A boneca ressurgue em seu olhar.
Vamos, menina, o mundo é seu,
Ela se descobre em cada passo,
Na metamorfose que a vida traça*

O ato de pesquisa não é apenas explorar o exterior, mas também aprofundar em si mesmo. Estamos intrinsecamente ligados à nossa infância, aos nossos medos e à nossa formação. À medida que descobrimos o mundo ao nosso redor, muitas vezes nos distanciamos de nossa essência, ou cria-se um eu. O processo de escrever, vivenciar e se entregar à experimentação é uma jornada na qual buscamos, conhecemos e ansiamos. A narradora aqui evidenciada mergulhou em leituras e atividades de campo, todas conectadas a uma mulher em constante transformação. Nessa perspectiva, a boneca simboliza nossa infância, nossos medos e nosso conhecimento inicial, captado desde os primeiros passos na educação até a entrada na sala de aula como professora.

Seja no descobrir-se...

Figure 13- intervenção, narradora “Magnólia”.



A mulher que enfrenta. O devir-mulher pode ser de diferentes formas, como a mulher-feminista, a mulher-feminista-ribeirinha, a mulher-feminista-mãe, a mulher feminista pesquisadora e professora. São tantas em uma, se encontram? A mulher que enfrenta desafios diários, muitas vezes, desdobrando-se em diversos papéis sociais, é também aquela que

assume uma posição de liderança em diversos contextos. O devir-mulher se manifesta em meio a identidades diversas, seja na construção como mulher, na expressão do feminismo. Isto é, sua atuação transcende as fronteiras acadêmicas, influenciando a experiência feminina, que desafia estereótipos preestabelecidos.

Seja no devir-pesquisar...

Figure 14- registros próprios, de encontros do SUMANAS com participação da pesquisadora.



“O vir a ser” perpassa encontros, desencontros, saberes, abandonos e mudanças. A constituição do ser mulher no reconhecimento das desigualdades de gênero e práticas insurgentes ocorre em uma caminhada individual, mas que também pode ser experimentada

na coletividade, em práticas formais e informais. A pesquisadora-feminista-cartógrafa que se lança ao desconhecido de si e da pesquisa leva consigo as vivências, construindo seu vir a ser ligada às ações ativistas pela vida das mulheres.

Essa trajetória de autoconhecimento e pesquisa reflete a complexidade e a diversidade das experiências femininas. A pesquisadora, ao cartografar as diferentes realidades e narrativas das mulheres, contribui para a visibilidade das lutas e resistências cotidianas. Imersa, amplia o entendimento sobre a condição feminina, mas também fortalece a perspectiva das urgências feministas, agenciando uma mudança significativa tanto no âmbito pessoal, educativo, social etc.

Com efeito, inferimos que, para compreender as urgências, devemos olhar para a história de reivindicação e questionamento que a crítica feminista proporcionou, em uma busca de ressignificação do feminino.

Ao analisarmos o histórico das lutas feministas, percebemos que essas reivindicações não são apenas demandas por igualdade, mas também por um profundo reconhecimento e valorização das experiências e identidades das mulheres. A crítica feminista tem sido essencial para desmascarar as estruturas de poder e opressão que moldam as relações de gênero, promovendo uma ressignificação do feminino que vai além dos estereótipos e papéis tradicionais impostos pela sociedade.

De um lugar estigmatizado e inferiorizado, destituído de historicidade e excluído para o mundo da natureza, associado à ingenuidade, ao romantismo e à pureza, o feminino foi recriado social, cultural e historicamente pelas próprias mulheres. A cultura feminina, nessa direção, foi repensada em sua importância, redescoberta em sua novidade, revalorizada em suas possibilidades de contribuição, antes ignoradas e subestimadas. (Rago, 2013, p. 20).

A autora destaca como a sociedade impõe estereótipos e limitações às mulheres, relegando-as a um papel subordinado e, muitas vezes, desvalorizado. No entanto, ao longo da história, as mulheres têm se esforçado para desafiar essas limitações e redefinir seu lugar na sociedade. Portanto, se nos questionarmos sobre como adquirirmos o conhecimento atual sobre a mulher, há a possibilidade de afirmar que ao longo dos tempos, nossas histórias foram predominantemente contadas por homens, e agora, em um movimento contrário, as mulheres estão começando a escrever sobre si mesmas. Isso faz parte do que muitas mulheres do século XX e XXI se dedicaram a fazer, buscando resgatar suas histórias.

Infere-se com isso a possibilidade de reverberar novas formas de existir como mulher. Contemplando a multiplicidade existente do feminino, sem afiança ao papel construído socialmente, em que são considerados “femininos” ou “masculinizados” ações, formas de

vestir-se, falar, entre outras. Na intenção de estabelecer imagens outras de um ser, ainda em descoberta, em possibilidades antes negadas. Assim, esse processo de ressignificação é contínuo e dinâmico, refletindo as múltiplas dimensões da experiência feminina e a diversidade de vozes dentro do movimento feminista. É através desse olhar crítico e da valorização da história de luta das mulheres que podemos identificar e contribuir de fato com o feminismo.

Em outras palavras, estamos presentes nos livros, na televisão, na internet, nas grandes marcas, no cinema, na constituição e na política. Estamos também nas prisões e nos cemitérios. Ser mulher no Brasil, registrando a multiplicidade que nos caracteriza, exige que nos despojemos das antigas concepções e adotemos novas perspectivas para enxergar o mundo, incorporando a realidade feminina em todas as esferas da vida.

Assim, ser feminista faz com que nos despojemos das antigas concepções e adotemos novas perspectivas para enxergar o mundo, incorporando a realidade feminina em todas as esferas da vida, isto é, as experiências, perspectivas e contribuições de suas próprias narrativas, questionando a maneira como o mundo as vê. Pois, não podemos ignorar a realidade enfrentada por muitas mulheres, com a violência de gênero e a discriminação, exigindo um esforço contínuo para erradicá-los.

Falar a partir da narrativa de vidas de mulheres que visibiliza o nascimento do devi-mulher exige um olhar de narradora:

E aí, não sabia que o meu ingresso na universidade ia mudar completamente minha vida. Acho que a universidade é esse espaço, a universidade tem essa função social, na nossa vida. De nós salvar muitas vezes. Porque, ela abre tua cabeça de muitas formas. Porque, tu já entras ali, com inquietudes que tu nem sabia que tinha. Ai, tu vai estudando e tu vai percebendo e vai abrindo um leque de possibilidades, de coisas, que tu começa, e que tu já se questionava antes e não sabia porquê. Acho que isso é feminismo. Situações em que a gente passa e se pergunta por que isso acontece com minha mãe e minha avó, e aí, tu vai entender lá na frente por que isso acontece.

(Magnólia, egressa UFPA/UNTINS)

Com isso, evidencia que nos processos formativos no ensino superior há presença de ideias, temas, questões, práticas e atitudes femininas em discussão, em um movimento de libertação de uma identidade mulher pela lógica masculina. Pode-se dizer, por fim, que o processo de recriação do feminino não só permitiu às mulheres se afirmarem como agentes de mudança, mas também contribuiu para a ampliação do entendimento da diversidade das experiências femininas.

Por fim, ao falar sobre o processo educativo é importante destacar a falta, que em muitas situações não enxerga a mulher negra, a mulher negra como sujeito de si mesma e não do outro.

E escrever sobre SI, sobre sua realidade, porque a escrita também cria essa possibilidade, né, de fazer com que eu exista para a sociedade, que eu seja visibilizada pela sociedade, para que as minhas dores sejam visualizadas e a partir dessa visualização buscar meios para que ela acabe, por fim, embora seja algo meio distante, se fomos fazendo nossa parte hoje a gente vai conseguir, um mundo, um futuro, livre do patriarcalismo opressor, né, livre do machismo que nos violenta.

(Rosa, egressa da UFPA/CUNTINS)

Ser vista, é ser ouvida e quando falamos nisso é essencial para falar de sua realidade, que se distingue do outro. E quando falamos de dar visibilidade não podemos deixar de mostrar as nuances nesse processo de insurgências contra o modelo dominante.

Tirar essas pautas da invisibilidade e analisá-las com um olhar interseccional mostra-se muito importante para que fujamos de análises simplistas ou para se romper com essa tentação de universalidade que exclui. A história tem nos mostrado que a invisibilidade mata, o que Foucault chama de “deixar viver ou deixar morrer”. A reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida. (Ribeiro, 2019, p. 30)

A autora ressalta que, muitas vezes, a falta de atenção para a mulher negra como indivíduo autônomo e detentor de sua própria realidade contribui para a perpetuação de estereótipos e a invisibilidade de suas experiências. Então, dar voz e a escrita torna possível que suas experiências, dores e lutas sejam reconhecidas e, assim, contribui para a quebra de padrões patriarcais e machistas que historicamente oprimem as mulheres, especialmente as mulheres negras. Com isso, a luta pelo direito à voz é, assim, associada diretamente ao direito à própria vida. Nos percursos formativos, nas linhas de fuga em meio a educação essa reflexão sugere a necessidade de transformar as estruturas e práticas que perpetuam a invisibilidade e o silenciamento das mulheres negras, visando uma educação que reconheça e valorize a diversidade de experiências e vozes.

Entretanto, o que percebemos com o discurso de Truth e com as histórias de resistências e produções de mulheres negras desde antes o período escravocrata, e consequentemente com a produção e atuação de feministas negras, é que esse debate já vinha sendo feito; o problema, então, seria a sua falta de visibilidade. Essa discussão já vem sendo feita desde a primeira onda, como nos mostra Truth, assim como na segunda onda, como podemos ver nas obras de feministas negras como bell hooks, Audre Lorde, entre outras, apesar de não serem caracterizadas por esse tipo de reivindicação pela perspectiva dominante. (Ribeiro, 2019, p. 15)

Ribeiro destaca o dilema enfrentado pelo feminismo hegemônico daquela época (e em nossos dias): a tendência de universalizar a categoria "mulher". Essa universalização, embora possa parecer inclusiva à primeira vista, pode desconsiderar as intersecções entre diferentes

identidades, como raça, classe social, orientação sexual e identidade de gênero. Em outras palavras, ao tentar representar todas as mulheres sob uma unicidade, o feminismo hegemônico pode negligenciar as experiências únicas e as lutas específicas enfrentadas por mulheres que pertencem a diferentes grupos sociais.

Nesse sentido, é fulcral abandonar essa abordagem universalizante e adotar uma perspectiva mais interseccional, que reconheça e valorize as diversas formas de opressão e privilégio que moldam a experiência feminina. Ao evidenciar essas vozes silenciadas e trazer à tona esta discussão, desafiam-se os paradigmas tradicionais do feminismo.

Para isso, é necessário olhar para si, olhar para nós mesmas, a fim de compreender que historicamente o próprio feminismo esteve silenciando mulheres, e que a desconstrução começa por nós. Pelos nossos agenciamentos individuais e coletivos, a fim de avançar contra o patriarcado. De acordo com Ribeiro (2019, p. 16), Truth, já em 1851 questionava o modo pelo qual as representações do feminismo estavam sendo concebidas e, na prática, tentava restituir humanidades negadas. Em um dos poemas escritos pela Truth, intitulado “On woman’ dress poem” 8, ela diz:

*Quando vi mulheres no palco
na Convenção Pelo Sufrágio da Mulher,
no outro dia,
Eu pensei,
Que tipo de reformistas são vocês?,
com asas de ganso em vossas cabeças,
como se estivessem indo voar,
e vestida de forma tão ridícula,
falando de reforma e dos direitos das mulheres?
É melhor vocês mesmas reformarem a si
mesmas em primeiro lugar.
Mas Sojourner é um velho corpo,
e em breve vai sair deste mundo
em outra,
e vai dizer
quando ela chegar lá,
Senhor, eu fiz o meu dever,
e eu disse toda a verdade*

ela não guardou nada.

Djamila Ribeiro, ao referir-se ao poema, destaca a ironia contida na crítica às vestimentas das mulheres na Convenção pelo Sufrágio da Mulher, ao “caçoar” do chapéu com penas de ganso. Enfatiza que se tratava de mulheres de classe social privilegiada, as quais estavam na linha de frente do movimento pelo sufrágio feminino. Esse comentário ressalta a ironia da situação, uma vez que as mulheres retratadas no poema representam exatamente aquelas que possuíam os recursos e privilégios para liderar a luta por direitos políticos. O verso "é melhor vocês reformarem a si mesmas em primeiro lugar" assume uma carga ainda mais significativa quando consideramos a possível cegueira dessas mulheres em relação às questões enfrentadas pelas mulheres negras. O fato de não reconhecerem a importância da luta antirracista como parte integrante do movimento feminista revela uma lacuna grave na compreensão das interseccionalidades de opressão. Mesmo quando mulheres negras começaram a chamar a atenção para a invisibilidade e marginalização que sofriam dentro do movimento feminista, essas vozes foram frequentemente ignoradas ou subestimadas

Em suma, ressalta a importância de uma autocrítica dentro do movimento feminista, reconhecendo suas limitações e privilegiando uma abordagem mais inclusiva e interseccional. Além disso, reitera a necessidade contínua de desconstrução, reconhecendo que desde sua constituição, com o sufrágio feminino, o movimento tem sido marcado por exclusões e marginalizações.

O olhar para o passado é uma potência que nos faz ver a situação da mulher negra e como ainda está distante da mulher branca embora, pareça que isso é mimi como as pessoas costumam dizer, mas são nas leituras e nas vivências que as nossas realidades são realidades diferentes. Então quando a gente vê uma autora que pensa a realidade dentro desse movimento maior que é o feminismo, e não só pensar, mas fazer que esse movimento maior repense também né, o seu lugar, o que é que queremos construir, para quem? (Margarida, egressa, professora de história)

Em complemento, a narradora evidencia que possamos nos unir em um "novo olhar" que celebre e valorize a diversidade feminina, levando em consideração as diferenças de classe, raça, religião e outras, como base para uma reconstrução efetiva que começa em cada uma de nós, a cada dia. Reconhecer essas insurgências históricas é essencial para desestabilizar as verdades estabelecidas e repensar o movimento feminista a partir de novas premissas que abracem a diversidade e a complexidade das experiências femininas.

Logo, em constante fluxo e transformação, isso significa que todos nós temos a capacidade de se tornar algo mais do que somos atualmente, incluindo a possibilidade de se

desvincular de amarras patriarcais. Nesse contexto, relacionamos o devir-mulher ao que emerge das subjetividades vivenciadas. Segundo Chimamanda Ngozi Adichie, em "*Sejamos Todos Feministas*" (2012, p. 21) "O despertar feminista foi como um raio, algo que aconteceu repentinamente e transformou tudo ao meu redor.". Com isso, o despertar feminista nos modifica e nos envolve em conexão com outras mulheres, bem como uma forma de se libertar.

5. CAMINHOS ESGUIOS: ENFRENTAMENTOS E RESISTÊNCIAS

Os caminhos percorridos trazem para cada mulher uma história de individualidade e vivências compartilhadas. Seja ela, criada na beira do rio, na cidade, no chão de barro... cada uma carrega uma coisa em comum. Ser mulher. E quando falamos nisso, olhamos para a história, e os índices que apontam as desigualdades e o julgamento que se enfrenta. É então, sentir na pele uma história de lutas, sofrimentos e uma resistência que se faz também ancestral. Pois este caminho vai seguindo... Para ilustrar poeticamente, trago a música “Na pele”, interpretada pelas cantoras Elza Soares e Pitty, em que através da letra irá demonstrar o caminho percorrido por nós mulheres, e como sentimos na pele como o rio que a água percorre. A letra versa:

*A vida tem sido água
Fazendo caminhos esguios
Se abrindo em veios e vales
Na pele, leito de rio.*

*Olhe dentro dos meus olhos
Olhe bem pra minha cara
Você vê que eu vivi muito?
Você pensa que eu nem vi nada”.*
(Elza Soares e Pitty)

Vemos aqui a passagem que nos proporciona a refletir sobre a história que cada mulher carrega e o quanto devemos valorizar essas experiências, visto que também fazem parte dos caminhos que se seguem. A trajetória das mulheres contempla diferentes tempos, idades, questões, então é crucial considerar e dar voz às dores e lutas, que dão continuidade e abre caminho para aquelas que ainda virão.

Em outro trecho, interpretado pela cantora Pitty, qual faz a representação da mulher mais jovem, fica evidente o quanto ambas têm o mesmo destino doloroso. Em um mesmo rio, o trecho versa: “*Contemple o desenho fundo/Dessas minhas jovens rugas/Conquistadas a duras penas/Entre aventuras e fugas*”. Dessa forma, fica claro que a trajetória da mulher é forjada no enfrentamento de desafios como preconceito, sexismo, violência e na busca pela própria liberdade de ser mulher de acordo com seu desejo.

Figure SEQ Figure * ARABIC 15- Álbum da música na pele



*Pele,
marcas vividas.
Em passagens,
Dores da vida...*

*Caminhos de fuga...
Caminhos esguios*

As palavras acima mostram a importância de considerar o coletivo e valorizar as histórias individuais das mulheres ao longo de suas vidas. Pensar nas vivências é necessário para compreender todo o caminho já percorrido, não em uma visão estereotipada como vítimas perpétuas. Embora se reconheça a violência, o preconceito e o sexismo como desafios reais enfrentados por muitas mulheres, é essencial também considerar a diversidade de experiências e identidades femininas. Nem todas as mulheres enfrentam os mesmos obstáculos da mesma forma, e algumas podem até ter experiências predominantemente positivas.

Além disso, é válido observar que, embora esta dissertação destaque a conexão entre as gerações de mulheres e suas lutas, não se pode generalizar a experiência feminina, as narrativas aqui apresentadas demonstram isso. Reconhece-se que cada mulher tem uma história única, e embora algumas possam de fato compartilhar experiências semelhantes, outras podem ter vivências muito diferentes.

Pensando nas passagens de vida, tomo a liberdade de citar Conceição Evaristo (2021, p. 16) e abrir um questionamento "De que cor eram os olhos da minha mãe?" no contexto do olhar voltado para a nossa história. Sabemos a cor dos olhos de nossa mãe, de nossas companheiras, de nossas irmãs? Descobri desde muito jovem que a vida de uma mulher era difícil. Isso foi evidenciado em primeiro lugar pelo relato de minha mãe. Suas palavras nunca esconderam as dores que a vida lhe trouxe, uma vida que cobrou muitos sonhos e impôs as chamadas "tarefas de mulher" em detrimento de sua liberdade. Mas como poderia ser diferente? Segundo ela, "Naquele tempo".

Lembro-me de minha mãe em muitos detalhes, no trabalho doméstico, na horta, junto à máquina de costura, pescando no rio, no campo, cuidando de minhas avós... Lembro-me da cautela, dos momentos de silêncio, dos olhares severos e das palavras de incentivo para que segundo ela "eu não precisasse passar pelo mesmo que ela". Minha função, era a de estudar, que ela se encarregava de tudo. Quando li "Sejamos todas feministas", livro da autora Márcia Tiburi, em que falava sobre como em sua casa na infância não houve uma vivência de violência física, mas lembrará de uma. Nesta leitura parei a página por minutos, pela comoção pelas violências de negação do viver e me reconheci no incentivo de minha mãe. Que hoje tenho como meu primeiro exemplo de mulher feminista, mesmo sem se compreender como tal. Mas ela plantou o fruto. Segundo a autora,

No entanto, uma violência mais básica, aquela que se sedimenta e impede transformações e a mais ínfima emancipação, estava lá. Por isso, nossa mãe nos mandava à escola. Mesmo sem dizer-se feminista, ela sabia- do mesmo modo que as feministas de todos os tempos sabem- que as mulheres precisam estudar. Que o direito ao estudo é fundamental para qualquer pessoa e também para as mulheres. E que só esse direito pode nos livrar do sistema de violência física e simbólica que pesa sobre quem é marcado como mulher (Tiburi, p. 22, 2021)

Assim, inferimos que às que vieram antes de nós, permitiram hoje estar onde estamos, as antepassadas suportaram um sistema patriarcal mais rigoroso que em nossos dias. Tendo em vista que não se tinha a possibilidade de liberdade de participação nos espaços, além da tecnologia, que proporciona acesso ao conhecimento de nossa própria condição e direitos. Com isso, reconheço, que toda forma de violência proporciona consequências para nossa vida, mesmo as mais veladas.

Para complementar a reflexão, destacamos “o que é ser mulher pelo reflexo de outras”. Segundo, Conceição Evaristo (2021, p. 16): “Faço a brincadeira em que os olhos de uma se tornam o espelho da outra”. Quantos espelhos já tivemos? Quantos olhos já refletimos? Somos reflexos de muitas outras mulheres. Assim, como dito pela autora “o espelho”, a quem associo como sendo nossa mãe/avó/irmã e aquela que nos encontram nas passagens de vida, as nossas ancestrais, como um rio que flui, águas em constante movimento. Em algum momento fomos ajudadas, apoiadas, por outra mulher.

Ai no decorrer dessa trajetória de pesquisa de estudante do curso de história foi convidada por uma mulher né, professora Benedita Celeste, quem conhece ela sabe o quanto ela engajada né, na busca também de levantar outras mulheres, de ajudar nesse processo.

E aí ela me convidou para ser bolsista eu aceitei e aí a gente começou a nossa trajetória trabalhando na temática indígena, sim foi uma temática que despertou em mim algo que eu sempre quis né, uma militância uma busca por justiça social desses povos que sempre foram marginalizados. Despertou como eu no meu lugar de fala de acadêmico poderia ajudar também, né nessa luta invisibilizados. E Assim eu comecei né num processo de formação profissional isso me ajudou muito assim, o fato de eu entrar em um grupo de pesquisa de ser uma mulher professora que me convidou e ela sempre falava que o intuito dela era chamar mulheres né porque dentro do universo que ela tava, não tinham essa visibilidade (...) (Rosa, egressa da UFPA/CUNTINS)

Dessa forma, podemos afirmar que as narrativas dessas mulheres carregam relatos vívidos de suas vidas cotidianas. São relatos que refletem espelhos femininos, espelhos que evidenciam suas passagens de vida, envoltos em agenciamentos que entrelaçam outras mulheres.

Incorporando tessituras de memórias de eventos profundos que moldam suas jornadas na educação e no âmbito profissional, vindos do olhar e de uma subjetividade feminina, que faz com que se levantem aspectos não pensados pelos homens, tanto na organização das disciplinas como na produção do saber. Essas histórias também são testemunhos notáveis de

resistência perante as normas coercivas que historicamente impactaram as mulheres, tentando controlar não apenas seus corpos, mas também as particularidades de suas existências.

As artes de existências e lutas coletivas carregam uma trajetória de enfrentamentos que não se inicia no espaço de formação do ensino superior. Em processo contínuo as alianças e insurgências acompanham os sujeitos ao longo das experiências pessoais de uma mulher que refletem desafios e expectativas sociais ligadas ao gênero.

Por exemplo, desde que eu me entendo como mulher adolescente minha mãe sempre pautou - NÃO ENGRAVIDA, NÃO ENGRAVIDA, porque senão tu vai dar trabalho, só que ela nunca levou isso pros meus irmãos entendeu? Era sempre pra mim como se só pelo fato de ser mulher, eu fosse dar esse trabalho, entendeu? com eles, ela nunca se preocupou, mas hoje eles dois têm e eu não tenho. Acho que aquilo foi tão forte e impactante também que eu acabei colocando na minha cabeça que seria bem ruim pra mim. Outra coisa, que vai além disso, são as questões de comportamento né que sempre foi pautada “NÃO SE COMPORTA ASSIM PORQUE ISSO NÃO É COISA QUE UMA MULHER”, “faça, tipo assim”, “TEM DE SE VESTIR ASSIM, SE VESTIR MAIS FEMININA, COMO MENINA”. Tipo assim como se outros tipos de vestimenta não fosse pra mulheres como por exemplo roupa mais folgadas, tem essa questão também o fato de sexualidade, tipo assim, tu vai se relacionar com pessoas do mesmo sexo, tu vai se tornar homem (risos)... (Camélia, discente UFPA/CUNTINS)

Em primeira análise podemos destacar a imposição de papéis de gênero tradicional, onde a maternidade é cobrada e problematizada exclusivamente para as mulheres. Ainda, demonstra como as expectativas são impostas de maneira desigual, isso reflete uma tentativa de moldar a identidade e a expressão da mulher de acordo com normas socialmente aceitas.

Em linhas de fuga, desafiam valentemente as expectativas impostas e, ao fazê-lo, mostram os enfrentamentos em questionar e desafiar narrativas que historicamente limitavam as oportunidades das mulheres em um novo caminho para a emancipação de seus corpos e a igualdade de gênero.

A história do corpo feminino trouxe à luz as inúmeras construções estigmatizadoras e misóginas do poder médico, para o qual a constituição física da mulher por si só inviabilizaria sua entrada no mundo dos negócios e da política. O questionamento das mitologias científicas sobre sua suposta natureza, sobre a questão da maternidade, do corpo e da sexualidade foi fundamental no que se refere à legitimação das transformações libertadoras em curso. (Rago, 2013, p. 541)

Para a autora, a resistência individual e a desconstrução de narrativas sociais e científicas limitadas são fundamentais para promover mudanças sociais mais amplas. Assim, vemos que as narrativas aqui descritas ecoam as vozes do passado, mas também iluminam o horizonte para um futuro mais inclusivo e justo. Pois, desafiar essas concepções preconceituosas representaram um passo importante à quebra de vínculos que restringiam as mulheres a papéis socialmente determinados. Ao recusar o papel passivo que lhes foi

especificamente atribuído e ao desafiar as limitações impostas ao seu potencial, essas mulheres abriram caminho para a redefinição das normas de gênero.

Sim, e pouco integrada talvez ne, mas ainda assim nós não podemos negar a importância da luta feminista até porque é algo que existe e se perpetua em relação a causa da mulher em si na sociedade, foram temas bem polêmicos que envolveram a mulher ao longo do tempo, e é impossível passar despercebido, então, a minha resposta porque se eu dissesse não, seria fechar os olhos para esse tipo de coisa e tô me engajando ao longo do tempo então acho que é um processo, e eu entrei nesse processo agora e pretendo continuar. (Amarilis, discente da UFPA/CUNTINS)

Sob essa perspectiva, as mulheres que ingressam na luta feminista trazem à tona uma perspectiva valiosa sobre a integração e o impacto dessa luta na sociedade. Quando mulheres como “Amarilis” afirmam que, mesmo que de forma gradual, estão envolvidas na luta feminista, revelam um ativismo e entendimento do reconhecimento de que simplesmente negar a existência ou a importância do feminismo seria como “fechar os olhos para esse tipo de coisa” demonstra um entendimento da relevância histórica e contemporânea da causa feminista.

Percebemos, assim, que em espaços formativos na vida de muitas mulheres podem fluir multiplicidades de artes, debates, diálogos evidenciando a realidade do presente e lutando pelo que virá:

Eu consigo agora ver muita coisa que a academia, ela acaba sendo o local que tu vais ter acesso a muita coisa, que combina tua experiência com o teu estudo, e da mais esse estalo. E vai acordando para muita coisa, e ao mesmo tempo, tu ficas feliz, e meio triste ao descobrir. Porque quando penso na situação que estamos nessa sociedade, fico meio triste, mas depois, me encorajo e falo, -estamos aqui para mudar alguma coisa. Talvez não na nossa geração, mas a gente já está fazendo muito pelas próximas gerações. (Magnólia, egressa da UFPA/CUNTINS)

Esse relato demonstra um apontamento significativo, de valorizar as experiências e o ingresso nos assuntos feministas. Pois, a intenção de continuar nesse caminho significa um compromisso em contribuir para a mudança do machismo, sexismo e desigualdades. Cada indivíduo que faz parte do movimento feminista acrescenta uma perspectiva única e valiosa, pois as mulheres são múltiplas, e assim se tem feminismos. No plural, pois não é um movimento isolado, mas um processo em constante evolução, incorporando novas vozes, perspectivas e experiências ao longo do tempo.

E à medida mais mulheres se inserem na luta, a diversidade e a complexidade do pensamento feministas aumentam, abre-se caminho para uma abordagem mais abrangente.

Enfim, parece que já não há mais dúvidas de que as mulheres sabem inovar na reorganização dos espaços físicos, sociais, culturais e aqui, pode-se complementar, nos intelectuais e científicos. E o que parece mais importante, elas sabem inovar libertariamente, abrindo o campo das possibilidades interpretativas, propondo múltiplos temas de investigação, formulando novas problematizações, incorporando

inúmeros sujeitos sociais, construindo novas formas de pensar e viver. (Rago, 2013, p. 547)

Rago nos mostra que a insistência de mulheres nos espaços significa um papel fundamental na resistência contra as formas de opressão e sua contribuição pode ser um benefício poderoso para as mudanças sociais em nossa sociedade. Esse papel se estende para além do âmbito profissional, abrangendo suas vivências diárias, pesquisas acadêmicas e participação ativa nos movimentos que buscam promover a valorização da mulher e a efetivação de medidas que levem à emancipação.

Ao longo das últimas décadas, avanços significativos foram feitos no que diz respeito aos direitos das mulheres, permitindo que elas fizessem escolhas diversas em várias esferas da vida. Isso inclui o direito de escolher sua vestimenta, buscar uma educação que interesse, participar ativamente no mercado de trabalho, publicar suas ideias e contribuir para a esfera artística e cultural. No entanto, o machismo ainda é uma força profundamente arraigada em nossa sociedade, manifestando-se de diversas formas, desde cobranças injustas até a descredibilização e a opressão sistêmica. Portanto, é imperativo que se mantenha uma vigilância constante e uma reflexão crítica sobre as desigualdades de gênero, de modo a fortalecer eficazmente o machismo em todas as suas manifestações. A **luta** contínua é essencial para garantir que não apenas as conquistas das últimas décadas sejam preservadas, mas também que novos avanços sejam alcançados.

Aqueles que se encontram em posições de privilégio social tendem a subestimar ou até mesmo ignorar a persistência dos problemas enfrentados pelas mulheres em nossa sociedade. Com isso, a rotina diária de uma mulher revela uma série de dificuldades que podem ser facilmente negligenciadas por aqueles que não vivenciam de perto. Um simples compromisso ou tarefa pode se tornar um desafio quando se leva em consideração as barreiras sociais e estruturais que muitas mulheres enfrentam.

Sempre existe, é engraçado. (risos) eu falo sempre muito nos eventos porque parece que recai a nós os cuidados, o maternal. Sempre vinculam a nós a ideia do maternal. É a mãe da turma, -que cor? -pergunta para professora. É porque ela é que sabe dessas coisas, pelo fato de ser mulher e tá ligado ao feminino tem de ser voltado pra mim. E aí acaba me sobrecarregando, acho que todas as mulheres da escola passam por isso, acaba sendo sobrecarregada porque os homens tem essa ideia, tudo que é feminino, têm de ser uma mulher para decidir; eles não podem tá decidindo uma roupa ou a cor de uma camisa, dos jogos, então, isso acaba sobrecarregando por ser “da mulher” e por separar o que é masculino o que é feminino e nisso tudo que já foi construído acaba tendo uma pressão maior. A gente trabalha muito mais que eles justamente por causa dessas questões de dividir né, as divisões de tarefa que é muito comum, o que acaba sobrecarregando e faz com que nos estejamos mais cansadas com ele e é uma coisa que sempre falo que devemos repensar. (Rosa, egressa da UFPA/CUNTINS)

O relato da narradora em sua carreira como professora demonstra a sobrecarga que as mulheres enfrentam e uma estrutura patriarcal que as coloca em um papel que historicamente foi associado ao cuidado e à suposta incapacidade. Uma descoberta que fez a partir de sua vivência em sua profissão, durante o seu período de formação no ensino superior, em que se deparou com um ambiente que contava com um número significativo de colegas tanto do sexo masculino quanto do feminino, não imaginava que essa questão seria significativa. No entanto, no início do seu trabalho nos eventos da escola e nas expectativas diferenciadas para professores e professoras, isso se tornou evidente. Certamente, a indignação com o tratamento diferenciado se deu devido a compreender que homens e mulheres possuem igual capacidade para atuar em tais espaços, cursos ou empregos, fazendo atividades simples ou complexas e que não devem ter distinções.

O confronto com o inesperado revelou o machismo estrutural presente nessa experiência, o que levou a uma compreensão mais profunda dessa vivência e da percepção de um discurso de desqualificação das mulheres. Esse discurso, apresentado na narrativa, demonstra a ideia de uma suposta inabilidade masculina para realizar tarefas como escolher uma cor de roupa, simplesmente com base no sexo. Isso constitui uma forma de violência simbólica, pois sutilmente restringe às mulheres a papéis pré-definidos de cuidado, validando a hegemonia de poder masculino, que se abstém de realizar atividades simples de organização e cuidado. Para Miguel e Biroli (2014, p. 2), “o machismo e a falta de políticas públicas, penalizam as mulheres, especialmente as mães e trabalhadoras, nesta sociedade em que “a divisão dos papéis permanece atada a compreensões convencionais do feminino e do masculino”. Em certo sentido, o que parece estar em jogo, e que não é explicitamente mencionado nas histórias dessas mulheres, é que a simples presença delas nesses papéis além do cuidado é vista como uma ameaça à ordem de poder, que deixa os homens com privilégios de não contribuição igualitária nas atividades e eventos da escola

Outro ponto que a entrevistada destaca, são as particularidades. Por exemplo, no contexto das mulheres negras e ribeirinhas, identificamos desafios únicos, como a negação de possibilidades de vivência e acesso a recursos. Essas realidades diversas destacam a importância de se considerar as experiências variadas das mulheres em nossa sociedade e de lutar incansavelmente por uma igualdade mais inclusiva e justa, onde todas as mulheres possam contribuir plenamente para a transformação e o progresso social.

A voz da ativista não traz somente uma dissonância em relação à história dominante do feminismo, mas também a urgência por existir e a importância de evidenciar que mulheres negras historicamente estavam produzindo insurgências contra o modelo

dominante e promovendo disputas de narrativas. Nesse sentido, pensar a partir de novas premissas é necessário para se desestabilizar verdades (Ribeiro, 2019, p.17)

Nesse sentido, é fundamental dar espaço às vozes das mulheres, especialmente aquelas que historicamente foram marginalizadas, como as mulheres negras. Há, nessa perspectiva a urgência de sua existência. A urgência como à necessidade de corrigir o passado e garantir que as experiências das mulheres negras sejam reconhecidas e valorizadas. Por isso, a mulher na formação e na profissão desempenha um papel crucial como agente de mudança, principalmente as mulheres enfrentam barreiras que se estendem a anos. Dito isso, devemos parar para pensar em como essas violências se apresentam para cada mulher ou grupo de mulheres pertencentes a este espaço, tendo em vista que a multiplicidade dessas mulheres influenciará na dimensão social de como elas são vistas e como se apresentará dentro destas conjunturas.

Dito isto, entendemos que, por exemplo, a narradora LIS (aluna da UFPA/CUNTINS) não terá a mesma percepção do devir -mulher das demais, pois este surge da individualidade de suas experiências. Assim, somos únicos em nossas formas de ver o mundo e compreendê-lo. A autora bell hooks (2021) ao mencionar suas experiências na academia reconhece o processo formativo como um propulsor de discussões de luta política feminista que se fazem neste espaço, e que assim fizeram em sua vida.

Se propõe a pensar a educação com a mesma importância que a autora ressalta para o movimento feminista. Assim, diferentes e múltiplas experiências colocam a educação em seu caráter formativo e de atuação, como um elo entre visões, práticas escolares, identidade, possibilidades, entre outras coisas, que acompanha as mulheres. Assim, por exemplo, entre as narradoras possuem diferentes realidades que poderiam separá-las e individualizá-las, contudo fazem com que se complementam na diversidade de existir e na diversidade das formas de lutar contra as opressões patriarcais.

Isto é, o reconhecimento das diferenças não separa os feminismos. O reconhecimento que mencionamos abraça as suas experiências e a sua contribuição enquanto mulher, negra, ribeirinha, mãe, trans, entre outras. Nesse movimento, buscamos na regionalidade essa individualidade que nos complementa ao movimento feminista. A partir, sobretudo do olhar para as mulheres do baixo Tocantins nesse movimento pelos grupos que aqui se constituem e reivindicam, pelos conhecimentos produzidos exposto nesta dissertação, em que mostra com um número de entrevistadas pertencentes a uma instituição pública que atua esperançosamente apostando na educação como mudança de nossa sociedade.

Figure 16- Imagem do Arquivo SUMANAS, mostra uma roda de conversa com outras mulheres



Dada a imagem podemos inferir que a força-mulher que enfrenta e resiste perante o fascismo, sexismo e violências, se manifesta também no ato de falar e ouvir, dando voz, compartilhando experiências e ecoando as vozes femininas da Universidade Federal do Pará, Campus do Tocantins, Cametá.

Além disso, observamos que algumas entrevistadas tiveram presentes nos mesmos espaços, discussões e eventos. A figura retrata a narradora “*Margarida*” vestida de preto, falando, enquanto “*Dahlia*”, sentada na primeira fila de branco, ouve atentamente, e ao meio a pesquisadora deste texto, ligadas por linhas de fuga. Isso evidencia como esse encontro proporciona a união das lutas e individualidades, enriquecendo cada vez mais o coletivo. Conforme Tiburi,

O desejo político que surge no lugar de fala. O lugar de fala pede, no entanto, um lugar de escuta. O lugar de fala expressa um desejo de espaço e tempo contra uma ordem que favorece uns em detrimento de outros. A escuta é um elemento prático no processo político que precisa ser experimentado com urgência, sobretudo pelos sujeitos que detêm o privilégio da fala. (Tiburi, 2021, p. 60)

A questão não se limita apenas ao exercício do poder, mas também concede voz e espaço, compreendendo verdadeiramente as reivindicações. Assim, podemos destacar a importância de considerar as diferentes bagagens e experiências das mulheres, especialmente quando se trata de cor e classe social

Nesse quadro, os privilegiados incluem não apenas homens, mas também mulheres que, dentro de suas próprias atribuições, estão com seus individualismos à frente de muitas. A

narradora destaca a ideia de que todos devem ter a oportunidade de expressar suas opiniões, e que em muitos momentos, é fundamental que o outro esteja disposto a ouvir, para que haja a compreensão da diversidade dentro do próprio movimento feminista, sendo crucial para abordar as questões de forma mais abrangente.

Coletivo, pluralidade, multiplicidade e diversidade. Quando refletimos sobre nossa história, reconhecemos a importância de valorizar os feminismos, no plural, dada a subjetividade das lutas de mulheres por liberdade e direitos. Em cenários de discussão teórica, são apresentados marcadores sociais como raça, classe, religião, orientação sexual, entre outras perspectivas. Os feminismos incluem essas discussões, que são presentes nas vozes de autoras feministas. O que isso nos diz? Não se busca definir uma conclusão a respeito dessas diferenças, ou se posicionar a respeito de determinado feminismo, mas evidenciar uma reflexão de que, quando falamos em coletivo, é necessário acolher todas essas nuances.

Figure 17- coletivo. Imagem arquivo do SUMANAS



*Um canto ressoou...
ressoou memórias
ressoou dores
ressoou liberdade*

*A voz se fortaleceu,
são agora múltiplas vozes
O canto continuou...
Outro cântico emergiu, interrupção?
Vou ouvir?
Que voz é essa?
Que dor trazes?*

*Calei-me.
Paro para escutar:
Canto novo, ensina-me teu falar
Que farei de minha voz e ouvidos tua
companheira.
Luciete Cardoso, 2023.*

O SUMANAS é o retrato disso: mulheres de luta, que acolhem e compreendem o feminismo na multiplicidade. Isto é, o feminismo não é único; existem diferentes vertentes dentro do movimento, como o feminismo negro, feminismo marxista, e o feminismo interseccional, entre outros.

Isto posto, a regionalidade também é resgatada com a frase “MULHER CABANA, RECONHECE O PODER DE OUTRA MANA”, fazendo referência à força de nossas ancestrais e ao nosso poder de luta perante as dificuldades para acesso à educação, liberdade financeira, moradia e a garantia de direitos efetivada. Tendo em vista que o acesso tardio de muitas mulheres à educação e à liberdade do casamento se dá por questões locais.

Em suma, é essencial fazer com que as vozes sejam ouvidas e que se caminhe rumo à sororidade feminina, no respeito e na busca de levantar todas as mulheres. A importância de reconhecer e valorizar a pluralidade dentro dos movimentos feministas não pode ser subestimada. Cada mulher traz consigo uma vivência única, atravessada por suas subjetividades. Portanto, olhar deve ser inclusivo e representar a multiplicidade de experiências.

6. CAMINHOS INSURGENTES: PRÁTICAS E VIVÊNCIAS

Quando pensamos na educação os estudos se voltam de imediato a sala de aula, professores, discentes e contexto familiar. Não se espera o inesperado, o incerto. Assim, atravessada pelas linhas deleuzianas não se parte do comum, damos o primeiro passo a partir do acontecimento, os pequenos instantes que surgem. Trata-se, portanto, de absorver algo novo através das múltiplas possibilidades que se fazem ao negar a manter as coisas como elas estão.

Nesse contexto de formação acadêmica a diferença é olhar os pequenos detalhes que são o que de fato importa. Dito isto, essa vivência para muitos, pode se tornar insurgências do agir, das certezas e incertezas, um caminho constituído de passos que se sucedem sem se separar. O sujeito não será mais o mesmo? Aquele que se propõe a viver intensamente suas experiências acaba por se lançar ao inesperado. O devir entre vizinhanças com a educação, pois os sujeitos estão diretamente envolvidos com a educação no processo de formação e na profissão, os indivíduos participam da produção do saber e da transformação da realidade. Sobre isto, acrescento o pensamento de Deleuze e Guattari que contribui ao enfatizar a importância da multiplicidade e da construção da diferença, ressaltado no processo formativo que abrange a atuação.

O múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo. As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes. Inexistência, pois, de unidade que sirva de pivô no objeto ou que se dívida no sujeito. Inexistência de unidade ainda que fosse para abortar no objeto e para "voltar" no sujeito. Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade). (Deleuze, Guattari, 2015, p. 23)

A abordagem deleuziana sobre ser múltiplo enfatiza sobre transformações que envolvem novas formas de pensamento e subjetividade. Para eles, não se tem um “uno”, os sujeitos apresentam a possibilidade de mudança, de extensão de grandezas rizomáticas, que penso aqui a partir da educação no ensino superior vista de forma complexa através dos agenciamentos nas interações entre professores, discentes e o ambiente em que acontece a educação-devir.

Em concordância com este pensamento, e sob o olhar nas universidades a autora feminista hooks (2021, p. 49) argumenta que “o movimento feminista se fortaleceu quando encontrou no caminho da academia. Em salas de aula por toda a nação, mentes jovens que eram capazes de aprender sobre pensamento feminista ler a teoria e usá-la em pesquisas acadêmicas.”

A autora fortalece o espaço universitário como potência de vir, em que indivíduos vivem sua individualidade e coletividade no espaço acadêmico. Assim, movidos pelas territorialidades e desterritorialidades percorrem salas de aulas, corredores, eventos, trabalhos, leituras, produções, movimento estudantil e pesquisas diversas.

Dito isto, os acontecimentos, as trocas de experiências são percebidos como linhas de fuga daquilo já posto, nesta pesquisa considerada como as certezas desse sujeito antes do encontro com o devir-pensamento, isto é, “linhas duras”. Estas linhas formam o esqueleto conceitual da teoria de Deleuze e Guattari, e são consideradas fundamentais para a construção de outros conceitos, isso mostra como os próprios autores demonstram que, embora as "linhas duras" sejam essenciais em suas próprias filosofias, elas não devem ser vistas como dogmas ou verdades absolutas, mas como ferramentas para pensar e compreender o mundo de novas maneiras.

Em outras palavras, são percepções, acompanhadas de afetos e de experiências, que estimulam ações e sucedem agenciamentos. Para bell hooks (1994, p. 35), “práticas políticas são, por natureza, aquelas que articulam e mobilizam significados, e, portanto, são sempre culturais. A política feminista é uma prática que, além de engajar significados, trabalha explicitamente para mudá-los”. Assim, não devemos considerar o que sabemos como máximo, é preciso existirem novas formas de olhar para as coisas. Neste caso, a partir da afetação que tende a operar como maquinário de novos devir-pensamento.

Assim, refletindo, vemos o novo como aquilo que surgirá. No entanto, este que surge parte de algo posto que se abre para um futuro incerto. Essa abertura nos traz a incerteza do futuro, lembrando-nos de que a capacidade de transformação e renovação está sempre presente. É aí que reside a verdadeira essência do novo.

As questões estão, em geral, voltadas para um futuro (ou um passado). O futuro das mulheres, o futuro da revolução, o futuro da filosofia etc. Mas durante esse tempo, enquanto se gira em torno de tais questões, há devires que operam em silêncio, que são quase imperceptíveis. (Deleuze; Parnet, 1997, p. 2)

O pensamento, a partir dos acontecimentos de desejo, se mostra na relação entre experiências vividas por mulheres em passagens de vida e conseqüentemente o enfrentamento das urgências que se apresentam. No caso desta dissertação, luta política feminista agenciada nos espaços acadêmicos e sociais, pois a formação tem suas raízes em um sistema patriarcal e machista, ou seja, há necessidade da desconstrução.

A institucionalização do poder masculino suscitou um processo desconstrutivo há muito aspirado pelas mulheres, devido à imposição da normatividade da existência feminina. A compreensão sugere que o que está localiza do como código e controle é realmente compreendido, assim, é necessário ressignificar o conhecimento adquirido, evoluindo e transformando-se. Como destaca a autora Simone Beauvoir, em seu livro “O Segundo Sexo” (1949, p. 15) “Não se nasce mulher: torna-se mulher.” A autora complementa a visão convencional que a sociedade unificou as experiências femininas, rejeitando as realidades vivenciadas por mulheres, no plural.

Há uma diferença, portanto, nos enfrentamentos e na visibilidade às insurgências feministas,

Esse contato com mulheres, com realidades diferentes, né, que muitas pessoas têm essa visão de que as mulheres têm uma mesma realidade, e tem uma mesma posição. Que eu costumo a comparar com criança, que cada criança é igual, sendo que as crianças têm suas individualidades e particularidades, assim, como as mulheres. E aí eu comparo as duas situações porque é parecida, então, cada mulher tem sua realidade, sua classe, seu costume, sua tradição... (LIS, discente da UFPA/CUNTINS)

A partir de sua experiência como bolsista em um projeto “espaço materno-infantil¹¹” do CUNTINS-UFPA, a narradora assinala e compara a concepção patriarcalista de que todas as mulheres compartilham uma única realidade à ideia equivocada de que todas as crianças são idênticas. A identificação da multiplicidade desde a infância corrobora a evidente necessidade de reconhecer as diferenças entre as mulheres. Isto é, este pensamento, aponta a importância de considerar o que cada mulher traz consigo, a sua própria realidade, classe social, costumes e tradições, assim como, a necessidade de respeito e compreensão das singularidades individuais. Nessa perspectiva, hooks (2021), por exemplo, argumenta que o feminismo deve ser uma luta inclusiva que leve em conta as diferenças de raça, classe e sexualidade. Ela também destaca a importância da educação como forma de conscientização e empoderamento das mulheres para uma maior autonomia.

¹¹ O espaço materno-infantil foi inaugurado em março do ano de 2023, conta com discentes bolsistas que realizam atividades educativas e acompanham as crianças no período em que a mãe está em sala de aula.

A institucionalização dos Estudos de Mulheres ajudou a espalhar a notícia sobre o feminismo. Ofereceu um local legítimo para conversas ao proporcionar um grupo contínuo formado por mentes abertas. Estudantes que frequentavam aulas de Estudos de Mulheres estavam lá para aprender. Queriam saber mais sobre o pensamento feminista. E foi nessas aulas que muitas de nós acordamos politicamente. Cheguei ao pensamento feminista desafiando a dominação masculina em nosso lar patriarcal. Mas simplesmente ser vítima de um sistema explorador e opressor e até mesmo resistir a ele não significa que entendemos por que ele existe ou como mudá-lo. Minha adesão às políticas feministas aconteceu muito antes de eu entrar para a faculdade, mas a sala de aula feminista foi o local onde aprendi o pensamento feminista e a teoria feminista. (hooks, 2021, p. 50)

Ou seja, o conhecimento como um fluxo dinâmico moldado pelo contexto social. Além disso, enfatiza a importância das perspectivas individuais que podem gerar novas conexões de pensamento (acordar politicamente), desafiando o que está posto. Dentro desse contexto, a partir do conceito de "devir" de Deleuze e Guattari e nas ideias de bell hooks, emerge a compreensão de que novos horizontes se desvelam por meio de diálogos, oferecendo novas possibilidades para reflexão crítica e ação política no âmbito educativo. Os espaços de discussão e as disciplinas dos estudos das mulheres na academia, conforme exposto pela autora, desempenham um papel fundamental como impulsionadores do progresso feminista.

Olhamos assim as práticas e vivências, que nos trazem algo novo. É a partir de um olhar sobre a experiência através do acontecimento, do pensamento do fora, como algo que emerge a partir do próprio acontecimento. Nesse contexto, o pensamento não é algo que se possa apreender de forma isolada, mas sim como uma força que se manifesta a partir do que se chama de "fora", que seria tudo aquilo que escapa à compreensão ou captura do pensamento,

O fora não é um lugar, mas uma potência: o poder de desfazer as organizações, de abalar as formações e de romper as estruturações. (...) O fora é um movimento de criação, uma linha de fuga que implica sempre um encontro, um devir, uma intensificação da vida. (Deleuze; Guattari, 1995, p. 25)

Segundo os autores, o pensamento do fora é capaz de romper com as limitações e condicionamentos do pensamento dominante, abrindo espaço para a criação de novas possibilidades e perspectivas. É a partir da relação com o fora que o pensamento pode se reinventar e produzir novos conhecimentos. Também, o acontecimento, como uma irrupção de algo que não se enquadra nos padrões e estruturas pré-existentes. É um momento de ruptura que produz um desequilíbrio nas relações de força e pode levar a transformações profundas na realidade. Ademais, a força do pensamento está em sua capacidade de se abrir. Com isso, o pensamento não é apenas uma atividade teórica, mas também prática, pois implica em uma transformação efetiva da vida.

Nessa perspectiva, olhamos para o lócus desta pesquisa que proporciona o olhar do fora, os indivíduos neste espaço têm instantes de pensamentos que surgem e acontecem,

Figure SEQ Figure * ARABIC 18- Vista panorâmica do Campus Universitário do Tocantins/Cametá



contudo alguns são aprendidos outros não. Fazemos o caminho da Universidade Federal do Pará, Campus Cametá.

FONTE: UFPA (2021)

Após adentrar pelo portão direciona-se pelo corredor, e nesse caminhar é possível avistar salas, banheiros, o espaço Tuíra, bebedouro, bancos e biblioteca. Nesse caminhar muita coisa nos atravessa. Mas por que esse caminho interessa? Vamos tomar a experiência da autora Woolf (2014, p.15), em seu trajeto próximo a uma universidade, envolta em pensamentos despercebida com tudo que a rodeava.

Foi assim que me vi andando extremamente rápido através de um gramado. Na mesma hora a figura de um homem surgiu para me interceptar. Não me percebi de pronto que as gesticulações daquele objeto curioso, de fraque e camisa formal, eram dirigidas a mim. O rosto dele expressava horror e indignação. O instinto, em vez da razão, veio me socorrer: ele era um bebel; eu era uma mulher; aqui era o gramado, ali estava o caminho. Somente os estudantes e professores eram admitidos aqui; o cascalho era meu lugar. (Woolf, 2014, p. 15)

O caminho de Woolf, o acontecimento inesperado, a interrupção do pensamento, a negação do espaço. O episódio em "Teto Todo Seu", captura a ideia de linhas de fuga ao descrever sua própria experiência ao caminhar pelas ruas de Londres. A autora narra como a experiência de caminhar é interrompida constantemente por pensamentos e distrações, como um pássaro que voa ou uma nuvem que passa no céu. Essas interrupções são as "linhas de

fuga" que desviam o pensamento de Woolf da experiência direta da caminhada e a levam a reflexões mais amplas sobre a vida, a arte e a sociedade.

Ao explorar as linhas de fuga em sua própria experiência, ela mostra como a escrita pode ser uma forma de capturar e refletir sobre a complexidade do mundo ao nosso redor, em vez de simplesmente reproduzir a realidade de maneira linear e previsível. Assim, como descrito pela autora, quantas de nós tivemos nossos pensamentos interrompidos. Hoje em dia, embora as causas sejam outras, a indignação sentida por Woolf (2014) ainda permanece.

O pensamento que outrora interrompeu Virginia Woolf, hoje nos permite considerar a jornada pela universidade como uma potência do acontecer. Assim, somos rizomas que se espalham, aprofundam, sem direção e muitas vezes indesejadas nestes espaços. A possibilidade de avançar sem interrupções representa rizomas que conquistam novos territórios, que rompem barreiras e estruturas, e que avançam em prol das palavras não expressas. Em concordância com isso, Rebecca Solnit afirma

As palavras nos unem e o silêncio nos separa, priva-nos da ajuda, da solidariedade ou da simples comunhão que a fala pode solicitar ou provocar. Certas espécies de árvores espalham sistemas subterrâneos de raízes que interligam os troncos individuais e entrelaçam as árvores num conjunto mais estável, mais difícil de ser derrubado pelo vento. As conversas e os relatos pessoais são como essas raízes. (Solnit, 2017, p. 20)

Assim, as mulheres, unidas e interligadas, constroem estruturas que fortalecem e promovem o florescimento desde as profundezas, como as lutas de nossas antecessoras, mesmo silenciadas e excluídas, lutaram para que nossas vozes fossem verdadeiramente ouvidas. A analogia com as raízes das árvores sublinha a importância das conversas e narrativas pessoais na construção de uma sociedade mais estável e resiliente, capaz de resistir às adversidades.

Não poder contar a sua história pessoal é uma agonia, uma morte em vida que às vezes se torna literal. Se ninguém ouve quando você diz que seu ex-marido está tentando matá-la, se ninguém acredita quando você diz que está sofrendo, se ninguém escuta quando você pede socorro, se você não se atreve a pedir socorro, se você foi ensinada a não incomodar os outros pedindo socorro. Se consideram que você saiu da linha ao falar numa reunião, se não é admitida numa instituição de poder, se está sujeita a críticas improcedentes que trazem implícito que ali não é lugar de mulher ou que mulher não é para ser ouvida. Histórias salvam a sua vida. Histórias são a sua vida. Nós somos as nossas histórias, que podem ser a prisão e o pé de cabra que vai arrombar a porta; criamos histórias que nos salvam ou que nos prendem, a nós ou a outros, histórias que nos elevam ou nos esmagam contra o muro de pedra dos nossos medos e limitações. A libertação sempre é, em parte, um processo de contar uma história: romper histórias, romper silêncios, criar novas histórias. Uma pessoa livre conta a sua história própria. Uma pessoa valorizada vive numa sociedade em que a sua história ocupa um lugar (Solnit, 2017, p. 21)

Nessa perspectiva, a autora colabora ao pensarmos em como as histórias são como um ato vital de sobrevivência e libertação. Do mesmo modo, que o silenciamento pode levar à angústia e à negação da própria existência, enquanto contar nossas histórias nos capacita a romper barreiras e encontrar nossa voz. As narrativas individuais moldam nossa identidade e têm o poder de nos libertar ou nos aprisionar, destacando a necessidade de reconhecimento e valorização em uma sociedade que celebra a diversidade de experiências.

Nesse cenário, sobre a importância de compartilhar sua história, em um outro trecho do livro, Woolf escreve sobre a importância da "irmã de Shakespeare", uma figura fictícia que seria irmã do famoso escritor, igualmente talentosa, mas que nunca teve a chance de desenvolver seu potencial devido às restrições impostas às mulheres naquela época. A negação da existência acompanha a história de muitas mulheres.

Nota-se, então, que a figura da irmã de Shakespeare ilustra como as mulheres foram sistematicamente excluídas da esfera cultural e artística ao longo da história, e como isso limitou a diversidade e a riqueza da produção cultural em geral. Na visão de Woolf, a interrupção do pensamento evidencia a importância de um espaço próprio e de um tempo ininterrupto para que as mulheres possam criar e desenvolver suas ideias. Por fim, argumenta que, sem essas condições, o pensamento é constantemente interrompido e limitado.

O que está em questão, em suas palavras, é o ato de silenciar essas mulheres, conforme apresentado no ensaio de Shakespeare que relembra o caminho de mulheres que poderiam ter sido brilhantes, mas a realidade foi o silenciamento.

Às vezes a fala, as palavras, a voz muda as próprias coisas, quando trazem a inclusão, o reconhecimento, a reumanização que anula a desumanização. Às vezes são apenas as condições prévias para mudar regras, leis, regimes e trazer justiça e liberdade. Às vezes, a mera possibilidade de falar, de ser ouvida e ser acreditada é parte essencial do pertencimento a uma família, uma comunidade, uma sociedade. Às vezes, as nossas vozes destroçam essas coisas; às vezes, essas coisas são prisões. E então, quando as palavras rompem o indizível, o que era tolerado numa sociedade às vezes passa a ser intolerável. Os que não são afetados pela segregação, pela brutalidade policial ou pela violência doméstica podem não ver ou não sentir o impacto delas: as histórias pessoais mostram o problema e o tornam incontornavelmente visível. Por voz não me refiro apenas à voz em sentido literal — o som produzido pelas cordas vocais nos ouvidos dos outros —, mas à capacidade de se posicionar, de participar, de se experimentar e de ser experimentado como uma pessoa livre com direitos. (Solnit, 2017, p. 21)

Para a autora, falar é importante para promover mudanças sociais, desde alterar regras até garantir justiça e liberdade. Isto posto, enfatiza como o simples ato de ser ouvido e acreditado é essencial para a pertença e a liberdade individuais e coletivas. Por fim, aponta que as narrativas pessoais têm o poder de tornar visíveis problemas sociais muitas vezes negligenciados, destacando a importância da voz não apenas como som, mas como um meio

de afirmar a própria existência e reivindicar direitos. Podemos relacionar com a Woolf, como uma linha de fuga que eu empresto aqui para apresentar um devir-mulher como agenciamentos políticos inseridos na realidade de cada mulher. Segundo a autora a irmã de Shakespeare (2014, p. 158) “ela está viva em você e em mim, e em muitas outras mulheres que não estão aqui essa noite.” De tal modo, refere-se como “presente em nós”.

Nessa perspectiva, o devir-mulher surge das urgências, as lutas femininas frente aos avanços de práticas patriarcais na sociedade que negam as possibilidades de existência.

porque nenhum ser humano deveria bloquear nossa visão; se encararmos o fato, porque é um fato, de que não há em quem se apoiar, e de que seguimos sozinhas e nossa relação é com o mundo da realidade e não só com o mundo de homens e mulheres, então a oportunidade surgirá, e a poeta morta que era a irmã de Shakespeare encarnará no corpo que tantas vezes ela sacrificou. Extraíndo sua vida da vida das desconhecidas que foram suas antepassadas, como seu irmão fez antes dela, ela nascerá. Quanto à sua vinda sem essa preparação, sem esse esforço de nossa parte, sem a certeza de que, quando ela renascer, poderá viver e escrever sua poesia, isso não podemos esperar, porque seria impossível. Mas insisto que ela virá se trabalharmos por ela, e que esse trabalho, seja na pobreza, seja na obscuridade, vale a pena. (Woolf, 2014, p. 159)

Então, nos faz refletir sobre os enfrentamentos coletivos, e nossas alianças que se fortalecem pela incerteza constante que assola nossa liberdade. Deste modo, o espaço acadêmico formativo pode ser a ponte para continuar as práticas ativistas. E neste percurso que se realiza ações formativas, atos, pesquisas, que proporcionam resultado também como profissionais ativistas que fazem de suas práticas formas de luta. De acordo com hooks (2021)

A sororidade feminista está fundamentada no comprometimento compartilhado de lutar contra a injustiça patriarcal, não importa a forma que a injustiça toma. A solidariedade política entre mulheres sempre enfraquece o sexismo e prepara o caminho para derrubar o patriarcado. (hooks, 2021, p. 43)

Assim, entre espaços de experimentação, agenciamentos do devir-mulher surgem através das linhas de fuga que continuam nas salas de aula, nos corredores, no trabalho e na coletividade das ações feministas. A transformação em detrimento da experimentação, dos atravessamentos são novas formas de olhar a universidade como propulsores de práticas ativistas através das relações na educação.

Figure SEQ Figure * ARABIC 19- Diálogo em terra indígena, entrevistada “Rosa”



Assim, a figura (19) enfatiza as experiências que possibilitam intervenções políticas capazes de provocar nascimentos políticos e feminista através da vivência dos sujeitos, nota-se que surgem "diferentes direções". Para Louro (1997, p. 63) O processo de "fabricação" dos sujeitos é continuado e geralmente muito sutil, quase imperceptível. Deste modo, a carga trazida pelos indivíduos para a instituição é a partir das suas experiências.

(...) nosso olhar deve se voltar especialmente para as práticas cotidianas em que se envolvem todos os sujeitos. São, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de *desconfiança*. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como "natural". (Louro, 1997, p. 63)

Assim, no questionamento, o cotidiano é espaço em que ocorrem as práticas, as vivências, a formação. Mas não se trata apenas do cotidiano, para Louro (1997) a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida, e isto acontece cotidianamente. Com isso, pode resultar em duas possibilidades: "a participação ou omissão". Deste modo, pensa-se que através da formação e profissão como práticas políticas em um espaço institucionalizado. De acordo com Louro (1997, p. 85), "se acreditamos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida".

O espaço cotidiano acadêmico pode ser um local importante para estimular as potencialidades políticas, na medida em que proporciona um ambiente propício para reflexão crítica sobre as relações de poder e desigualdades de gênero que permeiam nossa sociedade. Assim, "o feminismo na prática política pode contribuir para a construção de uma universidade mais justa, igualitária e democrática, que promova a inclusão, a diversidade e a valorização das diferenças". (Menezes, 2011, p. 70).

Nesse ponto de vista, ao se engajar em debates acadêmicos sobre questões feministas, as pessoas podem ter acesso a uma variedade de teorias e acontecimentos na história que se explorados de forma múltipla ajudam a compreender a complexidade das relações de gênero e

a construção social da multiplicidade feminina. Além disso, as pessoas podem ter a oportunidade de participar de atividades como grupos de estudo, seminários e eventos acadêmicos que são voltados para questões feministas. Essas atividades podem ajudar a criar redes de reflexão e solidariedade entre pessoas que compartilham interesses e objetivos comuns.

No entanto, é importante considerar que o espaço cotidiano acadêmico também pode reproduzir práticas e discursos sexistas e excludentes. Por isso, é fundamental que as pessoas estejam atentas e engajadas na luta contra todas as formas de opressão e desigualdade. Com isso, é importante que as pessoas sejam incentivadas a questionar as normas e valores hegemônicos que estruturam a sociedade e a academia, e que sejam estimuladas a adotar uma postura crítica e reflexiva em relação a esses temas. Dessa forma, o espaço acadêmico cotidiano pode se tornar um local de produção de conhecimento e de transformação social, contribuindo para a formação de sujeitos feministas e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Eu não estudava aqui, mas participava do coletivo por ter amigas que participavam..., mas eu tinha contato. Hoje, eu vejo como foi importante esse pré contato com a universidade, esse pré contato com a temática mulher. Que foi onde, quando eu entrei na universidade já vim com uma opinião na cabeça e eu to com ela até hoje. Sobre a posição de uma mulher na universidade, suas vantagens e infelizmente as desvantagens e ... eu tô agora nesse programa onde eu tenho um contato muito grande com mulheres principalmente mulheres solas que não tem esse apoio na própria universidade. E o programa veio como uma rede de apoio pra essas mulheres com seus filhos, são mulheres ribeirinhas, quilombolas, e aí eu estou muito orgulhosa de praticar desse programa e dessa rede apoio. (Lis, discente da UFPA/CUNTINS)

A narradora nos apresenta a importância de estar atenta aos acontecimentos que moldaram sua trajetória, destacando seu retorno à instituição como aluna. Ela se mostra sensível e ativa às questões relacionadas às mulheres, seja em eventos, pesquisas ou no trabalho com mães universitárias, que retrata, como em geral as mulheres possuem a sobrecarga maior quando, além de trabalharem e estudarem, precisam se dedicar à família e aos filhos pequenos, como é evidente na fala da narradora com o programa de apoio a estas mães solas.

Nesse contexto, exploram-se as narradoras como corpos devir em constante evolução, cada uma trazendo singularidades em seu processo de formação e atuação. Cada uma delas se reconhece em multiplicidades, distintas e similares como mulher, mulher feminista, negra, LGBTQIA+, ribeirinha, mãe, pesquisadora, professora, estudante e paraense, o que influencia diretamente suas experiências e enfrentamentos de dificuldades.

Aqui é possível evocar e direcionar o olhar para suas práticas, a fim de combater as questões patriarcais que persistem. Isso é mencionado pelas narradoras por meio de eventos, pesquisas, ações, ensino, arte, movimentos sociais e educação. Em insurgência feminina, encontrando maneiras de promover uma realidade mais inclusiva e menos opressora.

Por exemplo, *Rosa* (egressa) aborda a questão do corpo feminino de forma política em sua função como professora de história, resgatando o papel das mulheres na história. Magnólia, como professora de língua portuguesa, trata da ausência das mulheres, da necessidade de provar sua eficiência por ser mulher e das dificuldades de conciliar a maternidade com o papel de provedora financeira, enfrentando uma sobrecarga feminina. Ela trabalha no apoio a mães universitárias, permitindo que estudem, e mantém uma relação de solidariedade com essas mulheres, que fazem muitos sacrifícios para concluir seus estudos. Amarilis(*discente*), por sua vez, utiliza a arte e o ensino em seu trabalho em um cursinho popular, proporcionando acesso à universidade para alunos que não podem pagar por um cursinho. Assim, contribui com pesquisas para a temática da mulher por meio de sua pós-graduação. Todas essas mulheres usam suas vivências como uma forma de abrir caminhos para o empoderamento feminino, de aberturas de vir-mulher.

Assim as práticas têm grande relevância nas tessituras do devir:

Figure SEQ Figure * ARABIC 20- oficina de arte e formação feminista



Na figura (20) a oficina desenvolvida pela pesquisadora-ativista-cartógrafa mostra o entrelaçamento em sua própria experiência formativa. Que produz agenciamentos contra a manutenção de uma estrutura desigual dentro do grupo de mulheres e fora deste. Vimos, então, a importância da valorização das experiências individuais dessas mulheres como agentes de mudança na academia, bem como na sociedade como um todo. Elas demonstram a

necessidade de seguir perseverantes, até que se alcance espaços em que as vozes e perspectivas das mulheres são valorizadas e incorporadas.

Ir contra a acomodação à ordem política hegemônica no processo que estamos abordando, nos faz refletir sobre a evolução do conceito de mulher e suas múltiplas manifestações, conectadas à luz do pensamento de Simone de Beauvoir, em que observamos que não nascemos mulher, tornamo-nos. Portanto, é imperativo considerar a trajetória que as mulheres percorrem até atingirem sua identidade. Com isso, não se trata de determinar ou mensurar se alguém será ou não uma feminista. Mas o reconhecimento que, como mulheres, somos suscetíveis a sofrer com o machismo, a violência, os abusos e a discriminação, independentemente de nossa experiência como feministas. Essas opressões e desigualdades estão profundamente enraizadas nas instituições, nas escolas, na literatura e no processo de crescimento, que impõem diferentes expectativas.

É evidente em alguns trechos desta pesquisa conceitos amplamente conhecidos e perpetuados em nossa sociedade. Essas observações também se refletem nas vozes das narradoras. Torna-se preciso, então, evidenciar que estamos comprometidos em captar o devir e as manifestações de resistência dentro do contexto educacional. Como Guacira Lopes Louro aponta, o ambiente escolar está intrinsecamente ligado às desigualdades de gênero em nossa sociedade. Bem como, bell hooks ao enfatizar o potencial das trajetórias formativas, onde a contribuição surge da interação entre aulas, professores e a instituição, formando um diálogo que abrange quem aprende, quem ensina e como isso acontece.

Figure SEQ Figure * ARABIC 21-Caminhos. Registro disponibilizado pela narradora "Amarilis"



A figura (21) evidencia os caminhos, os passos e a possibilidade de vivenciar os espaços acadêmicos. Aqui, então, essa linha de raciocínio se conecta à abordagem de Virginia Woolf (2019) sobre a negação do espaço feminino. Quando falamos sobre essa negação nos dias de hoje, estamos nos referindo a uma reestruturação das relações, tratamentos, reconhecimento, oportunidades e expectativas. Estamos superando a ideia de simplesmente proibir o acesso ao espaço, e agora enfrentamos as raízes patriarcais nas relações, nas disciplinas, nos corpos e nas aspirações de viver.

Woolf nos leva a refletir sobre a necessidade de um espaço só nosso, como ela diz, "um quarto só seu", onde possamos escrever. Partindo desse pensamento da escritora, podemos explorar as experiências das mulheres, especialmente aquelas envolvidas no ensino superior. "A mulher tem seu quarto?", "Quais são seus pensamentos?" Essas questões nos direcionam a considerar a coletividade feminina nesses ambientes, marcados pela diversidade que permeia o cotidiano acadêmico, abrangendo tanto espaços formais quanto informais. Não buscamos necessariamente respostas definitivas para tais perguntas; em vez disso, ao ponderarmos sobre elas, refletimos sobre as condições e oportunidades das mulheres em sua jornada acadêmica. Assim, a ideia do "quarto" é garantir um espaço onde a mulher possa se expressar livremente, escrever, ser ela mesma. Ao longo dos séculos, essa ideia se tornou uma conquista, visto que poucas mulheres tiveram essa oportunidade, seja por restrições financeiras ou, principalmente, pela falta de reconhecimento da importância desse espaço.

[...] e no momento é muito mais importante saber de quanto dinheiro e de quantos quartos as mulheres dispunham, mais do que teorizar sobre suas capacidades —, ainda que houvesse chegado a hora, eu não acredito que os talentos, sejam mentais ou de personalidade, possam ser pesados como açúcar e manteiga; nem mesmo em Cambridge, onde eles são tão adeptos a dividir as pessoas em categorias, botando barretes em suas cabeças e letras depois de seus nomes (Woolf, 2019, p. 145)

A negação do espaço demonstrada no escrito, realiza uma crítica contundente às prioridades distorcidas da sociedade em relação às mulheres. Ela destaca a prevalência de preocupações materiais, como dinheiro e propriedades, sobre o reconhecimento e desenvolvimento dos talentos femininos. Woolf aponta para uma realidade em que as mulheres são frequentemente avaliadas e valorizadas com base em critérios externos e superficiais, em vez de suas habilidades intelectuais e pessoais. Como no trecho "açúcar e manteiga" em que evidencia a injustiça subjacente a esse sistema de avaliação, que desconsidera a complexidade e a singularidade de cada indivíduo. Além disso, ao mencionar Cambridge, uma instituição de prestígio, Woolf destaca como até mesmo ambientes

acadêmicos renomados podem perpetuar essas desigualdades, dividindo as pessoas em categorias e conferindo status com base em critérios arbitrários.

Em nossos dias, questionamentos como estes nós revelam uma historicidade de desafios na efetiva liberdade feminina. Ademais, ressalta a necessidade de uma mudança fundamental na forma como as mulheres são percebidas e valorizadas na sociedade, em favor de uma abordagem mais inclusiva e holística, que reconheça e promova o potencial de todas as pessoas, independentemente de gênero ou questão socioeconômica.

Por fim, ressalta-se a importância do "quarto só seu" para as mulheres expressarem sua individualidade e criatividade, que pode ser relacionada às garantias das mulheres no ensino superior nos espaços formais e informais atualmente. De acordo com Woolf (2019, p. 165) “Se é inegável que houve inúmeros avanços de múltiplas maneiras as mulheres ainda hoje se debatem, infelizmente, com problemas de natureza semelhante”. Aqui, então, a autora nos fala como embora tenham ocorrido avanços significativos em direção à igualdade de gênero, persistem desafios, como machismo institucional, desigualdade salarial e a sub-representação em posições de liderança. Isso demonstra que o conceito de "quarto só seu" não se limita apenas ao espaço físico, mas também engloba a busca por reconhecimento, respeito e igualdade no ambiente acadêmico. Assim, a luta das mulheres no ensino superior vai além do acesso às salas de aula; é uma busca por autonomia intelectual, liberdade de expressão e oportunidades justas de desenvolvimento acadêmico e profissional. Embora tenham sido implementadas políticas e iniciativas para promover a inclusão e o empoderamento das mulheres, ainda há um caminho a percorrer para garantir que todas tenham seus "quartos" assegurados, onde possam livremente explorar seus talentos e contribuir plenamente para o conhecimento e o progresso da sociedade.

Em seguida, penso que vocês podem objetar que, em tudo isso, dei demasiada ênfase à importância das coisas materiais. Mesmo admitindo uma margem generosa para o simbolismo — de que quinhentas libras por ano representa o poder de contemplar e de que uma tranca na porta significa o poder de pensar por si só —, ainda assim vocês podem dizer que a mente deveria se colocar acima de todas essas coisas; e que grandes poetas foram com frequência homens pobres (Woolf, 2019, p. 147)

Nesse contexto, argumenta que, embora o talento possa surgir em qualquer circunstância, a liberdade financeira e a autonomia são fundamentais para permitir que as mulheres desenvolvam plenamente seu potencial intelectual e artístico, sem as limitações impostas pela dependência econômica ou pela falta de acesso a recursos. Assim, ela destaca a importância de criar condições igualitárias que permitam a todas as pessoas, independentemente de sua origem socioeconômica, alcançar seu pleno potencial criativo.

7. CAMINHOS DE EDUCAR: ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

A voz de minha filha¹²
 recolhe todas as nossas vozes
 recolhe em si
 as vozes mudas caladas
 engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
 recolhe em si
 a fala e o ato.
 O ontem – o hoje – o agora.
 Na voz de minha filha
 se fará ouvir a ressonância
 O eco da vida-liberdade.
 (Conceição Evaristo)

Esta pesquisa é uma carta aberta às mulheres do fim do mundo e as que virão. O que minhas palavras podem dizê-las? A priori reconhecemos o trajeto árduo do feminismo por emancipação, igualdade e liberdade, e embora não possamos esquecer que estamos envoltas em uma estrutura patriarcal a qual somos ameaçadas constantemente, ao mesmo tempo, seguimos confiante em nossos dias, pois a cada nova geração vemos resultados de nossas lutas contra as desigualdades, violência, sexismo e machismo.

Dizem que a liberdade é uma luta constante.
 Oh, Senhor, lutamos há tanto tempo.
 Devemos ser livres, devemos ser livres.

Lutamos há tanto tempo.
 Choramos há tanto tempo. (silenciadas)
 Lamentamos há tanto tempo. (Julgadas)
 Lastimamos há tanto tempo. (Invisibilizadas)
 Morremos há tanto tempo. (Violentadas)
 Devemos ser livres, devemos ser livres.

(A liberdade está em mim
 Em nós
 E hoje,
 É dia de sorrir

Mariele Presente
 Mulher do fim do mundo Elza Soares presente

¹² Conceição Evaristo, *Poemas de recordação e outros movimentos*, 3.ed., p. 24-25

Bell hooks presente
 Djamila Presente
 Beauvoir Presente
 Presentes em mim
 Presente em nós
 Por um só canto
 Que ecoa, ecoa... em muitas outras vozes)

Fonte: Liberdade Constante- Ângela Davis, juntamente aos versos dentro dos parênteses de autoria própria)

Nesse sentido, vale dizer, que caminhos de educar é o reconhecimento do percurso das mulheres e das aberturas que se seguem para um novo mundo, uma reflexão sobre o papel do feminismo e das práticas ativistas na construção de um futuro que transcende nosso tempo e se destina às gerações vindouras, que se faz essencial em um mundo marcado por ecos do passado como por desigualdades de gêneros persistentes.

O futuro é o presente e o passado já passou. A única certeza é que o amanhã vai chegar. A busca por um mundo novo que se faz no hoje para a construção de um futuro que transcende nosso tempo e se destina às gerações vindouras.

Depois de criar formas de desimaginar as perversidades, há que continuar a imaginar e gravar na memória do corpo os belos encontros, as pequenas conquistas que nossa imaginação passada provocou como um incentivo para o presente e o futuro. Não podemos ficar paradas. Os sonhos do feminismo de ontem não são exatamente os mesmos de hoje, e os de hoje não serão os mesmos de amanhã. Por isso, até no feminismo temos que ajustar nossa imaginação, tirá-la das caixinhas em que às vezes guardamos as verdades a serem alcançadas, soltá-las das cordas e estacas que também inventamos, como se tivéssemos que chegar ao que havíamos determinado ontem. Hoje haveremos de chegar aonde o hoje nos permite, onde os passos de nossa dança comum podem nos levar, onde as novas perguntas urgentes exijam respostas imediatas não previstas anteriormente (Diniz; Gebara, 2022, p. 43)

O feminismo, ao longo das décadas, tem se revelado crucial no enfrentamento das estruturas patriarcais arraigadas que há muito perpetuam a discriminação e a opressão de gênero. Destacamos aqui a importância das práticas ativistas que desempenham um papel central na manutenção e no fortalecimento contínuo desse movimento. A capacidade de mobilização, desconstrução e incentivo demonstram que as lutas feministas não são efêmeras, mas sim uma aposta constante na transformação da sociedade. A visão de um “Mundo Novo” referência, de que apesar dos avanços alcançados, a persistência das desigualdades de gênero exige um compromisso de longo prazo com essas práticas ativistas, garantindo que as conquistas obtidas sejam preservadas e ampliadas para o benefício das próximas gerações.

Os atravessamentos diários das narradoras desta pesquisa apontam enfrentamento de discursos normatizadores de gênero e sexualidades, que determinam quais e como os corpos podem existir. Isso permite explorar as existências femininas através das práticas cotidianas

por meio das vozes, olhares e sensações vivenciadas pelas narradoras. Quando indagadas sobre o que diriam a uma jovem:

Eu penso que a primeira é conhecer, pelo menos a base de como se dá esse processo de luta feminista e buscar todo dia se desconstruir desses padrões machistas. Primeiro por si, por nós, falando por mim, eu também tive que ir tirando de mim, coisas que reproduzia. Machista, homofóbico. Primeiro vê com se dá o machismo e como se desconstruir dele, se sair e a partir daí, se reconhecendo e vendo essas práticas, aí você pode perceber em sua família e lutar, ir contra esse patamar do homem no centro.
(Camélia, discente UFPA/CUNINS)

Conhecer... Dar voz a estas vivências são fundamentais para a construção de um movimento mais transgressor. Assim, ressalta a importância de um processo contínuo de transformação e fluxo em que se reconhece o conhecimento e a autorreflexão como papéis fundamentais na desarticulação dos padrões machistas. Que se inicia a partir de si mesmo, e, conseqüentemente, permitir que esse processo se estenda a família e a sociedade. Ao conectar, reconectar e ressignificar nossas relações, expressando nossos anseios e, assim, desestruturar as estruturas de poder que limitam nossas existências.

A desconstrução e o incentivo são dois aspectos intrinsecamente ligados quando abordamos a necessidade de romper com as estruturas que impõem limitações às mulheres. A participação ativa no processo de encorajar outras pessoas a se envolverem nesse exercício de estranhamento e questionamento é de fundamental importância, especialmente quando estamos tratando daqueles que desempenham papéis influentes na formação de outros indivíduos e que têm acesso a informações que podem contribuir para abordar as questões que permeiam a sociedade.

Eu incentivaria essa menina a procurar conhecimento. E questionar as coisas que ela acha que não deveriam acontecer, questionar a inquietude. Porque eu tenho certeza de que jovens meninas perguntam e se revoltam em vários momentos em situações diversas. E algumas batem de frente, mas muitas vezes elas não sabem por que acontece. (Magnólia, egressa UFPA//CUNTINS)

Assim, pensa em jovens preparados para momentos de questionamento e inquietação diante de diversas situações. Para que elas manifestam seu descontentamento de maneira assertiva, ao compreender as razões subjacentes a essas situações. É, portanto, essencial que figuras como “Magnólia” não apenas encorajem jovens mulheres a buscar conhecimento, mas também as instiguem a questionar as injustiças que percebem em sua jornada.

Este processo de desconstrução e questionamento é um passo significativo em direção à emancipação e à conscientização, não apenas a nível individual, mas também no contexto mais amplo da sociedade. Questionar...Não se trata apenas de “empoderar os sujeitos”, mas, de acordo com as micropolíticas, de “potencializar a vida”, reapropriando-nos da força vital

em sua potência criadora (Rolnik, 2018 p.132). Acredita-se que esse poder inspira e fortalece a invenção de outras estratégias de luta, deslocando o que já está dado. Neste contexto, a dissertação evidencia os desafios enfrentados diariamente pelas mulheres devido aos discursos que impõem normas rígidas sobre gêneros e sexualidades. Esses discursos moldam as identidades e experiências das mulheres de maneira limitante.

Sobre conhecer, é dar voz às existências femininas, com o desejo de construir um movimento mais inclusivo e múltiplo. Portanto, não é simplesmente "empoderar", mas sim "potencializar a existência" de acordo com a perspectiva das micropolíticas, enfatizando a força vital e criativa que reside nas mulheres, isto é, essa força é uma fonte de inspiração e de luta que questionam e desafiam as normas preestabelecidas ao olhar para si. Assim, as memórias das narradoras trazem

O autoconhecimento é importante, e olhar para si mesmo com o olhar crítico. Mas um conselho que daria, para as mulheres que estão adentrando nesse meio agora, e no meio acadêmico que se tem muita oportunidade. E que elas lembrem da mulher, não como uma pessoa diferente. Mas, assim, nós somos das ciências humanas, estudamos as ciências humanas, o que me ajudou muito, ajuda muito, é olhar o humano como humano. E muita gente pratica o machismo por justamente diferenciar a mulher como se ela não tivesse uma necessidade humana. Então, assim quando se olha para o outro como alguém que tem necessidade. Pode ser homem ou mulher, os dois tem as mesmas necessidades. Por exemplo, quando o homem tem necessidade “tudo bem”, mas quando é a mulher ela é vista de uma maneira diferente, esculachada as vezes, pelos próprios homens e até pelas mulheres também. E então o conselho e olhar para a dignidade humana, olhar o ser humano como humano, que a mulher também vai querer coisas na vida, a mulher também vai querer estudar, trabalhar, ela vai querer andar como quiser, porque tudo isso faz parte da necessidade, do que nos satisfaz, então a satisfação a necessidade, ela é algo que está contido em todos nós. (Amarilis, discente UFPA/CUNTINS)

Nessa perspectiva, as mulheres não são vistas apenas como receptoras de poder, mas como agentes ativas na construção de um movimento, ao ver as mulheres como indivíduos com as suas próprias aspirações e necessidades. Para isso, é essencial quebrar os estereótipos que tornam as mulheres alvo de desigualdades de gênero e violência. Neste caminho,

O conselho é estudar, buscar entender quem é e o que representa. Porque dentro desse movimento, desse sistema de opressão as mulheres foram colocadas como menos, como não tem importância nenhuma. Então, todas as mulheres são importantes, todas nós somos importantes, entender nossa importância e a partir dessa importância entender que ela vai se vai ampliar mais quando nos começarmos a estudar, e muitas vezes esse fato de estudar também vai levar que as mulheres que não tiveram essa mesma chance, esse privilégio de estar estudando sejam vistas na sociedade. E eu falo mulher preta tem de estudar, claro todas. Mas a mulher preta dentro do sistema, já estamos atras, e o feminismo negro me ensinou isso, que temos interesses diferentes, pois nas conquistas estamos atras. (Rosa, egressa da UFPA/CUNTINS)

Sob o contexto do sistema opressor em que as mulheres foram historicamente relegadas a um status inferior e desprovido de relevância, a valorização de cada mulher se

torna indispensável. A importância de cada uma de nós se expande à medida que nos dedicamos ao estudo e ao empoderamento, e ao fazê-lo, também podemos levantar aqueles que não tiveram o privilégio de acesso à educação. Com isso, a narradora traz as mulheres negras, reconhecendo que suas lutas e interesses são diferentes, dada a disparidade histórica em termos de conquistas.

O feminismo negro permitiu avançar na compreensão dos mecanismos de reprodução das desigualdades justamente ao exigir que a igualdade de oportunidades entre mulheres e homens não correspondesse a um silêncio sobre as mulheres que compartilham, com os homens que estão na base da pirâmide social, as desvantagens decorrentes de sua posição de raça e de classe. (Ribeiro, 2019, p. 9).

O feminismo negro, nos lembra que a equidade deve ser buscada em todas as frentes para todas as mulheres, e é vital lembrar que, em um sistema de desigualdade, o atraso acumulado exige uma abordagem mais incisiva.

Figure SEQ Figure 1* ARABIC 22- intervenção feminista- professora “Rosa” em evento.



Sobre o mundo novo:

Assim, a gente sempre trabalha com leituras assim, trabalho com leituras e essa geração é esperançosa para nós do movimento feminista, porque eles são uma geração que tenta buscar mais conhecimentos e construir. E eu já tive várias vezes presença em sala de aula, já conversei e aí a resposta que tive do menino que foi violento até na hora machista foi: -professora eu não conheço,

me ajude a conhecer. Isso pra mim foi emocionante. E - Tá eu te ajudo. Como e que a gente pode fazer, estamos em uma sala de aula, nós temos a educação e a escrita de outras mulheres. Eu vou te passar leituras, a partir da visão de mulheres que sofrem machismo e esse sofrimento virou escrita. Você pode ter acesso ler e repensar, “nossa onde eu errei?” o que eu enquanto homem privilegiado posso fazer para que eu não seja alguém que vai da continuidade nesse sistema, mas alguém que vai ajudar a fazer com que ele acabe, porque ele é um sistema violento, desigual e injusto. (Rosa, egressa da UFPA/CUNTINS)

A narradora em diálogo demonstra dentro do educar seu corpo político feminista. A ação do lançar-se em meio ao que lhe atravessa, este ato que aqui chamo de prática ativista, pois, ser ativista se faz na individualidade, a insurgência feminista que surge em sua sala de aula, que consequentemente devém ações, de tal modo, como indivíduos únicos o processo será diferente, isto é, em suas ações, experiências, caminhos e decisões próprias.

Contudo, aqui poderia caber perguntar o que seria uma prática ativista e como se captura seu fazer? Entre perguntas, incertezas e certezas, o não concluir basta. Tendo em vista, que o presente trabalho não busca determinar um resultado consolidado total, pelo contrário, pretende-se dar ênfase às práticas do seu acontecer, nas individualidades das experiências. Nesse contexto, vale dizer sobre as ações ativistas de mulheres dentro do educar desde sua primeira memória acontecer, qual podemos compreender como aberturas ao que se tornaram em nossos dias no vivenciar, no implemento de suas ações, lutas e alianças coletivas.

Hoje em dia quando recebo alguma frase alguma crítica assim em relação a isso, já tenho outro tipo de diálogo, sabe... não procuro julgar só procuro esclarecer e falar que falando isso está me machucando e tá sendo machista, tá me inferiorizando. Ai, eles já compreendem e não se repete. Mas, é a partir de 2017 que comecei a perceber isso que já acontecia, olhando para traz acontecia muito e eu não percebia, sabe. Assim, essa perpetuação do machismo dentro da família que realmente começa por lá. A minha família tem isso as minhas tias elas se veem muito nesse lugar de inferior como, por exemplo, que a mulher tem que casar-se e ficar na casa, por exemplo, falei que queria fazer faculdade e elas disseram por que não arruma marido e casa, pra ele te sustentar tipo assim, eu ouvia muito isso. Mas eu dizia: - não quero isso, eu quero mais, eu quero me sustentar, não preciso de um marido pra me sustentar. Foi assim que comecei a perceber. (Camélia, discente UFPA/CUNTINS)

A narradora potencializa em suas palavras como as intervenções são capazes de provocar nascimentos feministas em nossas vidas pessoais e acadêmicas. Estes espaços formativos, historicamente foram instituições exclusivas para homens, é somente com o tempo que as mulheres foram sendo admitidas e tiveram a oportunidade de receber uma educação formal. Segundo hooks (2019), a presença da mulher nas universidades é um dos fatos significativos da história da educação e do movimento feminista. No entanto, mesmo após a admissão das mulheres nas universidades, a igualdade de oportunidades e a representação feminina ainda são desafios enfrentados por elas.

Neste sentido, ao estender o olhar para o ativismo voltado às práticas feministas nestes espaços, olha-se as discentes e egressas que são atravessadas por linhas de fuga da educação, devir-mulher e ativismos políticos. Nesse contexto, o ativismo feminino é de extrema importância na luta educacional, especialmente quando se trata de práticas de formação e profissão. Segundo Silvia Federici (2004, p. 30), “a liberdade não será conquistada enquanto não tivermos ampliado nossas alianças e nos engajados em todos os tipos de luta: feminista, antirracista, antipatriarcal, anticapitalista. Uma luta que, sem dúvida, é também cultural e simbólica”. Isto é, a participação ativa das mulheres em movimentos sociais e políticos, como o feminismo, tem sido fundamental para garantir que as questões de gênero sejam abordadas.

Contudo, a priori entende-se a ação ativista como individual. Segundo Veiga-Neto (2019, p. 273) a etimologia ajuda a entender “ativismo, ativar, atitude, ação, agitar, atuar e agir” que são ligados a forma latina *agere*. *ag* (adiante, para frente) + *gerere* (produzir, carregar, proceder) = impelir para frente, fazer avançar.

Para o autor, o ativismo e a militância são conceitos distintos, embora estejam interligados. Define-se o ativismo como uma forma de engajamento em causas específicas, que pode ser mais precisa e transitória. Já a militância é vista como um engajamento mais aprofundado, que envolve uma identidade e uma trajetória coletiva, com compromissos duradouros e uma visão mais ampla sobre a transformação social.

O ativismo pode ser visto como uma espécie de resposta mais pontual e circunstancial a desafios e problemas que emergem em contextos específicos. [...] A militância, por sua vez, envolve uma identidade e uma trajetória coletiva, com compromissos duradouros e uma visão mais ampla sobre a transformação social. (Veiga-Neto, 2019, p. 46).

Essa diferenciação contribui para esclarecer a escolha do tratamento “práticas ativistas”. Tendo em vista, que a formação e profissão, é individual, isto é, embora estejamos cotidianamente convivendo com outros, as escolhas, as experiências e os enfrentamentos são únicos. Assim, seja na sala de aula como aluna, nos corredores em mobilizações, como professora, em uma comunidade, e nos movimentos sociais, em muitos contextos, é possível identificar práticas ativistas devido sua não necessidade de acontecer na coletividade.

Dessa forma, Veiga-Neto contribui para compreender práticas ativistas nas lutas e desafios que ainda precisam ser enfrentados para uma afirmação nos espaços. Para isso, é necessário olhar para sua realização, pois, não pode ser feito apenas de forma superficial, para entender basta olhar para o que fora velado, a autora Ângela Davis reforça: "Não basta não ser racista, é preciso ser antirracista". Essa frase evidencia a necessidade de uma postura ativa e constante no combate às estruturas racistas presentes na sociedade. E pode também

representar na educação uma postura de práticas ativistas. Tendo em vista, que se pode trabalhar em sala de aula, em diálogos, palestras, atividades, entre outros.

Nessa perspectiva, no que se refere às práticas ativistas como professora, a autora bell hooks (1994, p. 7) enfatiza em seu livro "Ensinando a transgredir" que "o ensino é uma prática política". Para a autora, é fundamental que os professores estejam engajados na luta contra o sexismo, o racismo e outras formas de opressão, e que utilizem sua posição de poder para estimular o pensamento crítico e a transformação social. Dessa forma, ambos corroboram ao pensar a importância de uma postura engajada e ativa na luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

O devir-mulher se conecta a um ativismo político que busca reivindicar a liberdade feminina, valorizando suas experiências e perspectivas. Nesse sentido, a universidade pode ser vista como um espaço de luta pela visibilidade das lutas das mulheres, onde possam desenvolver habilidades e conhecimentos para atuarem em diversos campos, bem como influenciar a cultura acadêmica e as práticas sociais para engajar os estudantes e profissionais em ações concretas por mudanças positivas e equidade de direitos na sociedade.

Sobre a escolha do termo ativista ao invés de militante nesta pesquisa, utilizo Sousa (2014) para pontuar detalhes pertinentes para a compreensão das diferenças entre as estratégias militantes e ativistas na cena pública nacional a partir da ocupação de 2013.

As organizações de ativistas não se enquadram no conceito de partido, diferindo quanto à organizabilidade [sic] e, em algumas, o processo decisório se faz pela horizontalidade, decisões consensualizadas e militância "não obrigatória", e sim voluntária. Em que a manutenção dos seus propósitos, da sua "pauta" de objetivos políticos se faz na continuidade para um sentido de compromisso e não pela disciplina assemelhada a uma obediência burocrática e dirigida (Sousa, 2014, p. 60)

Assim, pensa-se em ativismo na multiplicidade de mulheres que dividem esses espaços, e pelos atravessamentos não atrelado a um grupo especificamente. O ativismo assim como o devir surge da não necessidade de se afiançar ao grupo, as ações são individuais e coletivas. Desenvolvem potencialidades em suas vivências, estas podem estar nas salas de aulas, nos coletivos, nas pesquisas, nos corredores, na atuação profissional, isto é, como processo contínuo eles vêm da participação do sujeito nas etapas que compõe sua formação, reverberando em sua profissão.

Para pensar um devir-mulher na educação, a pesquisa se volta para o viver de suas práticas, que no movimentar-se na individualidade se faz ativista social:

Educação é muito difícil. Ainda mais para nós, mulheres, a gente vê que a gente pode ser referência para muitas crianças e adolescentes. E isso é difícil, porque se você é referência de alguém, essa pessoa vai se inspirar em você. Então, a professora, ela pode transformar mentalidade. Então, que tipo de ser humano você quer que os seus alunos sejam? Não que a educação seja só responsabilidade sua, longe disso. A responsabilidade cabe também a família, da comunidade. Mas você tá lá pra orientá-los. Então a gente acaba, né? Tendo essa função aí como educadora, ainda mais educadora. Mulher: Mulher preta, amazônida, quilombola e que carrega todo isso com si, carrega a identidade feminista, é isso. (Margarida, narradora egressa UFPA/CUNTINS)

Percebemos que a multiplicidade de mulheres envolvidas no ativismo desempenha um papel fundamental na configuração de um ambiente educacional mais inclusivo e consciente. As ações individuais e coletivas, destacadas nesta seção no contexto do ativismo, têm o potencial de olhar diretamente nas salas de aula, nos coletivos e na atuação cotidiana. Como destaca a Narradora, educadora, e também mulher preta, amazônida, quilombola e feminista, traz consigo não apenas a bagagem do ativismo, mas também uma abordagem única para a educação.

Escolas e academias, em suas práticas, experimentam continuidades e descontinuidades, realizam deslocamentos e, eventualmente, rupturas. As denúncias, as questões e as críticas feministas, bem como aquelas vindas dos Estudos Culturais, dos Estudos Negros, dos Estudos Gays e Lésbicos também estão produzindo efeitos. Assim sendo, ainda que de formas talvez tímidas, vemos hoje em escolas brasileiras experiências e iniciativas que buscam subverter as situações desiguais — de classe, raça, gênero, etnia — vividas pelos sujeitos. (Louro, 1997, p. 120)

Conforme Louro (1997, p. 120) destaca, as escolas e academias não apenas reproduzem estruturas desiguais, mas também são espaços onde iniciativas feministas, assim como aquelas advindas dos Estudos Culturais, Estudos Negros e Estudos Gays e Lésbicos, estão promovendo mudanças significativas. Estas iniciativas muitas vezes confrontam e buscam subverter as injustiças baseadas em classe, raça, gênero e etnia, refletindo um movimento rumo a uma educação mais inclusiva e igualitária. Contudo, é essencial reconhecer que tais transformações ainda enfrentam desafios significativos e demandam um compromisso contínuo com a desconstrução de estruturas opressivas dentro do ambiente educacional.

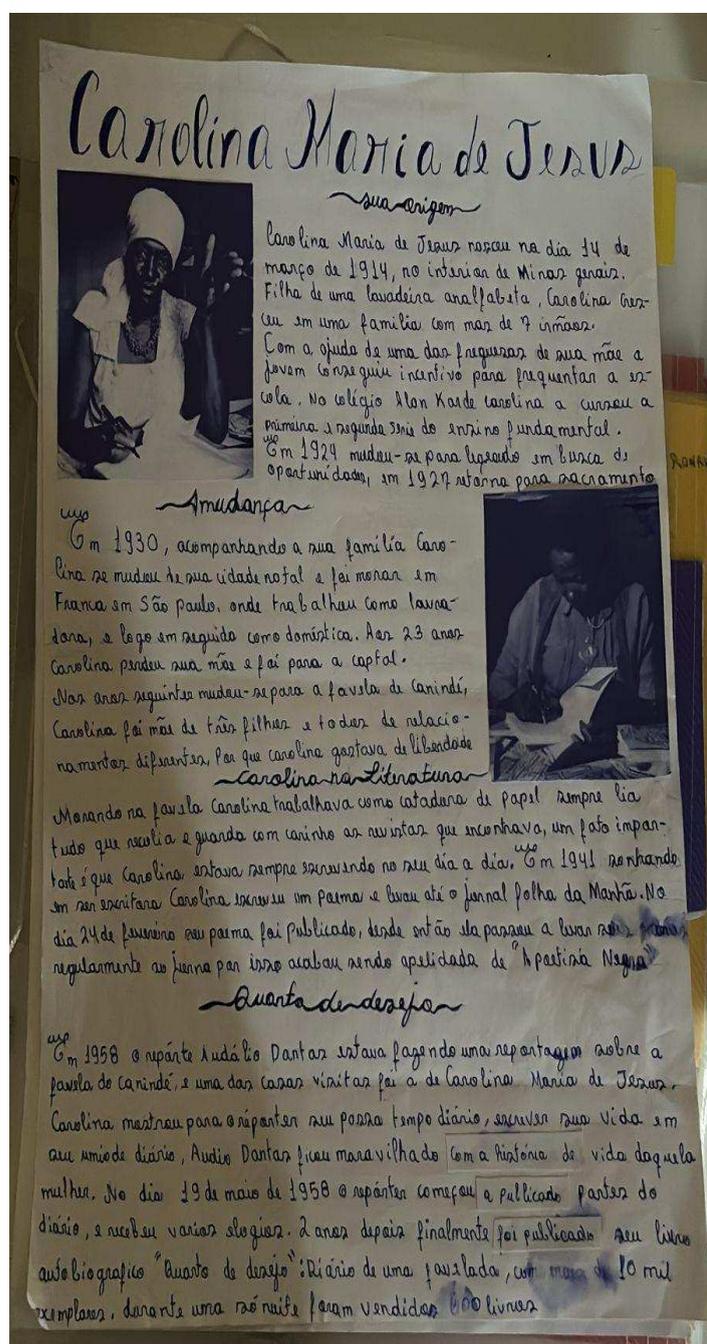
Com isso, se reconhece a complexidade da tarefa educacional, especialmente para mulheres. No entanto, surge uma abertura entre ativismo e educação que se revela na potência do ativismo de influenciar positivamente as práticas educacionais, contribuindo para a formação de pessoas mais conscientes ao encontro de lutas coletivas.

Diria que vale a pena. Que quando a gente tira esse véu, que a gente vive muitos véus. É, é dolorido e acaba virando chata. Diria que vale a pena e que procurem se fortalecer em outras mulheres que você saiba quem você é, saiba que as tuas práticas são coerentes com que se acredita. E que você

tenha a prática, mas também a teoria. Não é tudo na literatura que vai lhe agradar ou representar a realidade, e você vai escolher o que convém. (Margarida, narradora egressa UFPA/CUNTINS)

Ao pensar a educação em devir olhamos para os corpos que se lançam ao educar-ação, ou seja, a educação-devir destaca a dinâmica constante de transformação presente no ato de educar, em que o processo educacional é uma jornada contínua de descobertas, tanto para educadores quanto para os educandos. Nota-se, então, que ao considerar os corpos envolvidos nesse processo como agentes ativos de invenção, captamos a ideia da busca de transcender a visão tradicional da educação, considerando-a não apenas como um ato de transmissão de conhecimento, mas sim um processo vivo, mutável e interativo.

Figure SEQ Figure * ARABIC 23 - Imagem disponibilizada pela entrevistada "Margarida"



*As palavras da minha história
Irão ecoar nas mãos dos meus...
A voz das dores e esperanças,
Será lembrada em memória.*

Leia-me, conheça-me, conte sobre mim,

Conhecer...

*É desvendar uma projeção incerta.
No relato e na poesia, as dores se entrelaçam,
Formando laços que o tempo não desfaz.*

*As palavras são tão belas,
Que me perco no emaranhado do expressar.
Mas, no fim reconheço que simplicidade também é
bonita,*

*Calar-se não deve ser escolha na vida,
Mas sim, um breve descanso na melodia*

*Nas linhas que tecem a trama do meu
caminhar:*

*Aos meus, deixo a força de viver e a literatura,
Deixo meus agradecimentos em versos e prosa.
Na coragem das palavras que sempre irão ecoar.*

*Carolina, mulher forte e resiliente,
Que tuas palavras perdurem, como semente,
Germinando sonhos em quem as lê. Carolina, poetisa
insurgente,
Tu és a voz que nunca se calará.*

Luciete Cardoso, 2023.

Os olhares-educação que tocam a entrevistada Margarida, ao disponibilizar uma imagem de um trabalho realizado por alunos seus a respeito de Carolina Maria de Jesus. Os alunos ao emergir no estudo sobre a autora, sua história de vida e sua importância para as mulheres os alunos têm acesso a voz de Carolina, e a professora demonstra os agenciamentos em sala de aula, promovendo práticas ativistas cotidianas que interferem na vida de inúmeros alunos. Desse modo, ao conhecer quem foi Carolina, onde viveu e o que escreveu, eles apresentam uma valorização da obra de uma mulher negra na literatura, o que suscita discussões relevantes. Essas discussões podem fazer emergir devires-outros, tanto na educação quanto na vida pessoal de cada um.

A prática da atividade sobre Carolina Maria de Jesus na sala de aula não só proporciona uma compreensão mais profunda da luta das mulheres negras, mas também serve como um poderoso exemplo de resistência e criatividade. A obra, marcada por sua vivência em uma favela e suas reflexões sobre a sociedade, oferece uma perspectiva única, em que os alunos são incentivados a questionar as desigualdades sociais e a desenvolver uma maior empatia e compreensão pelas experiências dos outros.

Por fim, reiteramos a relevância destas memórias advindas por mulheres, escritas em versos e prosas, em espaços formativos e profissionais, em suas alianças coletivas vivenciadas ao longo de um experimentar o ensino superior. Assim, as mulheres estão envolvidas em ambientes de aprendizagem e trabalho, não apenas individualmente, mas também em grupos ou colaborando de alguma forma. Fazemos então, o movimento de reconhecimento da presença feminina nas diferentes fases da educação superior e, possivelmente, nas transições para o mundo profissional, evidenciando a força das mulheres em diferentes etapas de suas carreiras e jornadas educacionais.

Se existe algo que pode ser comum a essas iniciativas talvez seja a atitude de observação e de questionamento — tanto para com os indícios das desigualdades como para com as destabilizações que eventualmente estão ocorrendo. Esse "afinamento" da sensibilidade (para observar e questionar) talvez seja a conquista fundamental para a qual cada um/uma e todos/as precisaríamos nos voltar. Sensibilidade que supõe informação, conhecimento e também desejo e disposição política. As desigualdades só poderão ser percebidas — e destabilizadas e subvertidas — na medida em que estivermos atentas/os para suas formas de produção e reprodução. Isso implica operar com base nas próprias experiências pessoais e coletivas, mas também, necessariamente, operar com apoio nas análises e construções teóricas que estão sendo realizadas. (Louro, 1997, p. 121)

Esse "afinamento" da sensibilidade, mencionado por Louro, é essencial para a percepção e subversão das desigualdades. A sensibilidade, que requer informação, conhecimento, desejo e disposição política, é fundamental para entender como as desigualdades são produzidas e reproduzidas. Para destabilizá-las, é necessário que

operemos tanto com base em nossas experiências pessoais e coletivas quanto com o suporte das análises e construções teóricas contemporâneas. Assim, práticas feministas que incorporam esses elementos podem efetivamente promover transformações sociais significativas, permitindo que novas formas de ser e de agir emergjam tanto na educação quanto na vida cotidiana.

Figure SEQ Figure * ARABIC 24- trajetos, registro disponibilizado pela narradora "Íris"



As companhias femininas literárias na educação são devir para novas formas de intervenção, que partem da individualidade de cada mulher. Nesse sentido, as narradoras têm suas histórias atravessadas a de outras mulheres da literatura, da educação, da história etc., que atuam como direcionamento de suas práticas ativistas educativas e vivências. Na figura (21) temos a autora Eneida, autora paraense, que se relaciona com o pesquisar, poetar da vida-devir da narradora.

8. REVERBERAÇÕES FINAIS

Nas linhas finais desta pesquisa, conclui-se que o devir-mulher perpassa uma movimentação contínua que atravessa os corpos e possibilita devires-outros. Um pensar que desarticula o que fora posto e “sentenciado”. Urge como instrumento de fuga, desconcerto, (des)construção de novas formas de ser. Assim, abrange uma multiplicidade de existências, pensamentos e ativismos-outros.

Nesse sentido, a força de um devir-mulher está na multiplicidade que flui na vida de muitas mulheres. É possível dizer que, a relação entre cartografia, devir-mulher, formação e feminismo pode ser vista como uma forma de desnaturalizar as relações de poder que moldam o mundo em que vivemos. Na formação acadêmica, isso implica em buscar novas formas de pensar, produzir conhecimento e agir que escapem das estruturas institucionais tradicionais e das normas hegemônicas. É necessário criar linhas de fuga que permitam a experimentação, a diversidade e a criação de novas possibilidades.

Inferimos que as linhas de fuga são caminhos que escapam das estruturas rígidas do poder e da normatividade, permitindo a criação de novas formas de subjetividade e de ação. Essas linhas de fuga podem ser criadas através de práticas que escapam dos padrões normativos, como a experimentação, a criação artística, a filosofia, entre outras. Nesse contexto, transcende-se o estável e desperta-se para novas formas de (re)existir, percorrendo caminhos outros a partir da reescrita de si. É fundamental olhar para si mesmo a partir da potência da transformação, a qual acompanha os sujeitos de diversas maneiras, promovendo a emancipação.

Nessa perspectiva, cartografar as ações formativas vivenciadas por mulheres estudantes e egressas da Universidade Federal do Pará Campus Universitário Tocantins, Cametá-PA, apresenta potências nas artes de existência das suas experimentações acadêmicas e profissionais. É no acompanhamento dos nascimentos políticos e na criação de modos de viver que se interligam as lutas políticas. Afinal, o que se destaca, é o protagonismo das mulheres nesse processo. As narradoras apresentam suas multiplicidades e experiências, que se entrelaçam ao despertar feminista, seja na graduação ou em suas áreas de atuação. O que chama a atenção é que, de forma unânime, todas as narradoras entrevistadas enfatizam o (auto)conhecimento, o estudo e a leitura como conselhos a serem transmitidos para outras meninas que se integram ao feminismo. Isso suscita reflexões sobre compreendermos o ato de

conhecer nossa história como uma forma de libertação, que nos possibilita uma maior compreensão de nós mesmas dentro de uma estrutura patriarcal.

Embora a valorização do autoconhecimento, estudo e leitura seja um consenso importante e transformador, é crucial também destacar as barreiras estruturais que essas mulheres enfrentam em suas jornadas acadêmicas e profissionais. A ênfase na autonomia e na educação, embora tidas como “empoderadoras”, não tem a intenção de obscurecer a necessidade de mudanças sistêmicas. Reconhecemos ambas as perspectivas, e ao enfatizar a autonomia da mulher para uma educação feminista como formas de ativismo emergente das experiências, não se pretende ignorar as desigualdades sistêmicas que podem persistir nas instituições educacionais e no mercado de trabalho. É, sim, reconhecer na singularidade do devir-mulher o resultado das experiências voltadas ao ativismo feminista que enfrentam barreiras. Essas barreiras estruturais incluem desde políticas institucionais que podem perpetuar a exclusão até normas sociais que reforçam estereótipos e violências de gênero.

Isto posto, enfatizamos que, sem uma análise crítica das desigualdades institucionais e sem a implementação de políticas que promovam a equidade, podemos regredir na luta pela transformação. Assim, é fundamental que a luta feminista inclua tanto o fortalecimento pessoal e coletivo quanto a defesa por mudanças estruturais que favoreçam um ambiente com mais cidadania para todas as mulheres. Isso significa não apenas capacitar individualmente as mulheres, mas também promover mudanças micro e sistêmicas coletivas. Acredita-se, portanto, no potencial do devir-mulher como acontecimento transformador individual e coletivo frente ao avanço das violências patriarcais.

Por fim, através das narradoras reconhecemos a importância da educação do conhecimento nos atravessamentos de práticas ativistas no educar, no aprender e se relacionar na sociedade em meio a agenciamentos coletivos e individuais. Portanto, na formação acadêmica, é preciso buscar formas de pensar e de agir que criem linhas de fuga, que permitam a experimentação e a criação de novas formas de conhecimento e de organização social. É necessário ir além das estruturas institucionais tradicionais e buscar novas possibilidades de atuação e de transformação política.

Como linhas de fuga, as experiências no ensino superior, tanto em espaços formais quanto informais, podem emergir devires-outros. Essas experiências permitem que as mulheres questionem e reconfigurem suas alianças e papéis sociais, criando um espaço para novas subjetividades, que se expressam em múltiplas formas de vida e ativismos políticos em

constante transformação. O ensino superior promove o nascimento político do devir-mulher, oferecendo oportunidades para a troca de saberes e a resistência contra a violência e práticas conservadoras. Em suma, essas experiências proporcionam às mulheres a possibilidade de explorar e desenvolver suas potencialidades, rompendo as limitações impostas por uma sociedade patriarcal.

É crucial olhar para as vivências como impulsionadoras da autotransformação individual e coletiva. No horizonte do devir-mulher através das experiências no ensino superior, cartografar os caminhos, as linhas e os rizomas do que pode ser captado e tensionar o que está intrinsicamente enraizado. O que vivenciamos impacta profundamente, pois afirmar o contrário seria ignorar o fato de que as práticas de luta, aprendizado e ensino são acompanhadas por um sentido político, educativo e artístico em suas ações. Este processo se desdobra em um contínuo fluxo de ações colaborativas, arte, debates, diálogos e intervenções que possibilitam múltiplas formas do desabrochar feminista, impactando as existências tanto na formação quanto nas práticas ativistas feministas.

Neste sentido, o ensino superior não apenas oferece um espaço para a educação formal, mas também se torna um rio água-devir-mulher de transformação pessoal e coletiva. Ao reconhecer e valorizar as experiências das mulheres neste contexto, é possível considerar um rio que não apenas evidencie suas trajetórias individuais, mas também trace conexões profundas entre suas jornadas pessoais e os movimentos mais amplos de resistência e mudança social. Essa cartografia não só revela as complexidades das mulheres em transformação, mas também fortalece a ação coletiva, essenciais para desafiar e transformar estruturas patriarcais arraigadas.

A prática ativista evidenciada nesta dissertação expressa os desafios enfrentados por mulheres na criação e na negação de suas crenças. Os obstáculos cotidianos no contexto educacional são abordados através de iniciativas de mudança tanto pessoal quanto coletiva, resultando em diversas formas de engajamento, seja dentro das salas de aula, em coletivos ou na literatura. Estes espaços não apenas testemunham confrontos, mas também possibilitam fugas que geram novos posicionamentos políticos e feministas. Além dos espaços formais, é importante considerar também os espaços sociais e profissionais onde atuam essas mulheres, contribuindo significativamente para o desabrochar do devir-mulher. As narrativas dessas mulheres ativistas ampliam as experiências e perspectivas de vida como um todo, valorizando as singularidades das suas trajetórias e contribuindo para uma multiplicidade de formas de existir e lutar.

A importância dessas práticas vai além da resistência individual; elas representam uma reconfiguração dos espaços sociais e educacionais tradicionais. Ao focar as vivências das mulheres, não se trata apenas de documentar suas lutas, mas também de reconhecer o poder transformador de suas narrativas. Esses relatos não só desafiam as normas estabelecidas, mas também oferecem novas perspectivas sobre o que significa ser mulher em diferentes contextos. Dessa forma, as práticas ativistas não apenas denunciam injustiças, mas também apontam caminhos para uma sociedade mais justa e equitativa.

Reverberar o devir-mulher implica acreditar na capacidade transformadora que começa dentro de cada ser. A educação e o ativismo emergem como forças fundamentais nesse processo, proporcionando linhas de fuga que permeiam as experiências das mulheres e suas lutas. Na cartografia dessas narrativas, destacam-se os pontos que revelam a multiplicidade de suas vivências e o devir-mulher como um movimento fluido e diversificado.

Além das lutas compartilhadas, as mulheres também enfrentam opressões individuais que refletem os diferentes feminismos existentes. É crucial reconhecer todas as formas de opressão, incluindo marcadores sociais como raça, classe, gênero, religião, que influenciam diretamente as experiências e os desafios enfrentados.

A valorização da educação é uma constante entre as narradoras, evidenciando sua importância histórica para as mulheres. Não podemos esquecer que a educação foi conquistada com lutas árduas pelas nossas antecessoras, e é graças a elas que hoje desfrutamos desse direito. Este contexto me inspira esperança de que, em breve, possamos colher os frutos das conquistas que continuamos a reivindicar. Acreditamos em um mundo novo que se aproxima, alimentado pelo otimismo na capacidade de mudança e nas linhas de fuga que acompanham os sujeitos.

Portanto, a partir da cartografia, podemos adentrar nas narrativas dos ativismos feministas que capturam devires políticos e feministas, em suas artes de lutar, aprender e ensinar. O devir é um acontecer constante, onde o que é capturado não permanece o mesmo; em um processo contínuo, surgem novos devires-outros que capturam novos agenciamentos e práticas, atuando de maneira intrínseca na luta contra o sistema patriarcal.

Esses devires-outros não apenas contestam o status quo patriarcal, mas também desafiam e reconfiguram as próprias práticas e estratégias do ativismo feminista, voltadas às subjetividades das mulheres, como exemplificado pelo conceito de água-devir mulher discutido nesta dissertação. Isso traz uma perspectiva única à pesquisa devir-mulher,

centrando-se nas questões sociais e experiências das mulheres cabanas. Ao mapear esses movimentos através da cartografia, não apenas documentamos suas transformações ao longo do tempo, mas também compreendemos como diferentes formas de resistência e empoderamento são continuamente redefinidas e reinventadas. Assim, a cartografia não se revela apenas como uma ferramenta analítica, mas como um método de participação ativa na construção de um por vir feminista.

Ao destacar as artes de existência, reconhecemos a importância da educação e dos ativismos feministas como forças transformadoras na sociedade, especialmente diante do aumento das violências que ameaçam os direitos e a própria existência das mulheres. Evidenciamos assim a valorização da educação como um meio pelo qual as mulheres podem reivindicar seus direitos e vivenciar/construir espaços onde suas vozes sejam ouvidas e respeitadas.

Esse processo subentende que o ensino superior vai além da mera aquisição de conhecimento; em contextos formais e informais. De acordo com essa perspectiva, como afirma Larrosa (2021), a experiência é algo que nos acontece, e, em certos momentos, quando encontra alguém capaz de dar forma a esse tremor, ela se converte em canto. Ou seja, a experiência torna-se um ato de narrar a si, de contar a própria história e, assim, tornar-se ouvida. No entanto, como o autor enfatiza, nem sempre somos capazes de dar forma a essa experiência e transformá-la em algo significativo, como um canto. Para que possamos nos transformar e evoluir, é preciso estar aberto ao encontro e à experiência, sendo capaz de moldar esses elementos e convertê-los em algo novo e significativo.

Esse conceito está diretamente relacionado às ações e transformações que acompanham a experiência do devir-mulher, um processo contínuo de autoinvenção que é essencial para a construção de novas subjetividades femininas. Assim, a educação e o ativismo se entrelaçam como práticas que não apenas resistem às opressões, mas também criam caminhos-outros, abrindo insurgências de transformação e potencializando novas formas de existência e resistência.

Assim, o movimento feminista não apenas desafia estruturas de poder opressivas, mas também constrói redes de solidariedade e sororidade que fortalecem as mulheres em suas lutas diárias. Portanto, a interseção entre educação, ativismo feminista e práticas de resistência oferece um caminho promissor para a transformação social, e este trabalho busca contribuir e

amplificar as vozes e experiências dessas mulheres, algo, portanto, a reverberar nesses cantos e escrituras de devir-mulher.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CÂMARA, G. **Cartografia social: metodologias, técnicas e práticas de pesquisa**. Editora UFJF, 2019.
- D'ÁVILA, Manuela. **Por que lutamos?: um livro sobre amor e liberdade**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, G. E GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor**. Editora Perspectiva, 1995.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles. E GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** vol. I. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DELEUZE, Gilles. E GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** vol. IV. Rio de Janeiro: Ed. 34, Letras, 1997.
- DELEUZE, Gilles. PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1997.
- DINIZ, Debora; GEBARA, Ivone. **Esperança Feminista**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.
- DUBAR, C. A socialização. **Construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. 2004.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 1994.
- hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2021.
- hooks, bell. **Teoria feminista**. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ : Vozes, 1997.
- LIRA, Christiane Costa; **Agenciamentos Políticos-Literários no Coletivo de Mulheres: Multiplicidades e Devires**. Dissertação de Mestrado PPGEDUC 2021.

- MENEZES, Maria Isabel de. **Feminismo e prática política: as práticas feministas na universidade**. Cadernos Pagu, n. 36, p. 61-88, 2011.
- MIGUEL, L. Felipe. BIROLI, Flávia. **Feminismo e política: uma introdução**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo: 2014.
- RAGO, Luiza Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções subjetividades**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro Pólen, 2019.
- STUBS, Roberta. **Devires de um corpo-experiência**. 1. ed. - Curitiba: Appris, 2019.
- SOLNIT, Rebecca. **A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre os novos feminismos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- SOUSA, Janice. T. P. de. **A experiência contemporânea da política entre jovens do sul do Brasil**. Buenos Aires: CLACSO, 2014.
- SOUZA, R. M. de. **Cartografia, educação e feminismos: a produção de conhecimento crítico em tempos de resistência**. São Paulo: Editora Autêntica, 2019.
- TIBURI, Marcia. **Feminismos em comum: para todas, todes e todos**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Rosa do tempo, 2021.
- WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.
- ZAMBENEDITTI, GUSTAVO; SILVA, ROSANE (2011) “**Cartografia e genealogia: aproximações possíveis para a pesquisa em psicologia social**”, *Psicologia e Sociedade*, 23, 454-463.
- VEIGA-NETO, Alfredo. **É preciso ir aos porões**. Revista Brasileira de Educação. Vol 17, 2019.

APÊNDICE A - PERGUNTAS REALIZADAS AS EGRESSAS E ALUNAS

ROTEIRO INDIVIDUAL ALUNAS

1. Como foi sua trajetória de vida, até entrar na universidade. (Fale um pouco de você).
2. Quais são as principais barreiras e desafios que ainda enfrenta/enfrentou durante o seu processo de formação?
2. Você se identifica como feminista? Se sim, teria alguma abordagem de feminismo que você mais se aproxima?
3. Você já sentiu algum tipo de preconceito ou tendência de gênero dentro da sala de aula ou na instituição de ensino?
4. Como a universidade ajudou a construir os conhecimentos e suas vivências feministas?
5. Como você percebe a presença de mulheres no currículo de seu curso?
6. Como as questões de gênero, raça e classe social estão sendo abordadas em seu processo de formação? Considera influente em sua formação como profissional e cidadã?
7. O que você diria a outras mulheres que estão adentrando a universidade ou que desejam entrar?

ROTEIRO INDIVIDUAL EGRESSAS

1. Como foi sua trajetória de vida, até entrar na universidade e posteriormente (Fale um pouco de você).
2. Como você se auto identifica como mulher feminista? Teria alguma abordagem de feminismo que você mais se aproxima?
1. Quais foram as principais barreiras e desafios que você trava durante o seu processo de formação e entrada no mercado de trabalho?
2. Quais foram os principais desafios que você sentiu como mulher feminista em sua área de atuação?
3. Como a universidade ajudou a construir os conhecimentos e sua vivência feminista?
4. Quais são as principais questões feministas que você está trabalhando em sua profissão?
5. Como você lida com o sexismo e o preconceito em seu trabalho?
6. Como sua perspectiva feminista afeta sua abordagem ao trabalho e à vida?
7. O que você diria para mulheres jovens que desejam seguir uma carreira com práticas feministas?

ANEXO B- TERMO DE CONSENTIMENTO ENTREGUE AS NARRADORAS



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS-CAMETÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CULTURA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- (TCLE)

Concordo em participar, como voluntário(a), do estudo que tem como pesquisador(a) o(a) docente LUCIETE CARDOSO POMPEU, do programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC), da Universidade Federal do Pará (UFPA), que está desenvolvendo a pesquisa de dissertação de Mestrado intitulado: **DEVIR-MULHER, INSURGÊNCIAS FEMINISTAS EM ESPAÇOS FORMATIVOS DA UFPA/CUNTINS: educação, arte, resistência., sob orientação da Prof.ª Dr.ª Gilcilene Dias da Costa**, sendo que o trabalho tem por objetivo a finalidade de pesquisa acadêmica na área da Educação e Gênero. Vale ressaltar que sempre que considerar oportuno, posso entrar em contato, através do E-mail do(a) pesquisador(a) (lucyycardoso@gmail.com).

Tenho ciência de que o estudo pode ser realizado por meio de observação, questionário, entrevista e/ou solicitação de documentos, com data, local e hora agendados anteriormente. Minha participação consistirá em fornecer as informações necessárias que poderão ser gravadas e transcritas, por meio de gravadores, fotografias ou outros recursos tecnológicos necessários. Entendo que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade, podendo inclusive me recusar a participar ou interromper minha participação em qualquer momento.

Caso se sinta desconfortável com algum questionamento, pode negar-se a respondê-lo ou fazê-lo noutra momento ou local que preferir. Além disso, estou ciente de que minha participação na pesquisa é livre e voluntária em todo o processo. Não receberei nenhum pagamento por esta participação, e que, o relatório final da pesquisa, bem como a socialização dos resultados em revistas científicas, periódicos, congressos ou simpósios apresentarão os dados em seu conjunto de modo que não será possível a identificação do (a) entrevistado (a), se for o caso.

Li e sou consciente deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceito participar. Para tanto assino este documento juntamente com o(a) pesquisador(a) para a confirmação do compromisso assumido por ambas as partes, sendo que cada um/a delas/as ficará com uma cópia.

Cametá, ----- de 2023.

Nome do(a) entrevistado(a)

Nome do(a) pesquisador(a)

Link para acesso aos termos das respectivas entrevistadas desta pesquisa:

https://drive.google.com/drive/folders/1skWQ4GwVA88aO5I3-b-HnHoZ6RHFNBG0?usp=drive_link